

Stella Maris Rezende

❧
A sobrinha
do **poeta**
❧

ilustrações
Soud



dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)



A sobrinha do poeta



Copyright © 2012 Editora Globo S.A.
Copyright do texto © 2012 Stella Maris Rezende
Copyright das ilustrações © 2012 Soud

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Gerente editorial Cecília Bassarani
Editora Camila Saraiva
Assistente editorial Lucas de Sena Lima
Editora de arte e projeto gráfico Adriana Bertolla Silveira
Editor digital Erick Santos Cardoso
Diagramação Gisele Baptista de Oliveira

Preparação Virginia Finzetto
Revisão Ana Maria Barbosa e Huendel Viana
Ilustrações Soud
Produção para ebook Fábrica de Pixel

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rezende, Stella Maris
A sobrinha do poeta / Stella Maris Rezende ;
ilustrações Soud. – 1ª ed. – São Paulo :
Globo, 2012.
6.124 kb; ePUB

ISBN 978-85-250-5171-4

I. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Soud.
II. Título.

12-01994

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

1ª edição, 2012

Este livro ganhou o Prêmio Bolsa para Autores com Obra em Fase de Conclusão da Fundação Biblioteca Nacional.

Os personagens e as situações desta obra são ficcionais e não se referem a pessoas e fatos concretos, embora os escritores citados tenham existido de verdade.

Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1.485 - Jaguaré
São Paulo - SP - 05346-902 - Brasil
www.globolivros.com.br

Stella Maris Rezende



A sobrinha
do poeta



ilustrações
Soud



Sumário

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[As pessoas e as circunstâncias](#)

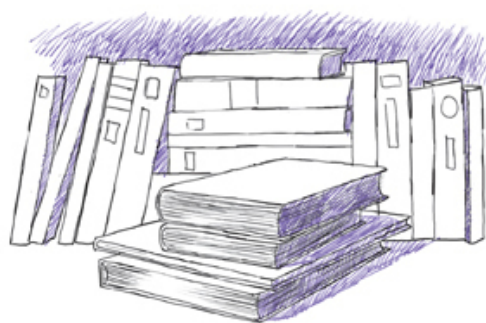
[Um ritmo de liberdade](#)

[Algumas revelações](#)

[A casa, poema de Emílio Moura](#)

[Sobre Emílio Moura](#)

[Sobre a autora](#)



Para Viviane Basile,
que ama bibliotecas.





As pessoas e as circunstâncias

Sabe-se que as folhas de cada livro elas mesmas se arrepiam de medo das próprias coisas de livro escritas no susto delas. Afinal, tudo ali registrado foi por meio de uma ordem numa desordem de um revestrés. O ideal seria vender pão de queijo.

Mas como viver sem enredar?

Embondado de aventura, tudo no encalço dos originais do Emílio Moura, poeta que foi amigo do Drummond. É de ver que a vida carecia da casa, do sol na cortina, do tempo, da memória, mais o vento do mistério. A vida não continuava, se ele não encontrasse os originais do Emílio Moura, mais do que provado que existiam. Se houve os quatro cavaleiros do apocalipse — Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Fernando Sabino —, também houve os dois senhores da elipse, Emílio e Drummond, que em Belo Horizonte viviam de algum proseio e dezenas de xicrinhas de café na Confeitaria Estrela, Rua da Bahia, e no Café Serra da Saudade, Rua Dores do Indaiá. Depois, Drummond foi morar no Rio de Janeiro e Emílio voltou pra Dores do Indaiá, a cidade, oeste de Minas. Famoso ficou o de Itabira. Mas o de Dores? Sentia-se na obrigação de dá-lo a conhecer.

Ele sabia que havia os originais. Com eles, descortinaria o poeta nascido junto à Serra da Saudade. O próprio Drummond afiançara sobre o talento do amigo que tinha um *ar de cegonha tímida*, tantas vezes, por falado e por escrito.

Por isso, ele precisava encontrar os originais.

O problema é que — e disso só ele sabia — a pista que o levaria aos originais de **A Casa** fora escondida, em páginas esparsas, dentro de livros da biblioteca da Escola Umbelina Gomes, especificamente naqueles que ficavam numa certa sexta estante.

Então, obstinadamente, ele procurava.

E enquanto procurava, escrevia coisa ou outra, pra dar um alento ao escritor que ele era e que jamais teria coragem de escrever e publicar livros, embora também tivesse nascido em Dores.

Espia: num poema da Cecília Meireles apareceu mais um verso, finalizando de novo o que já estava por ela terminado, num atrevimento de continuar o que se findara tão bem. Outro exemplo: num conto do Machado surgiu uma personagem sem mais nem menos. Estava ali na página 71, fincada na frase **Chegou de súbito a Coisinha com um xale preto**, no canto direito, com canetinha iriscor. E a Coisinha fazia uma pergunta estúrdia, que não condizia com o enredo dos fatos dos passos dos acontecimentos.

Alguém se atrevia a cutucar narrativas. Alguém se esmerava em aluir poemas. Tudo isso naquela estante, a sexta, na sexta prateleira de baixo pra cima, diante da janela de vidro bisotê.

A moça da biblioteca, professora alegrinha, nem enrugava a testa. Achava era muito açulador interessante engraçado alguém ter a catilogência de escrever coisa ou outra nos livros. Ela dizia bem assim: muito engraçado. E ia preparar os cartazes pra avisar sobre um curso de corte e costura. Gente ou outra perguntava: curso de corte e costura na biblioteca? Onde já se viu? Leodegária Moura, com os olhos verde-crê: podia ser corte e costura de roupa, como você está pensando, mas é curso de escrita mesmo, sabe? Quem quiser escrever pode se inscrever. Corte e costura é o que se precisa fazer, no molde com as palavras.

Vai daí que. Danou a suceder muita coisa. Fico até esmaecida de pensar no tanto de coisa que aconteceu em Dores. Coisa boa e coisa triste e coisa estranha. Coisa e mais coisa.

Eu posso deixar de contar.

Mas eu não posso deixar de contar.

Não demorou muito pra maioria das pessoas encafifar com aquela biblioteca. Por modo de todo mundo assuntar que tinha coelho naquele mato biblioteca. Que tinha carço naquele angu biblioteca.

Bota reparo: as mulheres donas de casa pararam de conversar sobre empregadas, pontos de bordado e receitas de bolo. Também pararam de conversar sobre novelas de rádio e televisão. Sobre doença de marido, viagem de genro, desaforo de vizinha. Sobretudo, pararam de conversar sobre morte.

— Muito engraçado elas pararem de conversar sobre morte.

Dizia Leodegária, espalhando sobre um tapete maciinho os livros novos que havia comprado com dinheiro de rifa. E acrescentava:

— Morte foi sempre o assunto preferido delas, eu até encabulava com isso, me dava um arrepio, Jesus valei-me.

Coincidia de completar:

— Muito engraçado esse vazo que as mulheres têm de conversar sobre morte. Elas sempre arrumam um túmulo no meio de uma prosa. Por que será? De qualquer modo, é muito engraçado.

Muito interessante era que, aos poucos, mulheres e mais mulheres começaram a conversar sobre biblioteca. Especificamente sobre uma estante, a sexta, e sua sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê. As mulheres não saíam dessa estante, só

falavam dessa estante, e sua sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê. Não que todas elas vivessem lendo na biblioteca e de repente descobrissem o atrevimento de uma aliagem. Esquece. As mulheres liam pouco. Não passavam de revistas sobre nada vezes nada noventa e nada. Às vezes, uma página de jornal com notícia em caixa-alta. Ou bulas de remédio. Evidentemente, muitas bulas de remédio.

— **Elas entendem muito de doença**, vão muito à farmácia e gostam de ler bulas de remédio... Muito engraçado.

Dizia Leodegária Moura. Dizia pro letreiro de uma loja antiga sempre fechada. Um escrito: armarinhos. Leodegária tinha o vício de olhar pro letreiro dessa loja antiga sempre fechada e dizer coisas que tinha vontade de dizer, sem nenhuma intenção de obter resposta ou comentário, apenas dizer.

Sempre fechada, a loja se resumia em dizer armarinhos. Ninguém entrava, ninguém saía.

Sabe-se lá se lá ainda havia alfinete, elástico, retrós de linha, colchete, gorgorão. Armários pequenos contendo miudezas, armarinhos.

Mas pra Leodegária era muito agradável o letreiro armarinhos. Assim proclamando tão somente armarinhos. Dava-lhe uma alegria divina passar na frente da loja sempre fechada e dizer pra ela o que tinha vontade de dizer.

Principalmente porque Leodegária adorava dizer que adorava dizer o que tinha vontade de dizer. Exemplifico: num dia de palestra na biblioteca, no momento de apresentar o conferencista escritor comunicativo, Leodegária assim falou, com o cabelo solto nos ombros:

— Tenho a honra de apresentar o autor do livro *O caso da blusinha de listras*. Ele veio pra conversar sobre

o livro, que vocês leram aqui na nossa biblioteca. Estamos felizes com a sua presença...

Ela disse, fitando o autor do livro. E mais disse:

— Senhor Júlio Couto, os leitores dessa biblioteca apreciaram muito *O caso da blusinha de listras*. Quero dizer que eu também li o livro e me lembrei do poema do Carlos Drummond, aquele do vestido.

E ainda disse:

— Eu adoro dizer o que tenho vontade de dizer: querido Júlio Couto, o seu livro é um primor.

O autor ficou emocionado. Ele visitava muitas escolas, mas aquela biblioteca lhe pareceu singular. Seria por causa da professora que disse que adorava dizer o que tinha vontade de dizer?

Os leitores bateram palmas e em seguida o escritor começou a palestra. Não bem uma palestra, mas uma conversa agradável informal apetitosa. Apareceu pergunta de todo tipo, desde: pra fazer a Lindaura, o senhor se inspirou no filme *...E o vento levou?* Até: o senhor prefere jabuticaba ou araçá?

No final, Leodegária serviu café e biscoito de queijo. Oferta da Confeitaria Nossa Senhora das Dores.

Mas os dias iam passando, e o caso da sexta estante e sua sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê ia virando o assunto mais falado conversado comentado do lugar. Porque nos livros dessa estante, a sexta, e sua sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê, alguém desembestara a escrever mais coisa e coisa e coisa. E mais coisa e coisa e coisa. Tudo no encalço do poeta alto e magro, dos originais dele, da prova de que Emílio Moura, o de cegonha figura, escrevera um livro de versos, um longo poema que merecia ser lido pelo menos uma vez. Cabia a ele a tarefa de achar e mostrar a tal prova. E ele sabia que tudo começava na estante diante do vidro bisotê. Só

a ele fora confiado o segredo do esconderijo e, por haver merecido a confiança, não podia desanimar.

As mulheres eram as que mais falavam sobre esse caso. Pararam de conversar sobre morte, elas que adoravam túmulos defuntos caixões.

— Menina do céu, quem será que entra na biblioteca no intento de espichar um assunto ou outro nos livros?

— Isso é coisa de afoito.

— A minha Liramar falou que teve um dia a tal pessoa escreveu dez linhas depois do terceiro capítulo do... do... *Dom Casmurro*, isso, *Dom Casmurro*... Eta nome estúrdio.

— O meu Anselmo me contou que teve um dia o tal afoito colocou uma pergunta doida no meio de um conto de um livro que fala de baile... Deixa eu ver se eu lembro direito do nome do livro... Espera aí, era um tal de baile... Uma coisa que aconteceu antes do baile, sabe? Não lembro direito, que raiva. Mas eu lembro do nome da escritora, uma tal de Lígia. Gravei o nome dela por causa da minha avó Lígia.

— Ainda bem que a gente mora neste fim de mundo! Ninguém nunca vai saber que aqui tem um avantesma que mexe nos livros da biblioteca e faz uns acrescentamentos, eta diacho.

Como se viu, até agora, porque mais tarde tudo pode mudar, as mulheres não foram ler os livros da biblioteca. Não viram as frases acrescentadas. Quem contava tudo eram os filhos, meninos e meninas da escola. Que iam pra biblioteca todo dia. E todo dia, viam Leodegária Moura. Que mostrava os livros. Que apontava as frases acrescentadas sempre com canetinha iriscor.

Leodegária lia os acréscimos e dava as devidas explicações. As meninas e os meninos ainda não haviam começado a ler a Lygia nem o Machado, ficavam sabendo dos livros deles por intermédio de Leodegária Moura, que

adorava dizer o que tinha vontade de dizer. E costumava dizer:

— Vai chegar a hora de vocês lerem o Machado de Assis e a Lygia Fagundes Telles. A gente muda. A gente transmuda. A gente lê outras coisas, com o passar do tempo.

E ainda dizia:

— Mas tem uma pessoa aqui em Dores que já se interessa por esses livros de literatura, e essa pessoa vem aqui e lê os livros e depois acrescenta coisas nos livros. Quem será essa pessoa? Vocês têm alguma ideia de quem possa ser?

Os meninos e as meninas ainda não faziam conjecturas, porque não conheciam ninguém adulto que gostasse de ler. Com exceção de Leodegária Moura, a mesma esta que lhes fez a pergunta: vocês têm alguma ideia de quem possa ser?

Por causa desse detalhe, uma menina um dia disse:

— Leodegária, só pode ser você, ara mas tá!

Ela riu. E foi e disse:

— Quem dera eu desse conta de escrever aquelas coisas.

A menina ainda falou:

— Você é sobrinha-neta do Emílio Moura, Leodegária... Você tem sangue de artista.

Leodegária:

— Sou sobrinha-neta do Emílio Moura, é verdade. Mas isso não me garante a arte no sangue, infelizmente.

A menina:

— Emílio Moura...

O olhar verde-crê:

— Meu tio-avô.

Quando se pensava nisso, que a moça da biblioteca, Leodegária Moura, era sobrinha-neta do Emílio Moura, vinha rente a ideia de que era ela quem

acrescentava coisa ou outra nos livros. Afinal, trabalhava na biblioteca, gostava de ler e podia ter herdado a vocação do tio-avô.

Leodegária dizia:

— Eu queria ter nascido com o dom da poesia. Mas quem sou eu...

O namorado dela, o João Francisco de Almeida, costumava argumentar:

— Gária, o dom da poesia serve pra quê?

Leodegária respirava fundo. Pensava em terminar o namoro naquele exato momento minuto instante. Mas gostava de namorar. E todos os moços de Dores se pareciam com o João Francisco, todos eles não entendiam nada de romance ou poesia, só pensavam em ganhar dinheiro com o negócio de gado.

Ela emprestava os livros. Mas cadê que eles liam. Tinham sempre uma desculpa:

— Ô Gária, a gente tem muito serviço, não sobra tempo pra leitura; de mais a mais, leitura de poesia e romance é puro embondo de nove-horas.

Ou:

— Larga a mão disso, Gária, a gente carece é de ganhar dinheiro.

— Empresta pro João Francisco, o seu namorado, ele que trate de fazer esse gosto pra você.

Leodegária queria descobrir algum moço diferente, que gostasse das coisas de que ela gostava. Mas cadê que descobria. Eram todos muito parecidos os moços de Dores. De como se em Dores inteira houvesse novecentas e trinta e cinco cópias de João Francisco de Almeida. E os todos João Francisco de Almeida repetissem pra ela: a gente carece é de ganhar dinheiro.

Pois bem. Não podia ser nenhum dos moços. Os mais velhos, então, nem pensar, porque, pelo menos até onde se sabia deles, os tais mais velhos só gostavam de

dormir na rede, jogar truco na pracinha ou beber pinga no Bar do Clarindo. E acontecia uma coisa dificultosa: as outras professoras, as colegas de Leodegária Moura, as que ficavam nas salas de aula, gostavam de ler, mas moravam em São Gotardo, só iam a Dores pra dar aula e depois voltavam pra São Gotardo: até amanhã, viu, gente? Boa noite pra todos vocês.

Quem escrevia os acrescentamentos escrevia de noite, depois que a Leodegária trancava a biblioteca.

Portanto, nenhuma professora de São Gotardo poderia ser a autora do feito bem-feito. Nenhum outro adulto da cidade, como já foi esmiuçado. Sobrava mesmo a moça da biblioteca, a de olhos verde-crê. Que, sendo sobrinha-neta de quem era, tinha tudo pra ser a pessoa indivídua criatura que entrava na biblioteca, durante a noite, e escrevia o que tinha vontade de escrever.

Ara mas tá. Ainda mais que ela dizia que adorava dizer o que tinha vontade de dizer. Vai daí então, as mulheres donas de casa achavam que ela escrevia nos livros e ponto-final. Ela escrevia e fazia de conta que não escrevia. Decerto, pra criar uma história. Ela que adorava uma história.

Vai ver foi um modo que a Leodegária Moura inventou pra chamar a atenção do povo. Fazer o povo querer entrar na biblioteca. Entrando na biblioteca, pra bisbilhotar os escritos acrescentados, o povo podia começar a gostar de ler.

Olha só como essa moça é ladina.

As mulheres na latomia:

— Ladina demais da conta!

— Ela escreve e depois pergunta quem será que escreve.

— Sabidência dela...

— Tudo isso só pra atiçar a curiosidade da gente...

— Mas ela pode tirar o fogo da trempe!

— A gente não vai cair nessa conversa de uns benditos escritos! Ara mas tá. Faltava só essa. Quem não te assunta a indumentária que te convida pra entrar.

Na casa de Das Mercês:

— Mãe, não pode ser a Gária a autora dos escritos.

— Só pode ser ela.

— A Gária trabalha demais o dia inteirinho, duvido ela ter disposição pra ficar na biblioteca de noite também.

— Só a Leodegária Moura ia querer perder tempo com esse embondo de escrever mais coisa ou outra nos livros que já estão prontos lá na estante.

— Eu fico imaginando... Quem será?!

— Só pode ser ela, eu já disse, Das Mercês.

Afiançou dona Nenzinha, colocando mais alho e pimenta-do-reino na carne pro almoço.

— Claro que não é ela...

— Só pode ser ela.

— Pode ser uma assombração, Virgem Mãe Nossa!

— Que mané assombração, menina. Você só pensa em assombração, Divino Pai Eterno.

— Já pensou uma assombração que escreve de noite na biblioteca? Fico arrepiadinha de medo...

— Quem escreve é a Leodegária Moura. A mim ela não engana.

— Pode ser uma assombração... Ai...

Das Mercês com o rosto contraído de medo arrepio pavor.

Na casa de Mariinha:

— Ô Mariinha, por que você não fica escondida na biblioteca, depois do expediente?

Perguntou dona Jovelina, fazedeira de quitanda pra vender no armazém. E Mariinha:

— Pra quê, hem, mãe?

- Pra pegar a Leodegária no pulo.
- Sei...
- É ela que escreve nos livros, todo mundo já sabe.
- Todo mundo já sabe, é?
- Só pode ser ela, Mariinha. Ara mas tá.
- Sei.

Na casa de Polidora:

— Vó, a senhora devia de parar de fazer tanto forrinho de crochê. Por que não faz uma coisa diferente hoje? Ou que tal ficar de perna pro ar, sem fazer nada?

Vó Judite:

— Forrinho de crochê eu vendo. Com a venda de forrinho de crochê, eu garanto o sustento da casa.

— Não carece da senhora ficar assim tão preocupada com a venda de forrinho de crochê.

— Eu é que sei. Está tudo muito caro!

— Mas a senhora agora tem o seu Carlos... Ele ajuda na despesa.

— Não gosto de depender dos cobres dele.

— Então a senhora vai ter que trabalhar o resto da vida?

— Que eu saiba, a gente não ganhou na loteria.

E vó Judite de repente lambia os beiços:

— E o caso dos escritos nos livros, hem? Só pode ser a Leodegária Moura...

Polidora balançou os brinquinhos de ouro:

— Não sei, vó...

— Vai comprar mais linha pra mim, vai. Desta cor aqui, ó. Leva um fiapinho de amostra.

Polidora ia pro armazém. Comprava linha no armazém. Porque na loja de armarinhos fazia muito tempo ninguém comprava nada. Havia mais de dez anos. No letreiro estava escrito armarinhos. E nada mais se podia ver, além do escrito armarinhos.

Na casa de Cândida:

— Minha filha, me conta uma coisa, a Leodegária tem o vazo de espichar os olhos pra montanha e ficar com cara de madalena arrependida?

— Hem?! Embondo é esse, pai? Cara de madalena arrependida...?

— Cara de quem errou e se arrependeu.

— Ah... Cara de madalena arrependida... Por causa da Madalena da Bíblia? A que foi defendida por Jesus?

— Pois é. A Leodegária... Ela tem o vazo de fincar os olhos na montanha e...

Cândida procurou se lembrar e disse:

— De fato, a Gária gosta de olhar pra montanha, pra Serra da Saudade, mas não tem cara de madalena arrependida de jeito nenhum. A Gária tem cara de alegria pura concebida sem pecado original.

— Essa moça é muito estúrdia, viu, Cândida?

— Pai, eu tenho pra mim que todo mundo é estúrdio aqui em Dores.

Seu Cassiano Alvalade, o pai de Cândida, parou de tomar café. Pegou um pedaço de pão e não comeu. Ficou quieto, cismarento.

— O que foi que você disse, Cândida?!

Cândida continuou comendo bolo e tomando café com leite.

— Eu disse que todo mundo é estúrdio aqui em Dores. Melhor dizendo, todo mundo é estúrdio no mundo todo.

Seu Cassiano Alvalade não se moveu.

Cândida café com leite e bolo:

— Todo mundo, quer dizer, qualquer pessoa é estúrdia, viu, pai?

Seu Cassiano estátua.

Bolo e café com leite:

— Gente é bicho muito difícil da gente entender, vive dizendo a Mariinha. E a Mariinha está certa. Portanto,

qualquer pessoa pode ser a autora dos escritos na biblioteca. Qualquer pessoa pode ir pra lá de noite e danar a escrever os acrescentamentos.

Seu Cassiano se recompôs. Respirou fundo. Bebeu dois goles de café.

— Ô Cândida...

— Fala, pai.

— Você tem razão. Você mesma poderia ser a pessoa que vai pra lá de noite e dana a escrever os acrescentamentos.

Cândida riu baixo. Fitou os olhos tristes do pai.

— Eu...

— Você vive medindo rua.

— Meço com uma régua bem rente na tristeza dos seus olhos, viu, pai?

— A tristeza dos meus olhos tem quantos quarteirões?

— Uma boa alegria pode aparecer numa esquina.

Seu Cassiano Alvalade riu alto nervoso contrafeito. Depois, comeu um pão inteiro. Cândida comeu mais uma fatia de bolo. Bebeu mais café com leite.

Era de ver que os dias foram passando. E quanto mais o tempo passava, mais as mulheres de Dores ficavam impressionadas com o que os filhos diziam sobre os acrescentamentos nos livros da biblioteca da Escola Umbelina Gomes, os da sexta estante e sua sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê.



— Tio Pedro, apareceu mais um escrito, desta vez num livro do Manuel Bandeira.

— Manuel...?

— Manuel Bandeira. Numa poesia que ele escreveu sobre um porquinho-da-índia, que foi a primeira namorada dele.

— Como é que é?! A primeira namorada dele? O homem era um depravado.

— Nada disso, tio. O senhor carece de entender a poesia de um jeito outro.

— Que jeito outro? Eu só entendo do jeito que tem que ser entendido, uai. O tal Manuel Pereira...

— Manuel Bandeira.

— O tal Manuel Bandeira escreveu que a primeira namorada dele foi um porquinho-da-índia.

— Mas ele não quis dizer só isso. Não quis dizer apenas que a primeira namorada dele foi um porquinho-da-índia. Não assim de um jeito só, pra todo mundo pensar de um jeito só.

- Não quis dizer apenas uma coisa que costuma acontecer com tudo quanto é menino que mora em roça e é criado perto de égua e cabrita?
- Não quis dizer só isso...
- Escrito de poesia é coisa complicada, então.
- É. É coisa complicada.
- Eu não dou conta de poesia, viu, Jurandir?
- Nem eu, tio Pedro. Mas eu gosto.
- Gosta de uma coisa que não entende?
- Poesia é pra gente sentir, e não pra dar conta, sabe? Numa comparação, o senhor gosta da tia Jovita, não gosta?
- Gosto muito da sua tia, você sabe.
- E o senhor entende a tia Jovita?

Dores mudava, olha só que coisa. Aos poucos, todo mundo conversava sobre livros. Embora nenhum adulto gostasse de ler. Com exceção da moça da biblioteca, a professora Leodegária Moura. Que morava sozinha numa casa da Rua Morro das Oliveiras. À noite, depois da janta, acendia a luz do alpendre de frente pra rua. E ficava pensando. Quem será que escreve nos livros da sexta estante, na sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê? Ela ficava pensando. Vivendo de vontade de descobrir quem fazia, com letra de forma, a tal façanha literária noturna madrigal.

Havia um modo de saber. Não por meio de um guarda-noturno, é claro. A escola não dispunha de um luxo desse. Mas por meio da própria Leodegária, ara mas tá. Bastava que vigiasse a biblioteca, durante toda a noite, por algumas noites seguidas. Numa noite dessas, a pessoa que escrevia seria descoberta.

Mas Leodegária Moura acordava muito cedo, trabalhava de manhã e de tarde, ficava cansada demais da conta, cadê que tinha ânimo de ir vigiar a biblioteca. Além disso, gostava da ideia de adiar a descoberta.

Quanto mais demorasse a descobrir, mais sentiria aquela coisa festosa de querer descobrir. O mistério era uma delícia.

Portanto, Leodegária Moura não tinha muita pressa em descobrir. Nem dava a ninguém a ideia de procurar um jeito de descobrir.

O mistério era uma delícia.

Numa casa com buganvílias no jardim da frente:

— Dorinha, apareceu mais uma frase, desta vez num livro da Clarice.

— Clarice...?

— Lispector.

— Lis...

— Lispector. Clarice Lispector.

— Clarice Lispector. A gente tem que ser exibida pra falar Clarice Lispector.

— A frase estava escrita antes do começo do conto que tem o título de “Felicidade clandestina”.

— Felicidade o quê?

— “Felicidade clandestina”. Clandestina é uma coisa feita às escondidas, a Gária explicou.

— Coisa feita às escondidas, é?

— Já ouviu falar em viajante clandestino?

— Acho que já... Mas não lembro direito o que é.

— Viajante clandestino é aquele que viaja escondido, por exemplo, num navio, sem autorização pra viajar.

— É de vera. Lembrei agora de um caso do seu vô Olinto... Parece que viajou de clandestino uma vez.

— Viajou pra onde?!

— Não lembro, Terezinha.

— Você carece de lembrar, Dorinha!

— Vou perguntar pra sua tia Márcia, ela deve de saber.

— A tia Márcia volta quando de Bom Despacho?

— Depois de amanhã, acho. Ô Terezinha, você precisa conversar mais com a sua tia.

— A tia Márcia me odeia.

— Misericórdia de Deus...

Dorinha terminou de descascar os legumes pra janta. Terezinha caminhou até a janela da cozinha, olhou pro jardim dos fundos, tornou a olhar pra Dorinha e disse:

— Eu sei que a tia Márcia me odeia.

Numa outra casa, com portão de ferro batido:

— Lilica, essa pimenta no franguinho ficou bom demais.

— A senhora gostou de vera, dona Geralda?

— Nossa! Ainda mais que eu vou comer com angu e quiabo.

— O angu já está esfriando na travessinha em cima da pia.

— Você é uma senhora cozinheira, Lilica. A segunda melhor cozinheira de Dores.

— A primeira é a dona Jovelina, eu sei.

— Não tem ciúme, quando todo mundo fala que a Jovelina é a primeira?

— Ciúme nenhum. Cozinhar não é a coisa que eu mais gosto de fazer na vida.

— O que você mais gosta de fazer na vida...?

— É cuidar do meu filho, a senhora sabe.

— Sei, sim... Calor hoje! Ô Lilica, você de repente fica com uma cara esquisita.

— Preocupação com ele, dona Geralda.

— Preocupação com filho. Coisa que não acaba, então.

— Pois é. Não acaba mesmo. Só aumenta.

— Quer me contar o que é desta vez?

— Problema lá na escola.

— Na biblioteca da escola?

— Como é que a senhora sabe?

— Todo mundo já sabe, Lilica.
— Que coisa, dona Geralda...
— Todo mundo já sabe desse caso... Que tem uma pessoa que escreve nos livros, decerto de madrugada.
— Não é de ver que o meu filho está endoidando com esse caso?
— O Gabrielzinho?
— Ele deu pra ter pesadelo com o autor dos escritos. E acorda assustado, suando, gritando que o autor falou uma coisa horrível no ouvido dele.
— Uma coisa horrível?
— O Gabrielzinho não explica que coisa horrível é essa.
— Lilica de Deus, isso está ficando sério.
— Também acho, dona Geralda. Tudo culpa da moça da biblioteca.
— A Leodegária...
— Bem diz a dona Vivita da Padaria: essa daí não me engana, cremdeuspai.
— Leodegária Moura, sobrinha-neta do Emílio Moura.
— Só anda de calça comprida, vai de bicicleta pra escola, o cabelo sempre solto...
— Ela devia pelo menos prender o cabelo!
— Prender o cabelo num coque, isso mesmo.
— Pelo menos daria um ar de etiqueta.
— Aquela lá não gosta de etiqueta. Aprecia mesmo é andar livre, bem livre, sem dar satisfação pra ninguém.
— Modernosa, pois é.
— Tem hora eu acho que a gente devia de fazer um abaixo-assinado, sabe, dona Geralda? Um documento que tenha o poder de mandar essa professora pra bem longe de Dores, de preferência, pra Santana do Garambéu!

Nas casas todas de Dores, o caso dos escritos ia tomando as indevidas proporções. Cada um levava o

caso pra suas angústias mais íntimas secretas recônditas. Por exemplo, quem tinha medo da loucura falava em loucura. Quem tinha medo de assombração falava em assombração. Quem tinha medo da tristeza falava em tristeza.

Quem tinha medo da verdade:

- Laerte, queima este documento.
- Padrinho, o senhor tem certeza?
- Certeza absoluta. Queima este documento.
- Mas...
- Não temos outra saída.
- Na verdade, não temos.
- Ninguém pode saber disso, Laerte. Ia ser o fim da nossa família.
- A madrinha ia expulsar o senhor de casa.
- As minhas irmãs iam me condenar ao fogo dos infernos.
- E o que é o pior, o senhor ia pra cadeia em poucos dias!
- Queima este documento.

Quem tinha medo da solidão:

- Eu não disse pra você deixar esta janela fechada?
- Dalvino, o seu quarto já está com cheiro de mofo.
- E você com isso?
- Eu sou sua irmã, eu preocupo com a sua saúde.
- Me deixa em paz, Tetê.
- Você nunca mais saiu de casa...
- E você com isso?
- Eu sou sua irmã...
- Some da minha frente, Tetê.

Difícil dizer quem tinha mais medo da solidão, se a Tetê ou o irmão dela, o Dalvino. Difícil dizer quem tinha mais medo da verdade, se o afilhado ou o padrinho. O

certo era que o caso dos escritos mexia com os mais íntimos secretos recônditos pensamentos de todos. Porque o caso se espalhava, ia virando o tricô mais tricotado. Mesmo quando parecia que não estava se falando dele, o caso dos escritos estava de permeio no entremeio da conversa. Um exemplo:

— Polidora, eu nunca vou esquecer aquele dia.

— Que dia, Mariinha?

— Aquele dia que você falou que era o último dia de brincar.

— Esquece isso, Mariinha...

— Você mais a Cândida mais a Das Mercês... Vocês fizeram o meu coração ficar pequenininho naquele dia.

— Isso já faz um século, viu, Mariinha?

— Um século, pois é. Mas eu sinto como se tivesse sido faz pouca hora. O sentimento é uma coisa muito comandante.

— Só posso te pedir desculpa, mais uma vez. Eu fui mesmo uma boba naquele dia. Tudo por causa da minha vó Judite. A minha vó Judite tinha o vazo de dizer que a gente não devia de brincar com filha de mulher largada do marido. Ela dizia isso pra mim, pra Das Mercês e pra Cândida.

— A sua vó Judite... Agora ela namora um homem que largou a mulher e os filhos. E está muito feliz, não está?

— Está. Virou outra pessoa.

— Gente é bicho muito difícil da gente entender, eu não canso de repetir isso.

— E eu não canso de dizer que você está certa, Mariinha. Mas vê se esquece aquele dia, viu?

— Aquele dia que era pra ser o último dia de brincar...

— Mas não foi, benza Deus.

— Por causa do nosso sentimento de amizade.

— O sentimento.

— O sentimento é uma coisa muito comandante.

O caso dos escritos crescia em Dores. No início, ninguém podia imaginar que era o começo de muita coisa triste e estranha que iria acontecer. Coisa e mais coisa.

Perco o ar só de lembrar de certos momentos terríveis. Pormenores, aparentemente singelos, já anunciavam os momentos terríveis, mas as pessoas estavam distraídas. Acontece sempre assim. A gente demora a perceber os sinais de tragédia. Mas eles estão por toda a parte, minha madrinha Nossa Senhora de Fátima nos ajude.

Numa tarde quente de agosto, depois que Dores havia comemorado mais uma Festa do Rosário, a diretora da escola foi conversar com a moça da biblioteca.

— Dona Terenciana, seja bem-vinda! Nossa, a senhora só esteve aqui no dia da inauguração... Que bom que voltou hoje!

— Leodegária, precisamos conversar.

— Estou pensando em promover um festival de música. Gosta da ideia? Pra estimular o talento musical dos alunos, sabe? Temos alunos que gostam de cantar, tocar violão, guitarra, piano, violino...

— Precisamos conversar sobre os escritos.

— Um festival de música seria maravilhoso.

— Os escritos na tal sexta estante, na sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê.

— A gente armaria um palco no fundo do pátio.

— Leodegária!

— Sim, dona Terenciana.

— O que tem a dizer sobre os escritos nos livros da sexta estante?

— Misteriosa estante.

— O que tem a dizer sobre os escritos, Leodegária?!

— Por enquanto, que são muito açuladores.

Dona Terenciana, a diretora da Escola Umbelina Gomes, deu alguns passos pela biblioteca, observando os cartazes, as cortinas, o tapete com almofadas perto das estantes de livros infantis e juvenis. E argumentou:

— Eu tirei você da sala de aula, imaginando que quietaria o facho aqui na biblioteca.

Leodegária sorriu.

— Justo na biblioteca?

Dona Terenciana de repente fitou o rosto límpido de Leodegária:

— Eu pensava que biblioteca fosse lugar pra descanso, quietude, sossego de comportamento.

Leodegária firmou os olhos verde-crê nos olhos opacos de dona Terenciana:

— Mas biblioteca é lugar que atença.

Dona Terenciana se aproximou da sexta estante, da sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê. Pegou um livro. E disse, com uma voz aflita:

— Nem sei mais o que pensar sobre esse embondo de biblioteca. Estou zonha.

Leodegária se aproximou da diretora. Pegou também um livro da sexta prateleira da sexta estante.

— A senhora me ajuda a ver a novidade de hoje?

— A novidade de hoje...

— Vamos procurar. Os escritos estão sempre aqui na sexta prateleira da sexta estante.

— **O que pensa sobre esses escritos**, hem, Leodegária?

— São muito instigantes.

— Que mais?

— Penso também que... Bom, dona Terenciana, nós temos um escritor anônimo aqui em Dores.

— Isso todo mundo já sabe.

— Um autor anônimo, mas que aos poucos se revela nesses escritos.

— Se revela ou se esconde?

— Se revela e se esconde.

— Me explica isso direito.

— Uai, dona Terenciana, a arte é contraditória, como o ser humano.

— Faz tempo eu não leio nada sobre esse embondo de arte.

— Eu sei. Aqui em Dores ninguém gosta de ler.

— Além de você, é claro. Além dos alunos que convivem com você e...

— O escritor anônimo.

— Mas me diga, Leodegária, você desconfia de alguém?

Leodegária leu de novo o que tinha sido escrito naquela madrugada. Um verso bem-humorado ao lado de um verso triste de Álvares de Azevedo.

Dona Terenciana também leu de novo o verso. Depois, guardou o livro no lugar. Na sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê.

— Gostou dos versos?

Perguntou Leodegária.

— Gostei mais do antigo do que do novo.

Respondeu dona Terenciana.

— Sabe explicar o motivo?

— Acho que o verso antigo se parece mais comigo. Eu ando muito melancólica.

— Eu também gosto demais desse verso do Álvares de Azevedo. Mas confesso que hoje, especialmente hoje, estou gostando mais do verso novo, o que foi escrito hoje de madrugada.

— Quem será o autor, hem, Leodegária?

— Não sei, dona Terenciana.

E a diretora fitou-a de frente, sem lampejo de hesitação:

— Jura que não é você?

Leodegária sorriu outra vez. E respondeu, sem desviar o olhar:

— Não sou eu. Juro que não sou eu. Quem dera fosse eu.

Dona Terenciana ajeitou a gola da blusinha branca sob o blêizer preto. Ficou olhando pra sexta estante. Se alguém tivesse prestado mais atenção, teria visto que dona Terenciana, na verdade, não estava melancólica. Nem sei por que ela falou eu ando muito melancólica. Vai ver, apenas tinha o vezo costume tique de repetir a palavra melancólica. Na verdade verdadeira veraz, ela estava era muito determinada, industriada, decididamente intencionada a fazer uma coisa terrível.

O tempo foi passando. O caso dos escritos nos livros da sexta estante e sua sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê foi se espalhando por Dores inteira.

Dores inteira diante da janela de vidro bisotê.

Dores de baixo pra cima.

Todas as Dores numa sexta estante.

Quando chegou outubro, começou a chover. Tanto água de chuva quanto de escrito diferente nos livros da sexta prateleira da sexta estante. O primeiro escrito diferente foi bem assim:

Os sentidos são muitos. Talvez infinitos.

E o primeiro sentido é livro em que se registram os textos das atas de reuniões de uma entidade ou de uma empresa.

Quem viu esse primeiro escrito diferente foi a Angelina.

Aos poucos, os próprios alunos procuravam e encontravam os escritos, sem dar conta de esperar pela

Leodegária, sem ler o livro todo, mas liam os escritos com canetinha iriscor.

Angelina correu pra perto de Leodegária, que estava conversando sobre o festival de música com a turma da Maralice.

— Gária, olha este escrito de hoje...

Leodegária Moura leu. Depois passou pra todos os alunos. Todo mundo leu e releu. O livro voltou pras mãos da Angelina, que também releu:

— Livro em que se registram os textos das atas de reuniões de uma entidade ou de uma empresa.

— Esse é o primeiro sentido!

Argumentou o André, apertando os olhinhos míopes.

Angelina:

— O primeiro sentido...

— Deve estar falando de vários sentidos de livro!

Sugeri Polidora, balançando os brinquinhos de ouro.

E assim foi. O primeiro sentido explicativo significado falava de livro de atas.

A turma da Maralice ficou sabendo o que era livro de atas. E depois espalhou pros pais, tios, avós e padrinhos.

Tinha gente que não sabia o que era registram. Ou o que eram atas. Tinha gente que achava que entidade era um espírito que baixava numa pessoa que era vidente sensitiva médium. E podia ser mesmo. Mas também podia ser outra coisa.

Aos poucos, todo mundo queria saber as coisas outras.

— Livro de ata.

— Livro ata. Livro desata.

— Eu só conheço ata que é uma fruta, eu hem.

— Olha aqui, comadre, ata pode ser também fruta-do-conde...

— Fruta-do-conde... Que ingresia de conde é esse que separou uma fruta só pra ele?

— Pode ser pinha também, olha só.

A dona Terenciana teve que comprar mais cinco dicionários. Com dinheiro de rifa que a Leodegária promoveu. O dinheiro deu pra comprar cinco bons dicionários. Com o que já havia, tornaram-se seis.

Então as donas de casa desembestaram a aparecer na biblioteca, pra consultar os dicionários. Leodegária:

— Veio consultar o dicionário, dona Núbia?

— Eu tinha costume de consultar o médico, o doutor Fabiano, mas agora eu peguei o costume de consultar também o doutor dicionário.

E dona Núbia apertou o lenço no cabelo.

Aos poucos, os homens também desembestaram a aparecer:

— Ô Tião, a gente sabe muito bem o que é empresa. Não carece de você olhar aí nesse livro grosso.

— É que o Lourenço, o meu genro, vive falando em empresa de grande porte.

— De grande porte, é? Eu só conheço cavalo de grande porte.

— Eu quero entender que embondo é esse de empresa de grande porte.

— Pra quê? A gente mora em Dores, viu, Tião?

— Devera, Tomás? Eu jurava que era em São Paulo.

— Larga a mão de ser engraçadinho.

— Larga a mão de ser pangó.

E coisa e coisa. E chovia e parava de chover e chovia de novo. E nem parecia que estava pra desabar um temporal de coisas terríveis.

Demorou bem. Mas veio o segundo escrito diferente:

Os sentidos são muitos. Talvez infinitos.

O segundo sentido são livros relativos aos preceitos divinos.

Das Mercês:

— Deve ser a Bíblia...

Cândida:

— Ou os livros da lei de Deus.

Dona Julita:

— Quando fala em livros da lei...

Seu Baldico:

— A gente pensa também nas leis da Constituição.



Leodegária Moura via a biblioteca encher de gente. Várias mulheres e vários homens ainda não queriam saber de ir à biblioteca, mas pelo menos vários homens e várias mulheres já viviam indo à biblioteca. A diretora da escola, a dona Terenciana, vivia reaparecendo, pra olhar

uma coisa ou outra. Leodegária devia estar contentinha. Mas não estava, porque o João Francisco não queria saber de livro nenhum, muito menos de livro dicionário. O João Francisco não queria ouvir o caso dos escritos diferentes. E ventava muito. O cabelo de Leodegária quase lhe tapava os olhos.

— Gária, vamos ficar noivos?

— Estou quase cega...

— Vamos ficar noivos, Gária?

— Vento forte demais da conta...

— Gária, vamos ficar noivos.

— Estou quase cega.

— Diacho de vento do diabo! Levou o meu chapéu pra longe, olha!

— Não consigo ver... Já disse, estou quase cega, João Francisco!

— Mas me diga, Gária, vamos ficar noivos mês que entra?

— Mês que entra?

Leodegária puxou o cabelo pra trás e o prendeu com uma parte do próprio cabelo. Assim, os olhos voltaram a ficar livres. Vai daí Leodegária pegou um laço de lã e o amarrou na testa, pra segurar bem firmes até uns fiapinhos de cabelo que teimavam em esvoaçar. E disse:

— Eu não estou cega, viu, João Francisco?

João Francisco:

— Vou correr atrás do meu chapéu... Ele custou caro!

Leodegária respirou fundo.

— Vai, vai correr atrás do seu chapéu.

— Me espera aqui que eu volto rápido, Gária...

Gária não esperou.

Uma noite, Polidora conversou até tarde com a vó Judite.

— Saudade da minha mãe e do meu pai.

— Eu também quase morro de saudade do Antônio e da Célia.

— Vai durar o resto da vida essa saudade.

— O resto da vida.

— A senhora pelo menos arranhou um namorado.

— O Carlos... Não fosse o Carlos, eu nem sei o que ia ser de mim.

— Minha vó corajosa. Enfrentou a falação do povo.

— Tive que enfrentar. O meu sentimento é mais forte do que qualquer embondo de preconceito.

— A senhora resistiu, resistiu muito.

— Mas resolvi parar de sufocar o meu sentimento, de igual o Carlos fez, quando apareceu aqui de repente e me disse que tinha largado a mulher e os filhos pra poder ficar comigo.

— A senhora levou um susto naquele dia...

— Foi um susto e uma alegria!

— Logo a senhora que um dia me proibiu de brincar com a Mariinha, porque ela é filha de mulher largada.

— Pra você ver.

— A senhora mudou muito, vó.

— A gente muda, eta beleza.

— A gente também transmuda, a Gária fala isso.

— A Leodegária Moura.

— Sabia que ela já leu quase todos os livros da biblioteca?

— Aquela ali é gulosa.

— Talvez o autor ou a autora dos escritos seja ainda mais guloso do que ela!

— Pode ser. Porque o tal ou a tal está deixando todo mundo doidinho de vontade de saber os outros sentidos.

— Já falou no primeiro e no segundo sentido... Daqui a pouco vai falar no terceiro sentido, eta ferro.

— E tudo quanto é sentido fala de livro, é?

— De livro, pois é.

— Então, basta vocês abrirem logo um dicionário e olharem logo todos os outros sentidos que livro pode ter, uai. Vocês vão ver todos os outros sentidos e pronto, acabou o caso. Pra que esperar os outros escritos? Se eu tivesse paciência com dicionário, já tinha ido olhar todos os sentidos. Esperar pra quê?

— Pra não quebrar o encanto.

— O encanto da surpresa.

— Isso mesmo, vó.

— Minha Nossa Senhora do Loreto...

— A gente fica imaginando... Qual vai ser o próximo significado? Será que o escrito vai falar de livro morto, por exemplo?

— Livro morto?!

— Existe livro morto, vó.

— Livro morto é livro que a gente joga no fogo e deixa morrer queimado? Ou que a gente joga no rio e deixa morrer afogado? Ai... Tornei a lembrar da Célia e do Antônio...

— Pode ser livro que a gente leu, gostou, e depois quis esquecer. Um livro que morreu pra gente.

— Um livro namorado... Existe?

— Deve existir.

— Eta ferro... E qual é o outro sentido de livro morto?

— Livro que não foi editado mais.

— O Antônio e a Célia... Dois livros que não foram editados mais. Saudade deles, Polidora, saudade demais da conta.

E avó e neta choraram de novo. Choraram muito. De saudade de Célia e Antônio. Que morreram de vontade de comer bolo de festa de casamento. Assim é a vida, pode-se morrer de vontade de comer bolo de festa de casamento, mas agora é mais urgente imediatamente premente o caso dos escritos na sexta estante, na sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê.

Mais importante descobrir o que faz mais sentido. Se esperar um pouco mais. Ou saber logo qual é o terceiro sentido.

Os sentidos são muitos. Talvez infinitos.

E o terceiro sentido é onde se fazia o registro genealógico das famílias aristocráticas de uma região.

Foi Cândida que viu o escrito quase no fim de um romance da Rachel de Queiroz.

— Gária, olha, descobri mais um escrito! Está falando do terceiro sentido.

Leodegária parou de escrever um aviso que ia colocar na entrada. Cândida viu um dos dicionários já aberto na página onde havia os vários sentidos de livro. Leu em silêncio, devagar. Depois, disse:

— Livro de ouro!

E Leodegária:

— E livro de ouro pode ser também...?

— Pode ser também um livro onde várias pessoas assinam os seus nomes, pessoas que prometem fazer uma doação, por exemplo.

— Agora me ajuda a colar este convite na entrada?

Cândida olhou o convite escrito numa folha de cartolina. Com letras grandes e bem nítidas estava escrito:

CONVITE ESPECIAL
LER O LIVRO
AS COISAS ACONTECERAM ASSIM
DA ESCRITORA
MARISMÊNIA DE OLIVEIRA
A AUTORA ESTARÁ CONOSCO EM BREVE

O terceiro sentido de livro se espalhou, tanto quanto haviam se espalhado o primeiro e o segundo. Uma prova do que acabo de dizer:

— Helena, vai lá na biblioteca e copia o sentido de genealógico.

— Não carece, mãe. Eu sei. Vem de genealogia, que estuda os familiares que vieram antes da gente.

— Mas eu lembro que a Inês falou uma palavra bonita pra poder explicar.

— A Inês falou exatamente o que estava escrito no dicionário! Ela decorou o que estava escrito, falou pra nós e depois esqueceu. Mas eu entendi o sentido. O importante é entender o sentido, uai.

— Mas, sabe, Helena, eu gostei da palavra bonita que a Inês falou...

— Será que foi ascendência?

— Não... Era uma palavra que lembrava linha...

— Linha...

— Linhagem!

Gritou a Inês, voltando da cozinha com uma travessa de roscas de leite condensado. E continuou:

— Estou lembrando direitinho agora o que estava escrito no dicionário: genealogia estuda as relações familiares, especialmente as linhagens nobres.

Vai daí as três, dona Carminha, Helena e Inês, comeram roscas de leite condensado, falando e falando e falando, e querendo muito saber se em Dores havia linhagens nobres.

Dona Nenzinha olhou pra Das Mercês. E disse, pensando no quanto a filha tinha medo de assombração:

— Deve ser trauma.

Das Mercês se encolheu num casaquinho de feltro marrom. Ficou olhando pra um prego que estava se soltando de uma tábua do chão da sala de visita.

— Só pode ser trauma.

Reafirmou dona Nenzinha, caminhando em direção à janela. Fechou a cortina, depois de dar uma espiada na rua. E falou:

— Por falar em trauma, Das Mercês, o que é aristocráticas?

Das Mercês, que estava seríssima fitando o prego que estava se soltando de uma tábua do chão, desatou a rir. Riu alto e muito. Depois, conseguiu dizer:

— Mãe, só a senhora pra falar uma coisa dessas... O que é que trauma tem a ver com aristocráticas?

Dona Nenzinha ajeitou os grampos no cabelo. Sentou-se numa cadeira de vime. E ficou olhando pro rosto de súbito sorridente de Das Mercês.

— O que é aristocráticas?

— A senhora devia ir lá na biblioteca e ver.

— Não tenho tempo pra esse embondo.

— Então, vai ficar sem saber o que é aristocráticas...

— Você sabe, você pode me falar!

— Prefiro deixar a senhora curiosa.

— Quem disse que eu estou curiosa?

— Não está? Sei.

— Tenho muita lida nesta casa. Não me sobra tempo pra embondo de olhar palavra em livro grosso, ara mas tá.

Dona Nenzinha se levantou da cadeira de vime e foi pra cozinha. Acendeu o fogão. Pôs água pra ferver. Dali a pouco, a água já fervia. Fervia e fervia. A água já estava quase toda evaporada. A chaleira já começava a queimar na trempe do fogão.

Das Mercês entrou na cozinha e viu.

— Mãe, a senhora virou estátua, foi? Está aí parada olhando pra chaleira queimando...

Dona Nenzinha foi e disse, rindo baixinho:

— Eu estou curiosa pra saber o que é aristocráticas.

Antes de aparecer o escrito que falava do quarto sentido, muita coisa aconteceu. Coisa e mais coisa. Deus me dê fôlego pra tanta coisa.

Olha só: o João Francisco correu e alcançou o chapéu que tinha voado pra longe e regressou ao lugar onde a Gária deveria estar esperando por ele. Deveria? Bom, Leodegária Moura poderia ter esperado por ele, evidentemente. Poderia. Deveria é fundamento de obrigação.

João Francisco não demorou muito pra alcançar o chapéu na esquina da Rua Monte Sinai. No entanto, Leodegária se apressou em ir embora pra casa. Leodegária tomava preguiça do João Francisco. Não dava conta mais de ouvir coisas deste naipe: vou correr atrás do meu chapéu... Ele custou caro! E o que era pior: vamos ficar noivos, Gária?

Vai daí, Leodegária inventava desculpa pra não se encontrar com o João Francisco. Aguardava o momento propício adequado inadiável de dizer: acabou tudo, João. Mas teve uma noite. Quando Leodegária acabara de trancar a biblioteca. Já estava indo embora, moída de tanto trabalhar. Deparou com João Francisco.

Leodegária respirou fundo. Ajeitou a bolsa no ombro.

— Para de fugir de mim, viu, Gária?

João Francisco a fitava firmemente.

— Para de fazer de conta que não tem namorado.

Ele ainda disse, com um olhar duro forte direto.

Leodegária estava exaurida de tanto catalogar livros novos comprados com dinheiro de rifa, fatigada de tanto desenhar cartazes, esfandegada de tanto ensaiar histórias, extenuada de tanto contar histórias, esgotada de tanto tirar poeira, estafada de tanto andar pra lá pra cá, esfalfada de tanto dar adjutório pra várias mulheres e vários homens na procura de palavras num dos seis dicionários. Cansada de tanto tanto. Mas Leodegária ponderou e disse:

— Está bem, João. Vamos conversar.

— Vamos namorar, você quer dizer.

Ela observou os olhos dele. Sentiu um correr de vento incômodo no corpo todo. Uma vontade de nunca mais ter que olhar pros olhos de João Francisco de Almeida.

— Estou muito cansada. O dia hoje foi...

João Francisco de Almeida não deixou que ela terminasse a frase, foi logo tomando-a nos braços, num abraço que parecia querer carregá-la pra longe, bem longe, muito mais longe do que pôde ir o chapéu que custou muito caro.

— Você está me machucando!

Ela disse alto, tentando se desvencilhar. E girou a cabeça, na tentativa de ver alguém que passasse por ali. Se visse mais alguém, João Francisco certamente disfarçaria a desenvoltura do atrevimento. Quando constatou que estava sozinha com o namorado, Leodegária pensou em andar mais depressa, pra chegarem rápido ao Largo da Igreja Nossa Senhora das Dores. Mas João Francisco de Almeida, com a força dos braços que tratavam de cavalos, porteiras e bois, fez com que Leodegária Moura andasse mais devagar. Mais devagar, viu, Gária? Era como se ele dissesse e repetisse no ouvido dela. Mais devagar, viu? Vamos namorar.

Leodegária Moura não quis aquele beijo na boca. Um beijo ruim que parecia não acabar nunca. Também não quis aquele carinho desagradável no cabelo, no queixo, nos seios. Empurrou o namorado com toda a força, quando ele lhe desabotoou com fúria a blusa e abriu a boca sobre os seios dela.

— Chega! Não quero. Acabou tudo, João.

De repente, Leodegária tinha dito: acabou tudo, João. Bem nesse instante minuto momento, João Francisco de Almeida arregalou os olhos. Hesitou. Parecia não acreditar no que ela dissera. Enquanto ele titubeava, ela

correu ajeitando a blusa e chegou depressa ao Largo da Igreja Nossa Senhora das Dores.

Sentou-se num banco, de frente pra várias meninas que brincavam de chicotinho-queimado.

— Boa noite, Gária...

As meninas disseram.

— Acabou de sair da biblioteca?

Elas perguntaram. Leodegária sorriu pra elas. Não disse nada. Mas continuou sorrindo. Nos canteiros do jardim do Largo da Igreja de Nossa Senhora das Dores havia begônias e antúrios.

Antes de aparecer o escrito que falava do quarto sentido, muita coisa aconteceu. Coisa e mais coisa. Santa Rita de Cássia me dê saúde pra tanta coisa.

Bota reparo: Tetê queria que o Dalvino a deixasse abrir a janela do quarto dele, toda manhã. Afinal, Dalvino era o único irmão que ainda restava de uma família em que todo mundo morria cedo, antes dos trinta anos.

O Dalvino vivia dentro do quarto, só saía pra ir ao banheiro. E aquela janela sempre fechada era um tormento pra Tetê. Vai daí quando o Dalvino ia pro banheiro, Tetê corria e abria a janela, bem ligeiro, pra dar prazo de entrar um arzinho puro. Mas o Dalvino voltava do banheiro e pronto, levou quem trouxe:

— Eu não disse pra você deixar esta janela fechada?

— Dalvino, o seu quarto já está com cheiro de mofo.

— E você com isso?

— Eu sou sua irmã, eu preocupo com a sua saúde.

— Me deixa em paz, Tetê.

— Você nunca mais saiu de casa...

— E você com isso?

— Eu sou sua irmã...

— Some da minha frente, Tetê.

Coisa e mais coisa. Nossa Senhora das Dores me ajude. Principalmente, me dê estômago. Juliano Ambrosino Telmo se livrou da cadeia, porque o Laerte, seu afilhado, queimou o documento que o emaranhava no caso da fraude na Câmara dos Vereadores. Otília Torres Telmo, a madrinha do Laerte, mulher de Juliano Ambrosino Telmo, desconfiava do marido vereador; desconfiava é pouco, tinha certeza da desonestidade do tal, mas não tinha prova, não tinha como virar pra ele e dizer: este papel te condena, viu, Juliano?

Pois bem. O Laerte queimou o documento, a única maneira de revelar e demonstrar que Otília se casara com um vereador corrupto escorregadio salafrário.

As irmãs do vereador, Arminda e Anaílde, tinham muito pesar de terem um irmão assim sem nenhum quilate. Costumavam dizer:

— Anaílde, o nosso irmão não vale nada...

— Duro dizer isso. Mas não vale nada mesmo.

— Não vale uma latinha enferrujada!

— Ainda bem que a nossa mãe não está mais aqui pra presenciar um descalabro desse...

— Quem mais sofre é a Otília.

E tal e coisa. Depois de queimar o documento que incriminava o padrinho, o Laerte foi virando outra pessoa. O Laerte começou a usar as cinzas pra acender outro fogo. Explico: com o documento queimado incinerado destruído, o Laerte começou a construir um outro Laerte. Afilhado de Juliano Ambrosino Telmo, ele entrava na Câmara dos Vereadores quando queria. E falava o que lhe apetecia, principalmente depois de ter queimado o documento que incriminava o padrinho.

Juliano Ambrosino Telmo tinha duas dezenas de afilhados, o Laerte não era o único. Mas no que se refere à vocação de seguir os passos do padrinho, de parear com o jeito do padrinho, de ser a sua sombra, o Laerte era o único.

O único que tinha o topete de ser igualzinho ao padrinho, um o retrato do outro, sem tirar nem pôr.

Teve aquela manhã. O Laerte entrou depressa, nem cumprimentou o padrinho direito, foi logo espocando:

— Careço de mais dinheiro na minha conta. Vou comprar uma fazendinha em Inhapim.

Juliano Ambrosino Telmo assinava uns papéis.

— Aproveita que está assinando coisas e assina um cheque pra mim, abrevia.

Bem assim ele falou pro padrinho, aproveita que está assinando coisas e assina um cheque pra mim, abrevia.

Juliano Ambrosino Telmo tolerava tudo, menos alguém lhe dizer: abrevia. Se o afilhado tivesse dito: aproveita que está assinando coisas e assina um cheque pra mim, e pronto, parasse o comando por aí, o padrinho não teria ficado possesso.

Mas o Laerte terminou o comando com a palavra abrevia.

Juliano Ambrosino Telmo não dava conta de ouvir esta ordem: abrevia. Vai ver era um caso de trauma, parecido com o trauma de Das Mercês que morria de medo de assombração. O trauma de Juliano Ambrosino Telmo, o que o assombrava mortalmente, era alguém lhe dizer: abrevia. Se alguém lhe dizia abrevia, o vereador se desgovernava. Ficava possesso. E assim foi. Juliano Ambrosino Telmo nem olhou pro afilhado. Apenas vociferou:

— Ninguém me diz abrevia e continua vivo.

O Laerte tremeu dos pés à cabeça. De súbito, lembrou-se das mortes encomendadas pelo padrinho. Lembrou-se da raiva do padrinho. A raiva pela palavra abrevia, assim dada como ordem que não devia ser descumprida. Uma ordem que não devia ser descumprida? Ara mas tá. Uma ordem que não devia ser descumprida. Era bem esta a tal ordem: abrevia.

O Laerte tentou rir, brincar com o padrinho. Até disse, batendo-lhe no ombro:

— Eu só estava matando o tempo...

E o Laerte tremeu de novo dos pés à cabeça, traído pelas palavras matando o tempo. Assim como ele estava matando o tempo, o dono do tempo o mataria. E tchau e bença. O Laerte sentiu as pernas bambas. Traído pelas palavras, saiu tropeçando num silêncio mortal.

O empregado de confiança do vereador, o Mudinho, recebeu a ordem:

— Sabe o Laerte?

O Mudinho não disse: sei, o seu afilhado. Porque o Mudinho era mudinho, o apelido pertinente. Mas o Mudinho assentiu a cabeça, surdo ele não era.

E o vereador completou a ordem:

— Abrevia.

Tenho até dificuldade em terminar de contar. Mas é meu ofício. Naquela noite, mais ou menos lá pelas onze horas, quando Juliano Ambrosino Telmo pensou em tomar um licor de cacau, empertigado diante do espelho do console da sala de jantar; o afilhado dele, o Laerte, o traído pelas palavras, foi silenciosamente assassinado.

Coisa e mais coisa. Sagrado Coração de Jesus, que eu saiba continuar contando sobre as pessoas e as circunstâncias:

Lilica esqueceu aquela ideia do abaixo-assinado, um documento que tivesse o poder de mandar a Leodegária Moura pra bem longe de Dores, de preferência pra Santana do Garambéu.

Mas Lilica via o Gabrielzinho cada vez mais assustado com pesadelo com a pessoa que entrava durante a noite na biblioteca da escola e escrevia nos livros da sexta estante, na sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê. O Gabrielzinho:

— Mãe, o autor falou uma coisa horrível no meu ouvido.

Isso deixava a Lilica atônita descabriada ensandecida.

— Meu filho, que coisa horrível é essa?

O menino se encolhia no canto da cama, enfiava a cabeça entre as pernas. E não explicava que coisa horrível era essa, essa horrível coisa que o fazia gritar, suar, se assustar e ficar acordado o resto da noite. A pessoa era um homem. Um homem estranho e perigoso que lhe dizia uma coisa horrível no ouvido. Um homem que lhe provocava pesadelo. Pesadelo advindo de uma coisa horrível dita no ouvido dele.

Se a gente for analisar bem, o Gabrielzinho começava a desencadear naquela época o processo de esquizofrenia que se manifestou claramente mais tarde, quando fez quinze anos. Bem na hora dos parabéns, ele pegou uma garrafa de refrigerante e a estilhaçou na parede onde estavam expostos todos os retratos da família.

Na hora dos parabéns, aos quinze anos, ele gritou, enquanto suava assustado:

— Tem um homem saindo desses retratos, ele quer me matar!

Por se sentir ameaçado, lançou sobre a figura da sua fantasia uma garrafa de refrigerante. É claro que a festa de quinze anos acabou naquele momento, porque a Lilica não deu conta de um revestrés desse tamanho comprimento peso. Os convidados foram embora, constrangidos. Mas bem antes desses parabéns dos quinze anos, olha lá o Gabrielzinho tendo pesadelo toda noite. Olha lá o Gabrielzinho dizendo que o autor dos escritos na biblioteca lhe dizia uma coisa horrível no ouvido. Olha lá o Gabrielzinho encolhido no canto da cama, enfiando a cabeça entre as pernas.



E uma coisa horrível dita e repetida inúmeras vezes fazia a vida embarcação canoa de Lilica perder o rumo. Lilica jamais soube que coisa horrível era essa. Mas começou a pensar num modo de se vingar da biblioteca, dos livros, dos escritores e, principalmente, da Leodegária Moura, a tal que adorava dizer o que tinha vontade de dizer. Leodegária Moura era a culpada de tudo. Com aquele jeito dela de falar de livro, incentivava sonhos e pesadelos.

Sem Leodegária Moura, os livros, os escritores, a biblioteca toda ia ficar jogada às cobras às traças ao deus-dará. Pois bem. E foi e foi.

Lilica trabalhava pra dona Geralda e, de vez em sempre, as duas garravam a conversar. E numa tarde quente de outubro:

— Pois é, dona Geralda, eu estou no meu deslimite.

— Eu te entendo, Lilica. Isso está ficando sério.

— Tudo culpa da Leodegária.

— Se a gente pudesse fazer alguma coisa...

— Eu vou fazer alguma coisa. Já resolvi.

Dona Geralda saboreou eu vou fazer alguma coisa, já resolvi, como se eu vou fazer alguma coisa, já resolvi, fosse um doce de leite cremoso macio deleitoso, um doce de leite que desmanchasse na boca, eta bondade.

Eta bondade ver que a Lilica ia tomar expediente, dar um basta naquela professora atrevidinha metidinha assanhadinha.

— O que você vai fazer, hem, Lilica?

Dona Geralda perguntou, engolindo o doce de leite eu vou fazer alguma coisa, já resolvi.

— Depois da Jovelina, eu sou considerada a melhor quitandeira de Dores, não sou?

— Depois da Jovelina, é claro... Aquela lá tem mãos de fada na cozinha.

— Pois bem, eu ocupo o segundo lugar na fazeção de doce e bolo e biscoito.

— Anda logo, Lilica, fala logo o que você vai fazer!

A Lilica experimentou o tempero do doce de buriti que estava preparando pra dona Geralda naquela tarde.

— Está no ponto!...

Ela disse, engolindo um tiquinho do doce de buriti.

A dona Geralda ainda saboreava o doce de leite. Vai daí a Lilica pegou e falou:

— Eu vou assar uns biscoitos de queijo pra Leodegária Moura. Todo mundo sabe que ela é doida com biscoitos de queijo. Nas palestras da biblioteca, ela sempre oferece pelo menos uma travessinha de biscoitos de queijo... Oferta da Confeitaria Nossa Senhora das

Dores. Desta vez, a oferta vai ser minha, e os biscoitos de queijo vão direto pra ela, pra ela comer tudo sozinha, sem ter que dividir com são-ninguém. Vai ser uma forma de agradecimento pelo incentivo à leitura, ai ai.

Dona Geralda:

— Biscoitos de queijo...

— Preparados com algumas gotinhas de veneno de planta-verde-da-várzea. Aprendi com a minha vó Chiquinha, três ou quatro gotinhas já resolvem.

Dona Geralda viu a Lilica tampar o tacho de doce de buriti. Engoliu mais um pouco de doce de leite. Mas sentiu um amargo misturado no doce. Não imaginava que a vingança haveria de ser assim tão destemperada.

Coisa e mais coisa. Os Doze Apóstolos me guiem nesta tarefa.

Então, urge continuar: a empregada da dona Geralda, a Lilica, estava pensando em envenenar a Leodegária Moura.

De repente, pelo amor da Hóstia Consagrada, no oeste de Minas, juntinho da Serra da Saudade, numa tal de Dores do Indaiá, uma porção de gente quer matar gente ou outra?

Mas era verdade.

Cada pessoa tem os seus motivos pra fazer as coisas.

A humanidade é assim, difícil.

Mais difícil e complicado é falar dessa humanidade, porque demanda registrar, catalogar, analisar, comparar, imaginar. De certa forma, organizar o inorganizável.

E assim foi. A Lilica planejou a morte de Leodegária Moura.

Se eu pudesse, parava de contar.

Tanta coisa ou outra pra fazer: comprar uma blusinha, por exemplo.

Mas eu falo em blusinha e já volto pra Dores. Especialmente, volto pro caso da blusinha de listras do Júlio Couto. Uma história muito bonita devida. Mas já pensou se eu dano a contar *O caso da blusinha de listras*? A história é do Júlio Couto. Misturada com a que estou contando, teríamos um livro de, no mínimo, 254 páginas.

Daí, preciso me conter. E recolho-me às minhas significâncias.

A quarta, vamos lá:

Livro em que operários, funcionários e empregados assinam a entrada e a saída no seu horário.

Quem viu esse quarto sentido foi o Jurandir. Que mostrou pra Leodegária que mostrou pra quem quis ver. Em casa, Jurandir chamou o tio Pedro. Que estava ajeitando os arreios dos cavalos no quartinho dos fundos.

— Estou aqui no quartinho!

Tio Pedro gritou.

Jurandir foi até lá. Ficou encostado na porta, com o olhar pensativo imaginoso absorto.

— O senhor nunca foi empregado, não é mesmo, tio?

Tio Pedro colocava os arreios um sobre outro, com todo o cuidado, pra que formassem um monte correto ordeiro regular.

— Nunca precisei.

— O senhor herdou a chácara.

— E daí, sempre trabalhei por conta própria, graças a Deus.

— Sempre trabalhou demais da conta, Deus me livre.

— Não me queixo.

— O senhor nunca tirou férias, tio Pedro.

— Isso é verdade.

Jurandir observou os objetos do quartinho dos fundos: além dos arreios, havia sacos e mais sacos de mantimentos. E peneiras. E tamboretes. E tachos de cobre. E varas de anzol. Tio Pedro terminou de ajeitar os arreios. Sentou-se num dos tamboretes, puxando o chapéu pra perto dos olhos.

— A Jovita continua daquele jeito.

Ele disse, desalentado. Jurandir respirou fundo.

— Ela continua sem conversar com o senhor. Faz quanto tempo isso, hem, tio?

— Mais de três meses... Eu já não estou aguentando mais.

— Ela parou de conversar com o senhor assim sem mais nem menos, não foi?

— Foi. A gente nem brigou nem nada. Teve uma noite, assim que a gente terminou de jantar, a Jovita ligou o rádio e escutou o capítulo da novela.

— Ela gosta de ouvir novela depois da janta.

— Pois é. Mas nessa noite foi diferente. Ela parou de conversar comigo faz mais de três meses, justo depois de escutar o capítulo da novela.

— A novela ainda está no ar.

— Eu sei.

— A tia Jovita continua ouvindo toda noite, depois da janta. Aqui em Dores o povo gosta tanto de novela de rádio quanto de novela de televisão.

Tio Pedro franziu a testa, fitou o rosto do sobrinho.

— Jurandir...

— O senhor está pensando exatamente o que eu estou pensando?

— Acho que sim, uai.

Jurandir se aproximou dos arreios. Observou o bordado bonito, obra do próprio tio Pedro. E disse, animado:

— Nós dois vamos ouvir a novela, toda noite, a partir de hoje. Eu tenho um rádio no meu quarto. Nós dois

vamos prestar bastante atenção na novela, viu, tio?
Aposto que a resposta está na novela.

— Tudo leva a crer que sim.

— Alguma personagem da novela deve ser parecida com a tia Jovita... Quer dizer, a tia Jovita se pareceu com alguma personagem da novela... Está agindo de igual a personagem, eta lasca.

— Por isso é que antigamente as mulheres eram proibidas de aprender a ler.

Jurandir sorriu. Fitou o rosto sério de tio Pedro.

— Mundo velho sem porteira, hem, tio?

— Pois é.

— Antigamente as mulheres eram proibidas de aprender a ler. Proibidas de conversar na sala...

— Era mais seguro esse mundo velho. A gente tinha as rédeas da casa.

— O senhor entende de rédeas como ninguém.

— Mas nunca entendi a Jovita.

— Perdeu as rédeas, não foi, tio?

Tio Pedro sorriu.

— Mundo velho sem porteira...

— Sem porteira, pois é.

— A liberdade fala mais alto.

— E mulher também gosta de liberdade, não é mesmo, tio?

— Gosta, uai.

— Aprende a ler, vai pro cinema, ouve novela de rádio.

— Ouve novela de rádio.

— E daí, para de conversar com o marido... Com esse silêncio, tio, a tia Jovita está dizendo muita coisa pro senhor.

— E eu ainda não sei direito o que ela está dizendo... Tenho os meus palpites, é claro.

— Nós dois vamos escutar a novela a partir de hoje. E vamos descobrir o que a tia Jovita está querendo dizer.

Tio Pedro se levantou.

— Sabe o nome da novela, tio?

— Não... Não prestei atenção...

Jurandir se encostou no monte de arreios, cruzou os braços. Meneou a cabeça. E disse:

— A novela se chama *Depois do divórcio*.

Então tio Pedro falou:

— O nome da novela já está me dizendo tudo o que eu preciso ouvir?

— Tomara que não, tio.

Tio Pedro saiu do quartinho dos fundos, tonto zonzo trôpego.

Dorinha lavava o alpendre. Terezinha chegou da escola e foi logo dizendo:

— A tia Márcia não voltou de Bom Despacho até hoje! Ela pensa que mora lá?

Dorinha esfregou o rodapé perto dos vasos de avenca.

— Saudade dela, Terezinha?

— Saudade nenhuma. Eu só estou preocupada com as contas que já estão atrasadas.

— Você mais a sua tia Márcia vivem brigando, mas se adoram que eu sei.

— A tia Márcia me odeia.

— Misericórdia de Deus...

— Eu sei que a tia Márcia me odeia.

— Está bem, Terezinha. A sua tia te odeia e você também odeia a sua tia, pronto. Vou fingir que acredito. A moçada não vive sem um problema, um drama, um descalabro.

Terezinha se sentou no murinho do alpendre e esticou as pernas pra cima, apoiando a cabeça nos braços dobrados pra trás.

— Apareceu o quarto sentido da palavra livro.

— Devera?

Dorinha continuava a lavar o alpendre. Cheirinho de sabão em pó.

— É livro de ponto.

— Ótimo.

— Acho que vou criar um livro de ponto nesta casa, viu, Dorinha?

— Boa ideia.

— A tia Márcia, por exemplo, vai ter que assinar o livro de ponto. Ela pensa que só porque é a dona da casa, ela não precisa dar satisfação pra ninguém?

— Eu concordo com você, Terezinha. Morando numa mesma casa, as pessoas carecem de dar satisfação uma pra outra, pelo menos nas coisas mais importantes. Senão, a casa vira uma bagunça.

— Uma bagunça, pois é. Ninguém sabe quando a outra pessoa vai pagar as contas, por exemplo. Daqui a pouco, aparece a Cleonice do Armazém da Cleonice: Terezinha, olha aqui a conta da sua tia. Se ela não pagar hoje, vou suspender o fiado.

— E aí você fica sem poder comprar feijão, açúcar, arroz...

— Eu vou morrer de fome!

— Periga mesmo acontecer isso. A sua tia está abusando dessa vez.

— É o que eu não canso de te dizer, Dorinha: a tia Márcia me odeia.

Dorinha jogou um pano sobre o rodo e começou a enxugar o ladrilho do alpendre. E disse, subitamente séria:

— Quem sou eu pra entender vocês duas?

A significância de ponto rendeu mais coisa. Escuta o proseio de seu Baldico e dona Julita:

— Quando fala em ponto, eu lembro de ponto de festonê. Ponto-atrás, ponto de cruz.

— Dona Julita, seus bordados são uma finura.

— Acha mesmo, seu Baldico?
— Meu preferido é aquele todinho de ponto de meia.
— Isso, porque o senhor ainda não viu o todinho de ponto de areia!

E o de Tomás e Tião:

— Tião, já está tarde. Vamos embora.
— Deixa eu olhar mais uma siligristice, Tomás.
— A professora já vai fechar a biblioteca, homem.
— Espera aí, diacho.
— Larga a mão de fuçar nesse livro grosso!
— Já estou quase acabando...
— Você veio pra olhar uma siligristice e já olhou uma dúzia de siligristice, dá até canseira.
— Isso é que nem coceira, Tomás. É só começar e pronto, lá envai a gente coçando sem parar.
— Parece que é mesmo.
— Você é a prova disso, viu, Tomás?
— Eu?
— É só eu falar que vou vir pra biblioteca, você vem atrás de mim.
— Eu...
— Você também fica se coçando, doidinho de vontade de saber mais uma siligristice daqui desse livrão.
— Devera, homem. Não posso negar. Por falar nisso, olha aí mais uma siligristice pra mim.
— Que siligristice?
— Olha aí o que significa pulcritude.
O Tião passou mais folhas. Seus dedos já andavam pela letra P, só precisavam caminhar um pouco mais. Foram devagar, no ritmo lento de Tião. Mas alcançaram a pulcritude.

Até que ponto se pode ir, quando se lembra de todas as coisas aquelas que aconteceram em Dores?

Bem antes de Cândida salvar a vida de Leodegária Moura, ela conversou com o pai, seu Cassiano Alvalade. Enquanto tiravam poeira dos móveis.

— O que é a vida, hem, pai?

— O que é a vida.

— A vida é muito enigmática.

— A vida é também muito clara.

— O senhor continua claramente enigmático.

Cândida parou um pouco. Esticou os braços pra cima. Seu Cassiano também parou. Deixou os panos e o balde num canto. Sentou-se numa das cadeiras diante da mesa da sala de visita.

— Tudo bem lá na escola, minha filha?

Cândida continuou esticando os braços.

— O senhor quer saber se tem alguma novidade no caso da estante onde alguém escreve acrescentamentos nos livros.

— Alguma novidade?

— Sobre o autor dos escritos, nenhuma.

Seu Cassiano pareceu distante, mas continuou a tratar do assunto:

— Você não tem nenhum palpite? Vive guindando na rua, botando reparo em tudo...

— Eu só gosto de observar as pessoas e as coisas, só isso.

— Isso é muita coisa.

Cândida se sentou ao lado do pai. Inclinou a cabeça no ombro dele.

— Pai querido, eu ainda não desvendei nenhum mistério até hoje. Nenhunzinho. Eu sei que as coisas e as pessoas vivem cheias de mistério, mas eu ainda não dei conta de descobrir nada.

Cândida ergueu a cabeça e fitou os olhos tristes do pai. E disse, quase triste também:

— Os seus olhos, por exemplo.

Seu Cassiano Alvalade tentou sorrir.

— Os seus olhos são tristes, pai. Muito tristes. Eu encabulo com isso. De onde vem tanta tristeza? E não adianta tentar sorrir desse jeito... Os seus olhos só falam de tristeza.

— Cândida, motivo pra ser triste é o que não falta.

— Motivo pra ser alegre a gente inventa, viu, pai?

— Não sou um bom inventor.

— Me conta, pai, de onde vem tanta tristeza? E não me diga que vem da saudade da minha mãe que largou o senhor e foi embora faz mais de cinco anos.

— Vem da saudade de uma ilusão, sei lá...

— Mas não é só isso, pai. A tristeza que eu vejo nos seus olhos é profunda demais da conta. Parece que vem de longe, quer dizer, parece que vem de outras saudades.

Seu Cassiano Alvalade recostou a cabeça na cabeça da filha.

— Outras saudades?

Ele perguntou. E de súbito soergueu a cabeça e olhou pros retratos na parede em frente. Estavam ali os retratos da família: bisavós, avós, pais, e a única irmã, mais velha do que ele, Carmosina. E o retrato de Paula. E o retrato de Cassiano. Mais o retrato de Cândida.

Cândida acompanhou o olhar triste do pai. Também olhou pros retratos. E disse:

— Saudade da alegria da tia Carmosina, por exemplo.

— Saudade da alegria dela... Era uma alegria muito grande.

— Porque ela gostava de ler, pai. Morava sozinha em Belo Horizonte, visitava a gente só de vez em quando, mas gostava de ler, e isso deixava ela toda sacudida-sai-cedo!

— A Carmosina era a minha única irmã...

— Escuta, por que o senhor nunca quis seguir o exemplo dela?

— Gostar de ler?

Disse seu Cassiano, ainda com os olhos fixos nos retratos.

— Ou gostar de sonhar, se preferir um sinônimo.

Disse Cândida, também ainda fitando os retratos.

— Sou inclinado à tristeza, minha filha.

— O senhor é inclinado à saudade, isso sim. E vai ver é uma saudade que vem lá da bisavó Bernardina...

— Uma saudade muito antiga.

Disse seu Cassiano, ainda com os olhos fixos nos retratos.

Cândida não tinha a menor ideia do que lhe aconteceria dali a poucos dias, quando estivesse guindando na rua, batendo perna, medindo rua, e entrasse no Armazém da Cleonice. Ainda não podia nem imaginar o quanto se assustaria. O quanto e o que faria pra salvar a vida de Leodegária Moura. Naquele dia, na companhia do olhar triste do pai, os dois fitando os retratos da família, Cândida apenas pensava que tem saudade que vem de muito longe mesmo. Vem de outros tempos. E, não se sabe o porquê, costuma querer morar nos olhos de uma pessoa. Nunca mais vai sair dos olhos dessa pessoa. De como se uma saudade antiga remota profunda tivesse o poder de fincar moradia na alma de alguém que tivesse num espelho estúrdio todas as imagens, todas as imagens, todas as imagens.

Umas se refletindo nas outras. Infinitas vezes. Todas as imagens.

Mariinha viu Das Mercês atravessando a Rua da Santa Cruz.

— Das Mercês, vem cá!

Mariinha tinha acabado de arear panelas, estava na porta de casa, no murinho do alpendre.

— Oi, Mariinha...

Das Mercês veio vindo, os braços soltos ao longo do corpo, o cabelo preso num rabo de cavalo.

— Eu estava indo pra missa. Careço de rezar muito, sabe, Mariinha?

Mariinha observou Das Mercês, que entrou no alpendre e ficou indecisa sem saber onde se sentar.

Mariinha:

— Senta aqui no murinho também.

Das Mercês continuou indecisa. Havia duas cadeiras de vime no alpendre, mas estavam na sombra e ela sentia um pouco de frio.

— Aqui no murinho está batendo um solzinho gostoso...



Disse Mariinha.

Das Mercês parecendo fantasma, hesitosa.

— Das Mercês... Senta aqui no murinho.

Então ela falou, sem olhar pra Mariinha:

— Se eu sentar aí, vou ficar com as pernas de fora, bem de frente pra rua, vai todo mundo ficar olhando.

Mariinha tentou segurar o riso. Sabia da timidez exagerada de Das Mercês. Do pudor exagerado. Do recato exagerado. Mas convinha tomar cuidado pra não deixar a amiga ainda mais sem graça.

— É só você ficar com as pernas assim pra dentro, ó.

Disse Mariinha, ficando de perfil pra rua, colocando as pernas enviesadas no murinho do alpendre.

Das Mercês se sentou assim, do jeito que a Mariinha sugeriu. Depois, sorriu. E ficou estalando os nós dos dedos.

— Ô Das Mercês, você botou reparo na Polidora?

— Ela ainda não conformou com a morte da mãe e do pai.

— Foi uma tragédia a morte da dona Célia e do seu Antônio... Que coisa, hem, Das Mercês?

Mariinha pensou: lá vou eu falar de um assunto que vai fazer a Das Mercês lembrar de assombração. Eu tento, mas não dou conta de não implicar com a Das Mercês. Será que eu sou pérfida?

Das Mercês continuou estalando os nós dos dedos. Mariinha ajeitou o cabelo pra detrás das orelhas. E disse:

— O seu Antônio mais a dona Célia morreram de vontade de comer bolo de festa de casamento. Muita ironia nessa morte, você não acha?

— Muita ironia, pois é. Estavam morrendo de vontade de comer bolo de festa de casamento...

— E morreram de vontade de comer bolo de festa de casamento!

— Foram atravessar o rio, pra irem pra festa, e uma chuva janeireira inundou tudo e...

— E carregou eles pra uma outra festa.

Das Mercês girou a cabeça e ficou olhando pra rua. Parou de estalar os nós dos dedos.

— Agora a dona Célia é uma assombração. O seu Antônio também é uma assombração.

Comentou Das Mercês, com os olhos fixos na rua.

Mariinha não queria prosseguir nesse assunto de assombração, mas queria prosseguir nesse assunto de assombração.

— Tem medo deles aparecerem pra você, não tem, Das Mercês?

— Tenho. Morro de medo dos dois aparecerem pra mim.

— Por causa desse medo, você nunca mais pôs os pés na casa da Polidora.

— Sabe lá se a alma do seu Antônio, ou se a alma da dona Célia...

— Bobona, você pensa que eles só podem aparecer lá na casa da Polidora?

Das Mercês olhou pra Mariinha, atônita. Recomeçou a estalar os nós dos dedos. Mariinha não queria assustar ainda mais a Das Mercês, mas Mariinha queria assustar ainda mais a Das Mercês. Então falou:

— Assombração aparece onde e quando bem quiser.

Das Mercês sorriu. Desanuviou o rosto. Parou de estalar os nós dos dedos.

— Você não entende nada de assombração!

Disse Das Mercês, compenetrada.

Vai daí Mariinha ficou perplexa. Fitou o rosto agora calmo sossegado tranquilo de Das Mercês.

— Das Mercês...

E Das Mercês completou, se sentando de frente pra rua, com as pernas de fora, as pernas aparecendo pra quem quisesse olhar:

— Pelo fato de que tenho medo de assombração, eu leio muito sobre assombração, viu, Mariinha?

— Você lê muito sobre assombração...

— Eu devoro todos os livros que contam história de assombração.

— E está ficando corajosa!
— Corajosa, não. Habilidosa, sim.
— Habilidosa... Eta ferro, Das Mercês, eu estou gostando de ver, você está diferente.
— Eu estou diferente, isso mesmo.
— Que maravilha...
— Continuo com medo, sabe? Mas estou mais ladina. Já sei, por exemplo, que assombração não aparece assim num alpendre onde está batendo o sol da tarde. E até logo, viu?

Mariinha enrugou a testa. Ficou pensando na lógica de Das Mercês. E concluiu, enquanto a amiga atravessava a rua: devera, num sol gostoso desse, assim batendo de leve num murinho de alpendre, criatura do outro mundo não teria espaço de aparecer.

Seguindo a lógica de Das Mercês, eu diria o seguinte: num murinho de alpendre desse, num sol gostoso desse, tudo parecia estar seguro. Mas quem falou que tem sol e murinho de alpendre o tempo todo. Das Mercês foi pra missa. Mariinha guardou as panelas no armário. E cadê sol, cadê murinho de alpendre.

Nada estava seguro.

Ele procurava a pista que o levaria aos originais dos versos de **A casa**, do Emílio Moura. Sabia que havia sido escondida entre aqueles livros daquela prateleira daquela estante. Sabia o porquê de ter sido escondida e sabia o nome de quem a escondera. Sabia melhor ainda por que somente a ele fora confiado o segredo.

E agora teria que encontrar o rasto o vestígio a indicação, ir até o lugar indicado, pegar os originais e dá-los a conhecer a um editor. Era talvez um modo de perdoar o escritor que sempre soube ser e de quem sempre fugiria. Talvez se sentisse pálido demais pra aceitar o destino de escrever e publicar livros.

Talvez.

No rio, na serra, no vento do mistério.
E foi e foi.
Um dia veio o quinto sentido:

Livro paroquial em que são registrados os principais fatos e ocorrências que dizem respeito à situação patrimonial e à vida religiosa da paróquia.

Como das outras vezes, o escrito acrescentado tinha sido feito num livro da sexta estante, na sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê. Com letra de forma e canetinha iriscor. O pormenor canetinha iriscor, de uma hora pra outra, virou o pormenor mais pormenor de todos.

Leodegária Moura acabara de contar uma história pra turma da Denísia. Os meninos e as meninas ainda comentavam a história, quando dona Terenciana entrou na biblioteca.

— Leodegária, precisamos conversar.

As meninas e os meninos foram saindo, alguns ainda conversando sobre a história; outros calados, pensando na história; outros apenas embevecidos, sentindo lembrando revivendo a história.

Dona Terenciana foi indo pro lado onde ficava a única janela de vidro bisotê. Diante dela, a sexta estante.

Dona Terenciana pegou o livro onde havia sido encontrado o quinto sentido. Abriu-o. Achou a página com o acrescentamento.

Leodegária se manteve quieta no cantinho com tapete e almofadas, onde lia e contava histórias.

— Vem cá, Leodegária.

Pediu dona Terenciana, com os olhos fixos nas palavras escritas com canetinha iriscor. Canetinha iriscor.

Leodegária foi andando devagar. Dizendo:

— Eu hoje contei uma história do Ricardo Azevedo. Linda demais da conta.

— Canetinha iriscor.

Disse dona Terenciana, com os olhos fixos na canetinha iriscor.

— Estou preparando uma história do Luiz Raul Machado pra semana que vem. Também é maravilhosa.

— Canetinha iriscor.

Disse dona Terenciana.

— Depois, vou preparar uma da Lygia Bojunga.

— Canetinha iriscor.

Repetiu dona Terenciana. E ajeitou a gola da blusinha branca sob o blêizer preto.

E ainda disse:

— Mania que você tem de dizer que vai preparar uma história... Por acaso um livro é um café da manhã ou uma janta?

— Depois, vou ensaiar a turma da Belozina. Eles vão apresentar um jogral com poemas da Roseana Murray. Aposto que vai ficar muito bom. Os alunos da Belozina já escrevem poesia, dona Terenciana... E um livro é isso mesmo, uma coisa gostosa pra gente saborear.

— A cor é sempre violeta.

A diretora disse, fitando depressa o rosto de Leodegária Moura. Que perguntou:

— A senhora tem preferência por algum gênero, dona Terenciana?

— Leodegária, para com esse vazo de desviar o assunto.

— Tem gente que prefere a crônica. Tem gente, o romance. Tem gente, a poesia. Eu prefiro o conto. Mas o conto que tenha poesia, sabe?

Dona Terenciana estava muito longe daquela poesia, daquele conto, daquele romance, daquela crônica. E disse:

— O assunto que eu quero tratar com você é outro, Leodegária. Já te pedi pra parar de mudar de assunto.

Leodegária ficou olhando pra página do quinto acrescentamento. E disse:

— Pois é, o autor misterioso escreve com letra de forma e a cor violeta.

— E canetinha iriscor.

Completo dona Terenciana, subitamente séria intensa tremulal.

— Canetinha iriscor, viu, Leodegária?

— Eu sei, dona Terenciana.

— Ele ou ela não escreve a lápis, pra preservar o livro. Escreve com canetinha iriscor, uma coisa muito mais difícil de apagar. O autor ou a autora está cometendo um crime.

— Dona Terenciana...

— Com esse quinto significado, que fala de livro do tombo, eu atinei com esse detalhe. Como foi que a gente não botou reparo nisso antes, meu Deus?

— Sabe, dona Terenciana...

— Isso é crime contra o patrimônio público.

Leodegária Moura respirou fundo. Mordeu os lábios.

Dona Terenciana continuava olhando pra página do quinto acrescentamento.

— Eu lembrei de tombamento, sabe? De preservação. De cuidado com as coisas que são preciosas pra todos nós. Mas aqui em Dores tem uma pessoa atrevida e desrespeitosa que entra na biblioteca durante a noite e escreve nos livros. Escreve com canetinha iriscor!

Os meninos e as meninas da turma da Maralice entraram. Foram logo correndo pro tapete com almofadas. Leodegária:

— Tem outra turma me esperando, dona Terenciana.

A diretora permanecia seríssima intensa tremulal.

— A turma que espere. A nossa história é muito mais importante agora.

Leodegária pôs a mão na cabeça. Mordeu os lábios de novo.

— Esse crime tem que ser punido, viu, Leodegária?

— Não sei como, dona Terenciana. A gente nem sabe quem é o criminoso ainda...

— Ou a criminosa.

— Pois é.

— Temos aqui um caso de polícia.

— Dona Terenciana...

— Um livro é uma coisa sagrada. Não se pode sujar um livro desse jeito.

— Bom, eu penso que...

— Não vai me dizer que aprova esse comportamento delinquente! Esse vandalismo. Esse total desrespeito ao patrimônio cultural de Dolores do Indaiá!

Leodegária pensou em dizer: não acho bom uma pessoa escrever com canetinha iriscor num livro da biblioteca da escola de Dolores, mas o mais grave é que há poucos leitores em Dolores. Daí, a gente saber que temos um leitor que também gosta de escrever dá um alívio, sabe? O erro passa a não ser tão grave assim. Precisamos olhar tudo isso com outros olhos. O mais importante é o incondicional direito de ler e escrever.

Mas Leodegária Moura tinha um problema: não dava conta de dizer, com rapidez, tudo o que tinha vontade de dizer. Seu raciocínio era moroso. Acontecia no que se referia ao João Francisco de Almeida, o namorado. E também no que se referia à sua chefe, a dona Terenciana.

Leodegária demorava a tomar uma decisão. Demorava a dizer o que precisava dizer. Mesmo sendo uma pessoa que adorava dizer o que tinha vontade de dizer.

Então dona Terenciana tomou a sua decisão:

— Vou mandar esse caso pra polícia. Vou falar hoje mesmo com o prefeito e ele vai deixar esse caso nas

mãos da polícia de Dores. O prefeito é muito meu amigo. Ele me ouve muito. Ele vai mandar resolver esse caso o mais rápido possível. A gente não pode continuar convivendo com uma pessoa assim, que entra na biblioteca e se sente a dona dos livros.

Leodegária Moura pensou: muito estúrdio agora ela dizer vou mandar, vou falar hoje mesmo com o prefeito e ele vai deixar esse caso nas mãos da polícia de Dores. Muito estúrdio agora ela dizer o prefeito é muito meu amigo, ele me ouve muito, ele vai mandar resolver esse caso o mais rápido possível. Por que ela nunca disse isso, que ele vai resolver esse caso o mais rápido possível, quando eu digo a ela que a gente carece de melhorar o nosso acervo? Eu tenho que fazer rifa uma atrás da outra, pra ter um dinheirinho pra comprar livros novos, porque ela sempre diz que o prefeito é uma pessoa difícil, e que ela não se sente à vontade de pedir alguma coisa a ele. Que, infelizmente, eles nunca foram amigos. Que, aliás, ela não tem amizade com esse povo da política, sabe?

Leodegária Moura continuou pensando: muito estúrdio ela dizer que a gente não pode continuar convivendo com uma pessoa assim, que entra na biblioteca e se sente a dona dos livros. Na verdade, ela deveria dizer: a gente não pode continuar convivendo com uma realidade assim, em que a maioria das pessoas não se sente dona de suas próprias vidas. E que ingresia é essa de dizer que ela e o prefeito nunca foram amigos? Pra biblioteca ter livros, a diretora precisava ter amizade com o prefeito? Uma amizade interesseira e conveniente? Não seria muito mais honesto ter amizade com os livros, não abrir mão deles, fazer o possível e o impossível por eles, mas de modo digno e limpo e justo?

No entanto, Leodegária não deu conta de dizer coisas essas tais. Por causa do problema de raciocínio moroso. E dona Terenciana ainda decidiu:

— Vou mandar o prefeito mandar a polícia tomar conta da biblioteca. A polícia vai tomar conta dos livros. Quero ver. Não dou dois dias pra polícia desmascarar essa criatura desaforada que pensa que manda em Dorés. Quem manda em Dorés é a lei, é a ordem, é o progresso.

Dona Terenciana foi saindo. Seus sapatos de salto alto batiam no assoalho da biblioteca da escola de Dorés.

A turma da Maralice esperava pela Leodegária. Que continuava parada ali diante da janela de vidro bisotê. E Leodegária pensava: muito estúrdio ela repetir tantas vezes a palavra mandar. Vou mandar o prefeito mandar. Não dou dois dias pra polícia desmascarar essa criatura desaforada que pensa que manda em Dorés. Quem manda em Dorés...

Leodegária se aproximou da turma da Maralice. Viu as meninas e os meninos mexendo nos livros que espalhara pelas almofadas. Sorriu.



Seu Baldico:

— Quando fala em livro do tombo, eu penso num livro que conta todos os tombos que a gente já levou aqui em Dorés.

Dona Julita:

— Lembra do tombo da Vandira? A Vandira vinha vindo do Morro da Capelinha, tropeçou numa bengala velha jogada no meio da rua, a Vandira levou um tombo que eu vou te contar. Foi um tombo feio. A Vandira quase morreu de vergonha, porque ficou com a bunda de fora no meio da rua, ela tem o vício de andar sem calça e o vestido embaraçou na bengala velha.

— A Vandira quase morreu de vergonha, foi mesmo. O tal livro do tombo podia contar os casos de tombo que mais passaram vergonha na gente, não é mesmo?

Canetinha iriscor. Um crime. Uma criatura desrespeitosa que sujava os livros. O prefeito vai deixar esse caso nas mãos da polícia. Não dou dois dias pra polícia desmascarar essa criatura que pensa que é a dona dos livros. Leodegária ia se lembrando de tudo o que dissera dona Terenciana, enquanto se aproximava de casa, de volta da biblioteca, depois de mais um dia de trabalho.

Rua Morro das Oliveiras, número 19. Leodegária pegou o molho de chaves, vou mandar o prefeito mandar, abriu a porta da sala, entrou, trancou a porta, a polícia vai tomar conta dos livros, quero ver, atravessou o corredor, entrou no quarto, pendurou a bolsa na cabeceira da cama.

A polícia vai tomar conta dos livros.

Quero ver.

Olhou-se no espelho da penteadeira. Depois, foi pro banheiro e tomou um banho demorado.

Não posso tirar o foco de Leodegária Moura. Uma luz fininha, mas renitente. Afinal, ela fora a primeira a saber que a polícia começaria a agir no caso da sexta estante, da sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê. A primeira a saber que agora os escritos tinham virado um caso de polícia. Pois que o prefeito era muito amigo de dona Terenciana. Ele a ouvia muito.

Naquela noite que antecedeu o dia mais agitado confuso tumultuado de sua vida, Leodegária jantou pouco. Apenas um caldo de feijão. Custou a dormir.

Amanheceu o dia.

De exato o dia mais terrível turbulento tenebroso da vida de Leodegária Moura. Dizer tumultuado seria pouco. Confuso tumultuado ainda seria pouco. Agitado confuso tumultuado continuaria sendo muito pouco.

Vai daí, preciso recomeçar dizendo: amanheceu o dia, de exato o dia mais terrível turbulento tenebroso da vida de Leodegária Moura.

Primeiro, apareceu o sexto sentido:

Aquele em que não há nada impresso.

O sexto sentido falava de um livro em que não há nada impresso, olha só que coisa estranha. Logo cedo, na hora da primeira turma, a Heloísa mais o Afrânio correram pra sexta estante, pra sexta prateleira, e viram o sexto sentido da palavra livro. Um livro em que não há nada impresso.

— É livro em branco!

Gritou o Afrânio, depois de olhar no dicionário.

— Ou livro do destino.

Completo a Heloísa, na mesma página.

Leodegária estava separando uns livros de poesia. Ficou petrificada estagnada paralisada. Não sabia direito o porquê, mas aquela sexta significância era impressionante. Parecia dizer uma coisa muito importante pra ela. De como se dissesse:

— Gária, escute bem, cada vida é um livro em branco, cada vida é um livro do destino.

E mais:

— Gária, tome cuidado com o seu destino, com a sua vida.

Mais e mais:

— Não deixe que alguém tome conta da sua vida, do seu destino. O seu livro, Gária, quem deve escrever é você.

Mais mais mais:

— Se você demorar demais pra escrever o que precisa ser escrito, Gária, vem outra pessoa e escreve no seu lugar, viu?

Leodegária não conseguiu terminar de separar os livros de poesia. Sentiu uma tontura. Bebeu um pouco de água. Respirou fundo. Sentiu-se um pouco melhor. Mas deixou os livros de poesia misturados com os atlas geográficos, ara mas tá; que a poesia ficasse no meio dos mapas, nas florestas dos países, nos rios nos abismos dos desertos das pessoas habitantes.

Chamou:

— Afrânio e Heloísa!

Os dois correram pra perto dela.

— Me fazem um favor?

Os dois responderam juntos:

— Fazemos, Gária. O que é?

Agora o foco sobre dona Geralda. Uma luz forte renitente. Dona Geralda foi entrando no armazém. Queria farinha, cebola e pimentão. Quem fazia as compras era a Lilica, mas naquele dia a dona Geralda fez questão de ela mesma ir pro armazém. Precisava conversar com a Cleonice, a dona do armazém. As duas eram amigas de infância e viviam fazendo confidências uma com a outra. Qualquer coisa que preocupasse a dona Geralda, ela contava pra Cleonice. Vai daí a dona Geralda fazer questão de ela mesma ir pro armazém, vez ou outra. Quer dizer: sempre que a dona Geralda tinha uma preocupação, ela ia pro armazém. A Lilica achava era bom, tinha preguiça de carregar sacola de compra.

Era de ver que a Cândida entrou no armazém. Entrou por entrar. Vivia guindando na rua, como dizia o seu Cassiano Alvalade. Tinha hora, cansava de andar e entrava num lugar, pra ficar observando coisas e pessoas. Cândida sempre teve esse vício de entrar nos lugares e ficar assuntando pessoa e coisa.

Pois bem. Tinha chegado o dia de Cândida salvar a vida de Leodegária Moura. Ela ainda não sabia, apenas estava ali no armazém, observando as prateleiras, os

mantimentos, as pessoas que entravam e saíam. Gostava de ficar assim, bestando.

Teve um instante. Cândida viu que dona Geralda e Cleonice conversavam perto do balcão. Cândida pensou e riu: elas devem estar conversando abobrinha, muito conveniente num armazém. Cândida continuou rindo. Aproximou-se de um armário de prateleiras largas. Havia nelas todo tipo de latas. Pra ver melhor o que estava escrito numa das latas, Cândida teve que dar a volta e ficar por detrás do armário. Foi quando ouviu a expressão veneno de planta-verde-da-várzea.

Primeiro, achou bonita a expressão planta-verde-da-várzea. Mas em seguida ficou cismada com a expressão veneno.

Vai daí Cândida achou melhor continuar atrás do armário de latas e ouvir direitinho a abobrinha com veneno de planta-verde-da-várzea de Cleonice mais dona Geralda:

— Geraldinha de Deus, então a Lilica...

— Isso mesmo, Cleonice. A Lilica vai ter coragem de fazer uma coisa dessa.

— Será que vai mesmo?

— Vai. A Lilica está zureta por causa do Gabrielzinho. Ela faz tudo por causa daquele menino.

— Mas isso não é motivo pra ela assar uns biscoitos de queijo com veneno de planta-verde-da-várzea!

— Também acho, Cleonice.

— Envenenar a moça da biblioteca, onde já se viu!

— A Leodegária é doida com biscoito de queijo. Vai comer o biscoito de queijo com a boca boa, achando que ganhou um presente delicioso da Lilica...

— E dali a meia hora, meia hora no máximo, vai cair estiscada no chão, envenenada por planta-verde-da-várzea.

— Planta-verde-da-várzea mata em meia hora?

— Meia hora no máximo, Geraldinha.

— Deus me livre e guarde, Cleonice.

— Mas então você acha que vai ser hoje...

— Vai ser hoje. Ela pediu folga pra hoje de manhã. E sabe, Cleonice, aposto que ela vai levar os biscoitos de queijo numa gamelinha cheinha! A Leodegária vai comer muitos biscoitos de queijo...

— Se eu fosse você, dava as contas pra Lilica hoje mesmo, viu, Geraldinha?

— Eu ficar sem empregada?... Depois da Jovelina, a Lilica é a melhor quitandeira de Dores...

— A segundo lugar em quitanda tem capacidade de colocar veneno em biscoito; arreda, arreda, ô Geraldinha, dá as contas pra ela hoje mesmo, viu? Inventa uma desculpa, boba. Fala que a partir de hoje você vai cuidar da comida.

— Ela não vai acreditar. Ela sabe que eu sou uma negação na cozinha.

— Então vai e pensa numa desculpa mais convincente.

— Cleonice de Deus...

— Se livra dessa Lilica, viu, Geraldinha? Cremdeuspai. Dizer que vai botar veneno em biscoito de queijo e oferecer o tal biscoito de queijo pra moça da biblioteca, isso lá é gente de confiança pra trabalhar na sua casa?

Cândida não deu conta de ouvir mais nada. Rapidamente, afastou-se do armário de latas, tropeçando nos sacos de feijão e farinha de milho.

Na rua, nem cumprimentou o seu Pedro, que passava de charrete rumo à chácara.

— Como vai, Cândida? E o Cassiano?

Ela apenas viu o seu Pedro. Muito rapidamente se lembrou de Jurandir. Gostava tanto do Jurandir. Mas agora precisava correr pra biblioteca. Precisava contar o que tinha acabado de ouvir. Precisava alertar sobre um possível assassinato. Precisava avisar Leodegária Moura.

Jurandir chegou à porta da cozinha e passeou os olhos pelos fundos do quintal. Gritou:

— Veludo!

O cachorro veio correndo, serelepe contente festoso. Jurandir se agachou, fez um afago nas orelhas dele.

— Meu amigo... “Magro, asqueroso, revoltante, imundo, para dizer numa palavra tudo, o mais feio cão que houve no mundo.”

Disse Jurandir, repetindo os versos que sabia de cor. O Veludo de Jurandir, que não era imundo, nem revoltante, nem asqueroso, nem magro, mas o contrário disso tudo, continuou ali perto, olhando pra ele, esperando que alguma coisa acontecesse.

Jurandir se levantou, sentiu o focinho do cachorro em suas pernas, pensou no quanto a companhia desse animal era importante, pensou no quanto pensava em Cândida.

— Veludo, me fala, por que ela não sai da minha cabeça? Eu durmo e acordo pensando nela, Veludo, eta sofrimento.

Era assim, fazia mais de dois anos. Jurandir se lembrava de Cândida e chamava o Veludo. Precisava conversar com alguém sobre o que sentia. Com o tio Pedro, sentia vergonha sem-graceza constrangimento.

Naquela manhã, já perto da hora do almoço, Jurandir tinha o coração apertado. Ainda bem que havia o Veludo.

— Meu amigo, eu estou apaixonado.

Pronto. Consagrou a verdade. A verdade mais vera verdadeira veraz.

Veludo compreendia, fitando-o com aqueles olhinhos vívidos de vira-lata. Vai daí Jurandir fez outro afago em Veludo e entrou na cozinha. Veludo o seguiu. Os dois ficaram rodeando o fogão. A Marlene estava quase terminando de fazer o almoço.

— Os dois já estão com fome, é?

— Pois é, Marlene.
— Falta eu afogar a couve, é só um instantinho.
— O tio Pedro vai almoçar lá na chácara mesmo.
— Eu sei. Ele me avisou ontem. Tem umas pendengas lá pra ele resolver.

— Deu praga nos pés de tomate. E o filho do caseiro pegou uma doença esquisita, depois que visitou outra chácara lá perto.

Marlene picava a couve, deixando-a bem fininha. Jurandir se recostou na mesa, com os braços cruzados. Veludo se aconchegou aos pés dele.

— O Tiaguinho. Foi o Tiaguinho que ficou perrengue.
— Conhece ele, Marlene?
— Conheço, uai. Conheço todo mundo que trabalha lá. O pai do Tiaguinho é o Tonho, que é primo da Luzimar.
— Luzimar...

— A vizinha da minha irmã, a Dirce.

Jurandir sorriu levemente. Tinha dificuldade em se lembrar das pessoas que trabalhavam pro tio Pedro, porque não se interessava pela chácara, não queria saber de chácara. Marlene virou e falou:

— A dona Jovita continua com uma cara...
— Faz mais de três meses.

Marlene jogou a couve picada fininha sobre o óleo quente na frigideira. Cheirinho de alho.

— O seu Pedro mais ela estão de mal.
— Mas eles vão ficar de bem de novo, Marlene.
— Vão, é?
— Vão. O tio mais eu estamos ouvindo a novela todo dia, depois da janta.

Marlene colocou sal e mexeu a couve um pouco. Deixou a frigideira destampada. Abriu a panela da carne cozida com cenoura, experimentou o tempero, tornou a tampar a panela. E falou:

— Sabe que nunca ouvi a novela?
— O dia que ouvir a primeira vez, vai virar devota.

Disse Jurandir, se inclinando pro Veludo, fazendo um carinho no queixo dele.

— Pode ser. E o que é que a novela tem a ver com as pazes do seu Pedro com a dona Jovita?

Veludo pulou nos braços de Jurandir, que o abraçou com força, enquanto dizia:

— Uma história de amor sempre tem alguma coisa a ver com todas as outras histórias de amor, viu, Marlene?

Marlene sacudiu a cabeça, rindo. Foi ajeitar a mesa pra servir o almoço.

Jurandir de novo com a Cândida na cabeça na alma no coração. E decidiu naquela hora: vou me declarar pra ela.

Confesso, eu gosto muito de histórias e poesia de amor: Jurandir que amava Cândida que já gostava de Jurandir que amava Cândida.

Mas como fugir dos outros acontecimentos?

Preciso reiterar o seguinte: em Dores, ainda existe novela de rádio. Por incrível que pareça, a Rádio Doreense mantém a tradição das novelas de rádio, com estúdio e atores especializados, dá gosto ver a Rádio Doreense preservar essa arte parecida com livro, porque a gente só ouve as vozes e os barulhos, imaginando todo o resto.

Então. Vai daí que. A Leodegária pediu pro Afrânio e a Heloísa fazerem um favor pra ela. A Cândida correu pra biblioteca, foi avisar a Leodegária sobre uns biscoitos assados com veneno de planta-verde-da-várzea. E não podemos esquecer: o João Francisco de Almeida, o namorado de Leodegária, é um homem violento e ressentido, não vai se conformar com o que ela disse pra ele: acabou tudo, João. E outra coisa: o caso dos escritos acrescentados nos livros da sexta estante, da sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê. O detalhe fatídico é que o autor desconhecido, ou a autora desconhecida, escreveu com canetinha iriscor.

Tivesse escrito a lápis, menos mal. Bastava a Leodegária apagar tudo com bastante cuidado e pronto. Restariam vestígios quase invisíveis. Mas a autora desconhecida, ou o autor desconhecido, inventou de usar canetinha iriscor. Muito mais difícil de apagar, ô Alma do Padre.

Canetinha iriscor fez a dona Terenciana pensar em crime, polícia, não dou dois dias pra polícia desmascarar essa criatura que pensa que é a dona dos livros.

Outro detalhe: a Leodegária havia colocado um cartaz na entrada da biblioteca, com o convite pros leitores lerem o livro de uma nova autora, a Marismênia de Oliveira. Em breve, ela iria estar em Dores do Indaiá. Marismênia de Oliveira morava em Divinópolis e pegaria um ônibus pra ir pra Dores, com o intento de conversar com todos que tivessem lido o seu livro de estreia: *As coisas aconteceram assim*.

Vejamos, uma escritora sair de casa, deixar suas ocupações, seus compromissos, sua rotina, pra viajar pra outra cidade, pra conversar com seus leitores, é muito açulador. A própria Leodegária Moura diria: muito açulador. Muito, em desde que o encontro aconteça de maneira alegre afável agradavelzinha. Deus me livre a escritora chegar e deparar com a biblioteca em polvorosa, por causa da polícia que recebeu ordens de desmascarar uma criatura que se sente a dona dos livros. Deus me livre a escritora dar de cara com as professoras aflitas, os alunos assustados, a diretora desatinada. Seria um fiasco. Pra não dizer uma enorme falta de consideração com a artista. Ara mas tá. Havia o telefone. A escola tinha um telefone. A Leodegária podia muito bem telefonar pra Divinópolis, conversar com Marismênia de Oliveira, explicar que o encontro na biblioteca demoraria a acontecer, teriam que marcar provavelmente pro outro ano, por motivo de força maior. Nem precisava entrar em pormenores com a escritora, podia apenas dizer: por motivo de força maior. A

escritora ouviria por motivo de força maior e entenderia muito bem. Pensaria decerto: que pena, eu estava doidinha pra saber se eles gostaram do meu livro... Mas depois, cuidaria de coisa ou outra.

Coisa pra fazer é o que não falta. Ainda mais pra uma escritora iniciante. Eram tantos os livros que ainda deveria ler, tantos os sustos que ainda poderia ter, tantas as coragens que ainda precisaria conhecer.

Alma do Padre. Cadê que a Leodegária quis telefonar. Ela e o seu raciocínio moroso demorado lesmático devagarês. Telefonou foi nada. A Marismênia de Oliveira ia ficar feito boba lá em Divinópolis, no aguardo do dia do encontro, Deus ajude.

Lilica tinha visto o Gabrielzinho ter outro pesadelo na noite anterior. Viu o menino no canto da cama, com a cabeça enfiada entre as pernas, depois de dizer: mãe, o autor falou uma coisa horrível no meu ouvido.

Naquela manhã, Lilica decidiu: hoje a talzinha vai fenecer.

Lilica chegara ao seu limite. Não suportava mais ver o filho transtornado daquele jeito. Foi cedinho à casa de dona Geralda e pediu folga naquela manhã.

E agora eu podia rapidamente contar como tudo aconteceu.

Mas eu pareço com a Leodegária.

Vai daí, primeiro eu falo da Terezinha. Que viu a tia Márcia voltar de Bom Despacho, entrar em casa toda esbaforida, com três malas e uma sacola.

Terezinha tinha terminado de fazer um exercício de Matemática. Fripinhas de borracha sobre a página do caderno.

— A senhora chegou, finalmente.

Tia Márcia tirou a blusinha de lã, tirou o lençinho do pescoço, tirou as sandálias.

— Calorão danado, Deus me perdoe!

Dorinha veio pegar as malas e a sacola.

— Boa viagem, Márcia?

— Mais ou menos, Dorinha. Esses ônibus são muito desconfortáveis, Deus me perdoe.

Terezinha fechou o caderno com o lápis e a borracha dentro. Observou o rosto de tia Márcia. Viu uma alegria que não morava ali antes. E tia Márcia:

— Como vai, Terezinha? Senti saudade.

Tia Márcia se aproximou, deu-lhe um beijo no rosto.

Terezinha meneou a cabeça. Fazia tempo tia Márcia não a tratava assim. Beijo e senti saudade. E aquela alegria no rosto.

Dorinha levou a sacola e as malas pro quarto. E Terezinha virou e falou:

— Tia, você está com cara de quem viu borboleta azul das brenhas!

Tia Márcia quis disfarçar a alegria.

— Não vejo a hora de tomar um banho, Deus me perdoe...

Tia Márcia foi indo pro banheiro.

— Tia, me conta, arranjou um namorado por lá?

Tia Márcia respondeu já perto do banheiro:

— Vocês jovens pensam que alegria é arranjar namorado, só arranjar namorado, eu hem, tem mais alegria no mundo, Deus me perdoe.

Deus me perdoe digo eu, pensou Terezinha. Essa tia Márcia é fogo, viu? Some de casa, deixa a gente sem dinheiro pra pagar as contas, e depois volta toda regateira, de como se não tivesse feito nada de errado. Se não arranjou namorado, o que foi que fez ela ficar toda a vida lá em Bom Despacho? Ai ai. E agora essa novidade de dizer que sentiu saudade. Até me deu um beijo. Ela pensa que me engana? Eu sei que ela me odeia.

Mas Terezinha também pensou: preciso admitir, tem uma coisa diferente no rosto dela. Parece uma alegria sem nenhum fingimento. Que alegria será essa? Tenho até medo, Deus me perdoe.

Afrânio e Heloísa bateram na porta da sala da diretora. Ouviram a voz de dona Terenciana:

— Um momento!

Cândida atravessou a Rua Monte Calvário. Quando ia entrar na Santo Sudário, viu o João Francisco de Almeida conversando com o Marcone da Tinturaria. Pensou: e se eu contar tudo pro namorado da Gária? Talvez seja bom ele saber do risco que a namorada dele está correndo.

Lilica chegou ao Brejo Água do Jordão.

Aproximou-se dos tufo de planta-verde-da-várzea.

Pegou seis folhinhas.

Bastavam seis folhinhas.

Dona Geralda pegou o embrulho com farinha, cebola e pimentão. E se despediu de Cleonice:

— Chega de tanta prosa, careço de ir pra casa, até outro dia, Cleonice!

Cleonice passava um pano úmido no balcão do armazém.

— Até outro dia, Geraldinha. Não esquece, viu? Dê as contas pra Lilica.

— Tem razão, Cleonice. Não tenho outra coisa a fazer.

— Criar uma cobra dentro de casa? Você não é doida.

— Vou ter que arrumar outra empregada... Ô minha Nossa Senhora do Loreto...

— Quem envenena uma pode envenenar outra, viu, Geraldinha?

Dona Geralda sentiu uma coisa embolada na garganta, engoliu com dificuldade. Imaginou a Lilica preparando um empadão de carne pra ela. O que a Lilica poderia colocar naquele empadão delicioso? Poderia colocar farinha de trigo. E cebola. E carne. E tomate. E pimentão. E azeitona. E fermento em pó. E pronto, que empadão mais apetitoso, eta bondade.

Mas também a Lilica poderia implicar com a dona Geralda por qualquer motivo. Sempre tem um motivo pra uma pessoa implicar com outra. Vamos dizer que a dona Geralda reclamasse de uma roupa mal passada, por exemplo. Um motivo bobo assim poderia fazer a Lilica ficar com um estado de nervo. Ela que vivia transtornada com o transtorno do filho. E aí, come bacalhau, bebe água. Ninguém poderia garantir que a Lilica não colocasse também na massa do empadão, além do fermento em pó, além da azeitona, além do pimentão, do tomate, da carne, da cebola, da farinha de trigo, algumas gotinhas de veneno de planta-verde-da-várzea.

Dona Geralda saiu do armazém. Caminhou ligeiro de volta pra casa.

— **Cândida!** Ô Cândida!

Gritou o João Francisco, ao avistar a menina. Cândida pensou: eu conto ou não conto pra ele o que está acontecendo? O rapaz se aproximou.

— Está indo pra biblioteca?

Cândida respirou fundo.

— Estou...

— Você estuda de tarde, pelo que sei.

— Eu estudo de tarde, pois é...

— Está indo agora pra biblioteca por quê?

Cândida pensou: o namorado da Gária deveria saber que a gente vai pra biblioteca a hora que quiser. Ele nem parece que namora uma moça que gosta de ler.

— Fala, Cândida. Está indo levar algum recado pra Gária?

Cândida se assustou com a pergunta. O João Francisco poderia estar sabendo do plano da Lilica? Será que o João Francisco também pretende ver a Leodegária morta e enterrada. Eu sempre sonhei com um grande mistério em Dores. Vai ver já estou diante desse grande mistério em Dores.

João Francisco de Almeida sacudiu Cândida nos ombros. E soltou uma voz soturna:

— A Gária já tem outro namorado e você está levando um recado dele pra ela?

Cândida não gostou nem um pouco do jeito como ele lhe sacudiu os ombros. Da pergunta a Gária já tem outro namorado e você está levando um recado dele pra ela, gostou muito menos ainda. Decidiu não dizer nada sobre os biscoitos de queijo com veneno de planta-verde-da-várzea. Apenas disse, se afastando rápido:



— Não sou uma molequinha de recado. E não me amola, viu?

Heloísa:

— Ela não atende a gente!

Afrânio:

— Ela já falou um momento quinhentas vezes. Mas não atende a gente. E agora, Heloísa?

— Vou bater na porta de novo...

— Vai, bate com mais força!

A voz de dona Terenciana:

— Um momento!...

Assim que viu a Cândida correr em direção à escola, João Francisco de Almeida entrou na Tinturaria, ao lado do Marcone.

— Não te falei, Marcone? A Gária deve estar aprontando comigo.

— Que nada, João. Esfria a cabeça, homem.

— Ela já deve ter arrumado outro.

— E se isso for verdade?

— Como assim e se isso for verdade?!

Marcone começou a organizar alguns cabides num armário. João Francisco sentou-se na poltrona de frente pra porta. Ficou com o olhar parado fixo na porta.

— Se isso for verdade, João, você vai ter que se conformar.

— É baixo! Eu lá sou homem de me conformar com mulher que põe outro no meu lugar?

— Ô João, você não é dono da Leodegária Moura. Quem entra na vida dela é da competência dela, fique você sabendo.

— Depois que morou uns meses em Belo Horizonte, você voltou todo moderno.

— Eu sempre pensei desse modo, viu, João? Sempre achei que mulher pode fazer da vida o que quiser, igual a gente. Eu só não tinha coragem de dizer isso aqui em Dolores, pra não entrar em conflito.

— Mas lá em Belo Horizonte você viu todo mundo com coragem de dizer isso, não foi?

— Vi mesmo. E acostumei a entrar em conflito.

— Grande coisa. Entrar em conflito.

— Pensar uma coisa e ter coragem de defender essa coisa. Entrar em conflito, se for preciso.

João Francisco de Almeida com os olhos parados fixos na rua:

— Sou igual a você. Eu também penso uma coisa e tenho coragem de defender essa coisa. Entrar em conflito, se for preciso.

Marcone colocando um terno azul-marinho num dos cabides:

— Vê lá o que vai fazer, viu, João? Não esquece que a Leodegária também pensa uma coisa e tem coragem de defender essa coisa.

— Vai ser um conflito e tanto...

— Mas não esquece, a dignidade vem sempre em primeiro lugar.

— Dignidade serve pra quê, hem, Marcone?

— João, vê lá...

— Você agora frequenta a biblioteca da escola, eu sei... Vai lá pra olhar no dicionário... Pensa que está mais elegante por causa de dicionário? Dicionário engoma e passa os seus ternos de um jeito mais tranchã?

João Francisco de Almeida se levantou. Foi saindo da Tinturaria, diante do olhar preocupado de Marcone.

— Podem entrar!

Disse a voz de dona Terenciana.

Afrânio girou a maçaneta da porta da sala da diretora. Heloísa entrou primeiro. Os dois se aproximaram da mesa da diretora. Que ainda encerrava uma conversa ao telefone:

— Obrigada, obrigada. Vou ficar aguardando. Sei que posso contar com o senhor. Gostei da ideia da proteção ostensiva já a partir da tarde de hoje. Obrigada, obrigada...

Heloísa e Afrânio sentiram um cheirinho de cera. A faxineira havia encerado a sala da diretora naquela manhã bem cedo. Dona Terenciana colocou o telefone no gancho.

— Do que se trata?

Ela perguntou, apoiando os cotovelos nos braços da cadeira que girava um pouco. Heloísa:

— A Gária...

Afrânio:

— Pois é, dona Terenciana, a Gária...

— A dona Gária.

Corrigiu dona Terenciana.

Afrânio:

— Ela disse que a gente pode chamar ela de Gária.

Dona Terenciana se levantou. Foi até a janela e abriu a persiana. Entrou mais claridade na sala.

— Está bem. Podem dizer Gária mesmo.

Heloísa:

— A Gária pediu pra senhora mandar investigar a loja de armarinhos que está fechada faz um tempão.

— Mandar investigar a loja de armarinhos...

Disse dona Terenciana, voltando a se sentar.

— Que está trancada, mas a Gária desconfia que tem alguém morando lá dentro escondido.

Disse Afrânio.

Dona Terenciana olhou pro Afrânio. Depois, pra Heloísa. Ajeitou a gola da blusinha branca sob o blêizer preto. E disse:

— Vocês contaram pra Leodegária que eu sou a mãe de vocês. Me deixam melancólica.

Heloísa abaixou a cabeça. Afrânio abaixou a cabeça.

Dona Terenciana respirou fundo, ficou mexendo nas canetas dentro de uma caixinha envolvida com papel de seda amarelinho-ouro.

— Contaram pra ela. Agora ela se acha no direito de mandar vocês me pedirem qualquer favor.

— Ela não mandou a gente pedir. Ela pediu pra gente pedir.

Explicou Afrânio. E Heloísa:

— A Gária é a nossa melhor amiga, viu, mãe?

Dona Terenciana contraiu o rosto. Olhou pro teto. Ficou assim olhando pro teto por um bom tempo. Depois, olhou pros meninos:

— Já mandei vocês só me chamarem de dona Terenciana, como qualquer outro aluno da escola.

Afrânio:

— Por causa do rigor da escola. Não fica bem a gente chamar a senhora de mãe na frente dos outros. Aqui na escola a senhora é a dona Terenciana.

Heloísa:

— Mas a Gária pensa um pouco diferente, viu, mãe? Ela disse que não carece desse rigor. Que isso fica muito forçado, muito formal. Onde fica o sentimento de vocês? A Gária perguntou pra gente. Vocês não precisam ficar chamando a dona Terenciana de mãe o tempo todo, como se fossem bebezinhos, mas, quando for necessário conversar com ela, podem chamá-la de mãe, fica mais natural. Bem assim a Gária falou pra gente: fica mais natural.

Dona Terenciana ficou olhando pra Heloísa. Ficou olhando pro Afrânio. E disse:

— Ela pediu pra eu mandar investigar a loja de armarinhos.

— Pediu.

Os dois responderam ao mesmo tempo.

— Ela acha que tem alguém morando lá escondido.

— Acha.

Os dois falaram ao mesmo tempo.

Dona Terenciana sorriu. Deu um beijo em cada um dos filhos. Disse-lhes que avisassem à Leodegária que ela tomaria as devidas providências naquela manhã mesmo. Ela estava adorando mandar investigar.

Quando os meninos saíram, tornou a fechar a porta. Ficou sorrindo sozinha. Em pleno gozo do mandar investigar.

Lilica amassou a mistura de polvilho doce, óleo, ovos, queijo ralado, leite, pitadinha de sal.

Quando a massa estava quase consistente, Lilica borrifou gotinhas de planta-verde-da-várzea bem macegadinha.

E amassou mais.

Dez minutos mais.

E a massa ficou bem consistente, no ponto de pôr pra assar.

Nesse exato instante, Cândida entrou na biblioteca. Correu até Leodegária, que estava sentada quietinha numa das almofadas sobre o tapete do cantinho de leitura.

— Gária!

— Cara é essa, Cândida? Respira primeiro, parece que vai colocar o coração pela boca...

— O Gabrielzinho, Gária...

— O Gabrielzinho?

Leodegária levantou metade do corpo e ajudou Cândida a se sentar numa das almofadas. As duas ficaram sentadas uma de frente pra outra.

— O filho da Lilica, você sabe.

— Claro que sei, o filho da segunda melhor quitandeira de Dores, porque, segundo dizem, quem ocupa o primeiro lugar é a mãe da Mariinha, a Jovelina...

— Você sabe que o Gabrielzinho...

— Respira fundo primeiro, Cândida. Isso, isso... Vou buscar um pouco de água pra você...

— Não carece, Gária. Eu já dou conta de falar...

— Então fala, minha querida. Você está com uma feição tão assustada!

— Eu estou apavorada, viu, Gária?

Cândida se lembrou do que o João Francisco dissera. Era grave. Mas o que a Lilica dissera pra dona Geralda era muito mais grave sério urgente urgentíssimo.

— Gária, o Gabrielzinho tem tido pesadelo um atrás do outro, depois que começou esse caso dos escritos nos livros da sexta prateleira da sexta estante.

— Me contaram. Até escrevi um bilhete pedindo pra Lilica vir aqui pra conversar comigo.

— Ela não quis conversar com você.

— Infelizmente, não. Mas eu estou pensando em ir conversar com ela... Ela mora na Rua Monte Sinai, não é mesmo?

— Nem pensar. Você tem que manter distância da Lilica. Ela está com ódio de você, Gária, por causa dos pesadelos do Gabrielzinho. Ela acha que você é a culpada de tudo.

Leodegária ficou olhando pro rosto apavorado de Cândida. Sentiu um aperto no coração. E Cândida tentando brincar:

— Me fala, Gária, você dá conta de resistir a uma gamelinha cheinha de biscoitos de queijo?

Leodegária com uma ruga na testa:

— Uma gamelinha cheinha de biscoitos de queijo...

— Você vai ter que resistir, viu, Gária? Nem pensar em comer esses biscoitos de queijo. E você vai jogar todos os biscoitos no lixo, num lixo reservado, que ninguém possa alcançar.

— Termina de explicar, por favor...

Pediu Leodegária Moura. E Cândida:

— A Lilica está assando biscoitos de queijo pra te dar de presente. Mas ela colocou veneno nos biscoitos. Ela quer te matar.

João Francisco entrou na Barbearia do Alírio.

— O bigode e o cavanhaque, por favor.

Dona Geralda entrou em casa. A Lilica tinha pedido folga naquela manhã. Vai daí a casa estava num desalinho que dava até gastura.

E quando pensou que teria que fazer o almoço, ô desacorçoo.

O pior é que teria que fazer o almoço durante vários dias, até arranjar uma nova empregada, porque quem envenena uma pode envenenar outra, viu, Geraldinha?

Heloísa:

— A nossa mãe é um entojó, Franinho.

Afrânio:

— A nossa mãe é uma íngua, Helô.

Lilica se sentou num tamborete da cozinha. Ficou esperando os biscoitos assarem do jeito que gostava: meio morenos, macios, com um cheirinho que deixava qualquer um com água na boca. Lilica respirou fundo. Teria que esperar exatamente quarenta minutos.

— **Capricha nesse cavanhaque** e nesse bigode, Alírio.

— Vai namorar, hoje?

— Não é da sua conta.

Leodegária se levantou do cantinho de leitura. Andou um pouco pela biblioteca, a esmo. Depois, se aproximou da sexta estante, a que ficava diante da janela de vidro bisotê. Pegou um livro. Mas não o abriu. E disse, com uma tristeza escura nos olhos verde-crê:

— Tudo começou aqui nesta estante. Misteriosa estante.

Cândida também havia se levantado e ficou parada diante da janela de vidro bisotê, divisando lá fora o pátio da escola.

O sol e o vidro bisotê faziam agulhas de cores em Cândida, nos livros, nas prateleiras próximas à janela.

Havia alguns homens e algumas mulheres dentro da biblioteca. Os dicionários sempre disputados. E outros livros também. Leodegária observou aquelas pessoas que estavam na biblioteca. Sorriu.

— Tão bom ver a biblioteca cheia de leitores adultos!

E Leodegária ainda falou:

— A campanha de alfabetização foi bonita, a gente deu conta de não deixar ninguém sem aprender a ler,

mas o mais bonito mesmo é ver essas pessoas com essa gana de ler. Dores pode virar uma cidadezinha muito interessante.

Cândida ficou olhando pro pátio da escola, pela janela de vidro bisotê.

— Gária, como está o seu namoro com o João Francisco?

Leodegária girou a cabeça e olhou pra Cândida.

— Eu terminei tudo com ele.

Cândida também a fitou.

— Ele não terminou tudo com você.

Leodegária sentiu um arrepio.

— Me explica melhor, Cândida. Hoje você tem cada notícia, hem?

— Quando eu estava vindo pra cá, ele me chamou pra conversar sobre você.

— Te disse o quê?

— Perguntou se eu estava trazendo recado de outro homem. Achei o jeito dele muito estranho.

— O João se sente o meu dono...

— Como a maioria dos moços daqui de Dores, eta diacho.

— Pois é.

— Mas o João Francisco tem um agravante.

— Um agravante?

— Ele é mais violento.

— Isso é de vera. Já senti na pele.

— Um homem assim exige maior cuidado da sua parte.

— Você presta atenção em tudo, hem, Cândida?

Comentou Leodegária, se aproximando dela. As duas ficaram olhando pro pátio da escola, através do vidro bisotê. Agulhas de cores também em Leodegária. Que falou:

— Olhando por este vidro, as imagens ficam meio embaçadas, meio embaralhadas...

— De igual quando a gente vive um problema sem nenhuma capacidade de rir.

Disse Cândida. E continuou:

— Já botei reparo nisso, Gária, quando a gente está numa situação de perigo e perde a capacidade de rir da situação, porque sempre tem um lado que a gente pode rir dele; pois bem, quando a gente está numa situação de drama e não dá conta de rir de jeito nenhum, acaba que as coisas ficam confusas e difíceis demais da conta. A gente fica quase cega!

Leodegária Moura ficou olhando pra Cândida Alvalade. Que dizia coisas inteligentes. Essa mocinha que vivia lendo na biblioteca. Mas que também vivia andando pelas ruas de Dores, atenta a tudo.

— Tenho orgulho de ser sua professora, viu, Cândida?

— Tenho orgulho de ser sua aluna, viu, Gária?

— Mas, por favor, Cândida, me ajude a dar conta de ver um lado desse caso do qual a gente possa rir... Parece tudo tão dramático! Olha só: o João não se conforma com o fim do namoro e a mãe do Gabrielzinho está querendo me matar! Vou rir de quê? E olha que tem mais problema pra gente enfrentar...

— Mais problema?!

— Problema que não acaba mais!

— Quer dividir comigo esses problemas todos?

Leodegária hesitou. Mas olhou nos olhos de Cândida e viu um mar de força voragem destemor. Concluiu que podia contar com esse mar.

— Cândida, a misteriosa estante está desenvolvendo um problema muito grande aqui em Dores.

— Os escritos acrescentados à noite...

— Te peço sigilo, por enquanto. Não é bom a gente espalhar o pânico. Mas a polícia vai tomar conta da biblioteca, já a partir de hoje, com toda a certeza, porque a dona Terenciana quer assim.

Cândida arregalou os olhinhos castanhos.

— A polícia vai tomar conta da biblioteca!

— Você sabe, Cândida, as pessoas têm muito medo da liberdade. A liberdade faz a gente fazer e acontecer, e isso envolve uma série de riscos.

— Riscos e mais riscos, eu sei.

— O autor, ou a autora que escreve nos livros durante a noite... Essa pessoa se sente livre pra entrar na biblioteca e escrever comentários e versos nos livros.

— É uma pessoa estranha. Mas escreve umas coisas tão interessantes...

— Muito interessantes. Mas há aí um detalhe que complica as coisas.

— Um detalhe...

— Se essa pessoa escrevesse a lápis, tudo bem. A diretora mandaria apagar os escritos, e pronto, assunto encerrado.

— Mas a pessoa usa canetinha iriscor.

— Canetinha iriscor.

— Gária... Então a dona Terenciana...

— Mandou a polícia vigiar dia e noite. A partir de hoje, decerto. A polícia vai desmascarar essa criatura que pensa que é a dona dos livros. Entendeu?

— Entendi. Eta lasca. Entendi muito bem.

— E a dona Terenciana, quando quer, tem muitos poderes.

— Ela pensa que tem. No caso dos filhos, ela pensa que engana todo mundo. Ela pensa que ninguém sabe que a Heloísa e o Afrânio são filhos dela. Ela não quer que os meninos chamem ela de mãe, pra manter uma situação de formalidade.

— A dona Terenciana adora uma formalidade.

— A formalidade é a vida dela. Sempre achei isso. A dona Terenciana não dá conta de viver sem um ar de coisa solene. É como se ela vivesse de uniforme, sabe? Sempre que olho pra ela, tenho a impressão de que vai mandar eu marchar.

— Presta mesmo atenção em tudo, hem, Cândida?

— Achei um lado engraçado, Gária: a dona Terenciana pensa que ninguém sabe que ela é a mãe do Afrânio e da Heloísa. Mas todo mundo sabe que ela é a mãe deles, e todo mundo faz de conta que não sabe, e participa do teatro dela. É um lado engraçado, você não acha?

— De certa forma é engraçado, sim. É também irônico. Um pouco triste também, sei lá.

— Minha Nossa Senhora de Fátima...

— Eu pedi pros meninos dizerem pra ela que é necessário mandar investigar a loja de armarinhos.

Cândida meneou a cabeça, rindo:

— A loja de armarinhos da Rua da Santa Cruz?

— Claro. A que está fechada faz muito tempo. Pode ser que tenha alguém escondido lá...

— Seu intento é dar outro serviço, outra preocupação pra dona Terenciana.

— Desviar um pouco a atenção dela.

— Ela não pode se concentrar apenas na canetinha iriscor!

— Exatamente isso.

Disse Leodegária, rindo também.

— Mais um lado pra gente rir dele...

— Dona Leodegária!

Gritou o Tião, com um dicionário aberto sobre uma das mesas. E ainda gritou:

— Por favor, dona Leodegária, me acode aqui! É o Tomás, ele veio atrás de mim de novo. Toda vez que eu venho, ele vem atrás de mim. E não me deixa olhar nada sozinho! Se eu caço a palavra jurisprudência, ele também quer ver a palavra jurisprudência, ô engasgo. O Tomás quer saber todas as palavras que eu sei, sabe? Ele tem ciúme das palavras que eu sei!

Leodegária Moura olhou pro Tião, olhou pro Tomás, olhou pro Tião de novo e depois olhou pra Cândida. Nos

olhinhos castanhos de Cândida estava escrito:

— Mais um lado pra gente rir dele.

Lilica sentada no tamborete.

Do forno veio vindo um cheirinho bom de biscoitos de queijo.

— **Está caprichando**, Alírio?

— Eu sempre capricho, viu, João?

— **Tia Márcia**, agora que está de banho tomado, me fala, o que foi que aconteceu lá em Bom Despacho?

— Me poupe, Terezinha. Eu estou exaurida com a viagem no ônibus que sacudiu demais o tempo todo, Deus me perdoe.

— A senhora viu borboleta azul das brenhas lá em Bom Despacho...

— Devera? Não me diga.

— Se não foi namorado, o que foi que arrumou por lá?

— Curiosa demais, Deus me perdoe!

— Não quer falar, não fala, pronto. Mas eu tenho muita coisa pra te falar, viu, tia? Ó, tem um monte de conta atrasada pra pagar, viu? Tem conta do açougue, da padaria e do armazém.

— Deus me perdoe, Terezinha, você parece que gosta de infernizar a minha vida. Cheguei moída da viagem, careço de descansar e lá vem você com conta atrasada pra pagar.

— A senhora é que gosta de infernizar a minha vida, viu, tia? Até falei pra Dorinha: a tia Márcia me odeia.

— Deus me perdoe, mas eu te odeio devera, Terezinha. Neste exato momento, como eu te odeio, Deus me perdoe.

O letreiro armarinhos.

Estava lá.
E a porta sempre fechada.



Onze e meia da manhã. Alguns homens ainda estavam na biblioteca. As mulheres tinham saído às dez horas; foram cuidar do almoço.

Cândida se sentara numa poltrona perto da mesa onde Leodegária costumava preencher as fichas catalográficas. Leodegária, que tentava terminar de preparar um cartaz com resenhas de livros escritas pela turma da Neide, viu quando a Lilica entrou.

Leodegária olhou pra Cândida, que a fitou com uma feição de serenidade.

Lilica foi se aproximando. Nas mãos uma gamelinha coberta com um pano xadrezinho.

— Professora!

Chamou a Lilica, parecendo tímida com aquela gamelinha na mão.

Leodegária fixou os olhos verde-crê no pano xadrezinho. Debaixo dele, havia biscoitos de queijo. Havia também a morte. Mais uma vez Leodegária sentiu um arrepio. Fitou de novo o rosto calmo de Cândida e pensou: aquela mocinha ali salvou a minha vida, salvou porque ouviu uma conversa num armazém. A vida da gente é tão frágil, tão precária, tão desamparada, ela pensou.

— Dona Leodegária...

Disse Lilica, se aproximando mais.

Então Leodegária se lembrou do lado engraçado que toda coisa tem. E disse:

— Lilica, fique à vontade na nossa biblioteca... Olha, estão ali o seu Aristides, o seu Tomás, o seu Tião... Converse um mucadinho com eles!

— Não tenho tempo.

Disse Lilica, rápida e segura. De repente, sem nenhuma timidez. Com os olhos fixos nos olhos verde-crê.

— Sei que a senhora adora biscoito de queijo. Eu fiz e trouxe pra senhora. Mas careço de ir embora logo.

— Biscoitos de queijo! Devera, Lilica, eu adoro.

— Ficaram moreninhos, um primor.

Cândida e Leodegária se entreolharam. Com toda a certeza, as duas pensaram mais ou menos a mesma coisa: uma pessoa pode se aproximar de outra, com o veneno certo pra matar, e ainda ter a frieza de dizer: ficaram moreninhos, um primor.

Como continuar com um lado engraçado?

Leodegária respirou fundo. Era preciso tirar o lado engraçado de qualquer jeito, de algum lugar.

— Lilica, muito obrigada, viu? Eu adorei a surpresa. Vou comer biscoito de queijo o resto do dia, eta delícia.

Mas agora, assim antes do almoço, vai atrapalhar o meu apetite.

Lilica se manteve fria, segura e rápida:

— A senhora não resiste a um biscoito de queijo acabado de assar. Eu tirei do forno agorinha! Vai, come pelo menos uns dois!

Um só biscoito de queijo seria o bastante.

Leodegária sabia.

Em Dores todo mundo sabia da propriedade deletéria do veneno de planta-verde-da-várzea.

— Pelo menos uns dois...

Repetiu Leodegária, se aproximando de Lilica.

— Só uns dois não vão tirar o seu apetite! A senhora vai almoçar normalmente, eu garanto.

Leodegária e Cândida se entreolharam de novo. E devem ter pensado de novo mais ou menos a mesma coisa: ela tem coragem de dizer: a senhora vai almoçar normalmente, eu garanto. Quando sabe que, por volta de meio-dia, ainda antes de esquentar o almoço, Leodegária Moura cairá morta na salinha ao lado da entrada da biblioteca.

O lado engraçado?

— Por educação, Lilica, eu faço questão de que você coma um primeiro. Vamos, pega um biscoito de queijo e come antes de mim. Olha, ainda tem um mucadinho de café aqui na minha garrafa térmica, vou servir café pra você, viu?

Lilica perdeu a segurança rapidez frieza. Ficou perdidinha:

— Eu comer primeiro...?

Cândida não resistiu e disse:

— A Gária leu isso num livro francês de boas maneiras, Lilica. É de bom-tom. Daí, tudo o que a gente oferece pra ela, a Gária faz questão de que a gente coma primeiro.

Lilica:

— Eu agradeço, mas eu não quero...

Leodegária veio vindo com uma xícara de café morno:

— O café, Lilica... Toma café e come pelo menos um biscoito, sim? E não me faça uma desfeita!

Lilica foi e colocou a gamelinha sobre a mesa onde Leodegária costumava fazer as fichas catalográficas. E disse:

— Vou deixar os biscoitos aqui. A senhora come quando quiser, está bem? Careço de ir embora.

Vai daí Leodegária Moura ficou com a xícara de café morno erguida diante do rosto desgovernado de Lilica. E falou pra Cândida:

— Cândida, será que o Gabrielzinho veio pra aula hoje?

Lilica:

— O meu filho não falta. Ele é um aluno exemplar.

Leodegária ainda manteve a xícara de café morno erguida diante do rosto desgovernado de Lilica. Parecia que ia jogar o café sobre o rosto de Lilica, a qualquer momento. Mas colocou a xícara na mesa. Pegou a gamelinha e disse:

— Cândida, leva esses biscoitos pro Gabrielzinho! Fala que eu estou mandando pra ele. Eu soube que ele tem estado meio adoentado, que não dorme nem come direito. Fala pra ele que eu mandei de presente.

Lilica tomou a gamelinha das mãos de Leodegária.

— Eu trouxe os biscoitos pra senhora!

Leodegária:

— Já agradeço pela gentileza. Mas se agora os biscoitos são meus, posso dá-los pra quem eu quiser.

E fitando os olhos apavorados de Lilica, Leodegária terminou de dizer:

— Posso dá-los pro Gabrielzinho, que está precisando de carinho, atenção, cuidados especiais, entende, Lilica?

— Ele tem tido pesadelo um atrás do outro... Tudo por causa da criatura estúrdia que escreve de noite na biblioteca!

— Ele está impressionado. Está precisando de ajuda psicológica.

— Ajuda psicológica... Está dizendo que o meu Gabrielzinho está ficando louco?

— Eu estou dizendo que ele está precisando de cuidados especiais. Um desses cuidados vai ser esta gamelinha cheinha de biscoitos de queijo que a mãe dele acabou de assar.

— Esses biscoitos são da senhora.

— Se são meus, posso fazer deles o que quiser, já disse e repito, Lilica.

Então Lilica enfiou a gamelinha por baixo da blusa com que estava vestida e a deixou bem firme dentro. E disse:

— Nunca vi professora mais mal-educada que a senhora! Bela escola essa, viu? Bela biblioteca!

Vai daí Cândida correu pra perto de Lilica, que já se afastava:

— Lilica, me dá os biscoitos. Eu vou oferecer pros meninos da Casa de Misericórdia Nossa Senhora das Dores.

Leodegária sentiu um arrepio.

Cândida também sentiu um arrepio.

Até onde iria a loucura de Lilica?

— Os meninos da Casa de Misericórdia...

Lilica falou, tirando devagar a gamelinha de dentro da blusa. Ela ainda comentou:

— São uns meninos alegres, apesar da pobreza... Vivem brincando!

— Vão adorar esses biscoitos de queijo acabados de sair do forno.

Disse Cândida, com amargura.

E Lilica entregou à Cândida a gamelinha cheinha de biscoitos de queijo. Depois, saiu da biblioteca, a passos rápidos. Talvez não muito seguros. Talvez não muito frios. Mas rápidos.

— **Prontinho**, João.

— Ficou bom. Tanto o bigode quanto o cavanhaque.

Depois do almoço, Jurandir escovou os dentes, fez um afago no Veludo que dormia na escada da cozinha, pegou a mochila e se encaminhou pra escola. Morava longe, precisava sair de casa uma hora antes.

Naquela tarde, Jurandir pensava, enquanto ia pra escola: tenho duas coisas bonitas pra fazer. A primeira, ajudar o tio Pedro a fazer as pazes com a tia Jovita. Eu sei que os dois se gostam. O que está atrapalhando o casamento deles nós dois vamos descobrir, porque estamos ouvindo a novela todo dia, no radinho do meu quarto. Se a novela fez a tia Jovita pensar e mudar, o tio Pedro também vai pensar e mudar. A segunda coisa bonita que eu tenho pra fazer é ainda muito mais bonita que a primeira. Eu vou me declarar pra Cândida.

Tinha hora o Jurandir falava o nome Cândida em voz alta.

No caminho pra escola.

Naquela tarde em que muita coisa terrível ainda estava por acontecer.

Não bastava uma mulher que envenenaria trinta e quatro crianças de um orfanato. Não fosse a Cândida saber de tudo e dar um sumiço naqueles biscoitos de queijo, de um modo tal que nem um cachorro de rua pôde cheirá-los, a Lilica teria assassinado as trinta e quatro crianças da Casa de Misericórdia Nossa Senhora das Dores; por misericórdia, quando vissem as trinta e quatro crianças mortas, fariam uma pesquisa investigação autópsia e constatariam que elas haviam

sido envenenadas. Chegariam à pessoa da segunda melhor quitandeira de Dores, a Lilica. A Lilica seria presa, evidentemente. Ela, que dizia que tinha um filho aluno exemplar, teria um castigo exemplar.

E aí haveria mais um drama na vida do Gabrielzinho.

Mais um motivo pro menino acelerar o processo de esquizofrenia, que na verdade só começou de fato quando ele fez quinze anos, quando olhou pros retratos da família na parede e viu neles um homem que o queria matar. Bem na hora dos parabéns. Diante de um bolo de aniversário.

Não bastava uma mulher que poderia ter assassinado trinta e quatro crianças, essa é a verdade. Não bastava.

Aconteceu muito mais coisa naquele dia.

Coisa e mais coisa.

Eu não quero falar das outras coisas terríveis.
Mas eu quero falar das outras coisas terríveis.

João Francisco, cavanhaque e bigode, ficou andando pelas ruas de Dores, parecendo não ter rumo.

Lilica foi pra casa. Resolveu que não iria trabalhar mais naquele dia. Que a dona Geralda se virasse lá com o desmantelo da casa dela, que deixasse de preguiça e cuidasse ela mesma da lida, ara mas tá.

Dona Geralda comeu pão com manteiga e tomou café, sem coragem de fazer comida. E, sem coragem de arrumar a casa, ficou ouvindo o resto do dia: quem envenena uma pode envenenar outra, viu, Geraldinha?

Tia Márcia dormiu o resto do dia.

Terezinha falou assim pra Dorinha: vida boa essa da tia Márcia... Viaja, passeia, chega e dorme... E o que será

que aconteceu lá em Bom Despacho? Ela chegou felizinha demais da conta.

Eu podia continuar falando assim de cada um, como se as coisas terríveis estivessem sendo adiadas, ou nem tivessem acontecido. Vamos dizer que eu tivesse alardeado uma tragédia, mas que, na verdade, nada de muito ruim acontecera porque alguém impedira o acontecimento funesto. Afinal, Cândida impedira uma desdita. Outras pessoas poderiam impedir outros infortúnios; Deus seja louvado, benza Deus.

Mas cadê que eu posso ir por esse caminho mais fácil.

O caminho de Dores foi sempre muito difícil.

Olha tudo com esmero: enquanto Jurandir vinha vindo pra escola, Cândida foi pra casa, pra almoçar bem depressa e voltar. Queria voltar logo, pra Leodegária Moura não ficar muito tempo sozinha na biblioteca.

Cândida agora sabia que o João Francisco era capaz de se vingar de Leodegária. O olhar dele muito estranho.

O outro motivo pra Cândida voltar logo pra escola era uma prova que teria que fazer naquela tarde.

Assim que entrou em casa, Cândida viu o pai acabando de preparar arroz, feijão e farofa de ovo.

— Ainda bem que o senhor já está com o nosso almoço quase pronto, pai... Eu hoje estou correndo, sabe? Careço de voltar pra escola o mais rápido possível!

Seu Cassiano Alvalade:

— Eu também estou correndo, hoje tem muito serviço. Chegaram quinze pares de sandália franciscana pra eu trocar o solado, pra paróquia de Morada Nova. Mas por que essa sua pressa toda?

Cândida pegou tomate, cebola, salsinha e alface na geladeira.

— Vou fazer a saladinha... O caso, pai, é que eu tenho prova hoje. E também a Gária está correndo perigo.

Seu Cassiano destampou um pouco a panela, pro arroz terminar de secar mais ligeiro. E perguntou:

— Por causa dos escritos nos livros?

— E também por causa do ex-namorado que não quer ser ex de jeito nenhum!

— O João Francisco...

— Não se conforma com o fim do namoro, sabe, pai? E ele é violento, todo mundo sabe disso aqui em Dores.

— Ele é violento. Pobre moça.

Disse o pai de Cândida, com os olhos tristes ainda mais tristes naquela tarde triste.

Pois bem. Leodegária Moura costumava almoçar na biblioteca. Em geral levava a comida pronta, era só esquentar no fogãozinho de duas bocas que ficava numa saleta ao lado da entrada.

Naquela tarde, demorou a ter fome. Só foi esquentar a comida lá por volta de treze horas. As aulas recomeçariam às treze e trinta.

Ao colocar a comida no prato, ouviu barulho lá fora. Mas os alunos só entravam a partir de uma e vinte. Deixou o prato na mesa de fórmica ao lado do fogãozinho e foi ver o que era.

Lá fora, estava o carro da polícia. Dois soldados já se aprontavam pra entrar. Então a dona Terenciana e o prefeito haviam agido depressa. A polícia tinha sido acionada, olha só. Nem esperaram a noite chegar. E assim foi. Leodegária almoçou na saleta, enquanto os dois policiais foram logo entrando. E foram logo se empertigando: um diante da porta, outro ao lado da sexta estante diante da janela de vidro bisotê.

Durante o resto da tarde, aqueles dois policiais na biblioteca. Precisavam desmascarar a criatura que pensa

que é a dona dos livros. Podiam ter vindo só à noite, quando a tal criatura aparecia e escrevia os acrescentamentos. Mas vieram de tarde, pra garantir. Pra mostrar o quanto a polícia era precavida ágil profissional.

Leodegária pensou assim: quando eles querem, mandam a polícia depressa.

Os alunos e os outros moradores de Dores, aqueles moradores que já estavam se acostumando a ler os livros, todo mundo que entrava na biblioteca achava esquisito os dois policiais plantados lá dentro. Mas assim que mergulhavam numa história, numa poesia ou na significância de uma palavra, esqueciam dos dois fantasmas empertigados.

Cândida voltou logo, disse que ficaria com a Leodegária até a hora da prova, mas Leodegária disse que não precisava; afinal, havia dois policiais na biblioteca. A Cândida chegou a perguntar:

— Acha que com eles você está segura?

Leodegária:

— Claro que sim. Vieram pra vigiar os livros, mas podem também me livrar da presença indesejável do João, se for preciso.

Cândida ainda ficou indecisa, andou de um lado pro outro no meio da biblioteca.

— Pode ir pra sua sala, Cândida. Não exagera na preocupação!

— Vou indo pra sala... Depois da prova, eu volto depressa pra cá.

Jurandir viu Cândida se aproximando da sala. Correu. Alcançou-a, com o coração aos pulos.

— Cândida...

Ela viu aquele cabelo caído na testa. Os olhos enormes, negros. O sorriso tímido.

— Oi, Jurandir. Estudou pra prova?

— Um pouco.

— A matéria não é muito difícil.

— Devera, não é.

O sinal tocou pela terceira vez. Eles tinham que entrar.

Na biblioteca, Leodegária tentava esquecer os biscoitos de queijo, a Lilica, o João Francisco. Tentava trabalhar normalmente. Mas não se consegue trabalhar normalmente numa situação dessa. A todo instante, misturado com a figura de Lilica trazendo numa gamelinha a morte, Leodegária se lembrava do olhar estranho de João Francisco, das palavras de Cândida sobre ele, por exemplo: ele não terminou tudo com você. Ou: um homem assim exige maior cuidado da sua parte.

Vai daí, Leodegária deixava um cartaz despencar no chão, tropeçava numa almofada, gaguejava o nome do avô da personagem da história daquela tarde. Os alunos que ouviam a história imaginaram que era tudo por causa da polícia dentro da biblioteca. Estava claro que a Leodegária não gostava da polícia na biblioteca e isso a fazia gaguejar.

Na verdade, nada estava claro, porque a personagem principal, de fato, era a Leodegária Moura. Era ela que viveria dali a pouco o momento mais terrível da história daquela tarde.

Às quatro e vinte da tarde, quando acabou o recreio, cresceu um grande silêncio. Não havia mais nenhuma turma pra ir pra biblioteca, porque todas as professoras iriam aplicar provas.

Então, Leodegária ficou sozinha.

Quer dizer, ficou sem os alunos. Vários moradores de Dores continuavam por ali na biblioteca.

E os dois policiais, empertigados, já estavam ali, prevenidos, adiantados, ostensivos, com ordem pra desmascarar a criatura que pensa que é a dona dos livros.

Dona Terenciana, preocupada em mandar investigar a loja de armarinhos que estava fechada fazia muito tempo, não voltou pra escola naquela tarde. Foi tratar de mandar alguém especular se havia alguma coisa estúrdia naquela loja. Se alguém ficava escondido lá dentro. O prefeito havia dito que não havia nada de errado lá, que tudo era uma invenção de embondo. Mas a dona Terenciana gostava de mandar. Não ia perder a oportunidade de mandar alguém investigar a loja de armarinhos da Rua da Santa Cruz.

Vai daí, aconteceu.

A escola estava sem a sua diretora. Os alunos faziam provas nas salas de aula, sob os olhares atentos de Maralice, Laurinda, Denísia, Belozina e Neide, as professoras que moravam em São Gotardo e davam aulas em Dores.



Leodegária andava de um lado pro outro, sem se concentrar em nada. Os moradores de Dores liam livros, silenciosamente. Tião e Tomás não voltaram à tarde e eram eles que costumavam conversar em voz alta.

Então, muito silêncio na biblioteca naquela tarde.

Os dois policiais, um na entrada, outro perto da sexta estante, permaneciam empertigados, sem dizer coisa alguma.

Leodegária se deteve no meio da biblioteca, com os olhos verde-crê fixos naquele homem que entrou, exatamente às quatro e meia da tarde.

— **Não me conformo**, Gária.

Ele disse, barba e cavanhaque muito bem aquinhoados naquela manhã na Barbearia do Alírio.

Ela um pouco trêmula:

— Não tem alternativa, João.

Ele acariciou o cavanhaque. Depois, o bigode. E disse alto aos dois policiais:

— Mandem as pessoas saírem agora. Já chega de tanta leitura.

Leodegária sentiu um arrepio muito forte naquele instante. Então o João Francisco de Almeida podia mandar os policiais fazerem o que ele queria que fizessem?

Podia. Os dois policiais obedeceram, prontamente.

As pessoas foram saindo, desconfiadas de que alguma coisa errada estava acontecendo. Mas saíram. Afinal, os policiais eram autoridades.

— Agora esperem lá fora. Careço de conversar sozinho com a minha noiva.

Ordenou João Francisco de Almeida, se dirigindo aos dois policiais.

Eles foram esperar lá fora, sem nenhuma hesitação.

Um arrepio mais forte ainda, por todo o corpo. Leodegária diante daquele homem naquela tarde.

— Gária, vamos ficar ali no cantinho, naquele tapete, naquelas almofadas.

— Vamos conversar aqui mesmo.

— Prefiro nas almofadas, no tapete.

— Por que os guardas te obedeceram desse jeito?

Ela perguntou, atônita. E ele respondeu:

— Antes dos dois entrarem, quando ainda estavam na viatura, conversei com eles, sabe?

— Conversou o quê?

— Expliquei que eu quero reatar o nosso namoro e marcar o noivado pra hoje ainda. Falei que eu queria ficar sozinho com você.

— Mas...

— Paguei uma boa quantia. Usei as palavras do meu dicionário.

Outro arrepio fortíssimo no corpo todo.

— Agora, Gária, vamos tratar do nosso assunto.

— Não temos mais nenhum assunto.

— Eu penso de modo diferente, viu?

Vai daí João Francisco de Almeida a puxou pelos braços, com força. Levou-a até o cantinho com tapete e almofadas. Leodegária Moura tentou se desvencilhar. Deu socos, chutes, pontapés. Arranhou o rosto daquele homem naquela tarde triste.

Chorou. Pediu clemência. Rezou. Gritou. Implorou que ele a soltasse.

Mas João Francisco de Almeida, acobertado pelos dois policiais que ficaram lá fora, não quis ouvir.

Não querendo ouvir, não quis também dizer mais nada. Apenas foi lhe rasgando a blusa e a saia, com o olhar cada vez mais estranho. Leodegária conseguiu pedir mais uma vez:

— Por favor, não faça isso.

Mas João Francisco de Almeida era forte nos braços, nos joelhos, no olhar estranho. Jogou-se sobre ela, e começou a fazer o que queria fazer.

Leodegária tentou se desvencilhar mais uma vez, empurrando-o com os saltos finos dos sapatos. Ele sentiu dor. Mas teve o expediente de arrancar os sapatos de Leodegária e atirá-los longe.

Com mais força e raiva, João Francisco lhe abriu as pernas.

E nesse instante, Leodegária Moura se lembrou de que as crianças, ao pegarem os livros nas estantes mais

baixas, que ficavam perto do tapete, costumavam deixar cair no chão alguns suportes de aço, os bibliocantos.

Leodegária Moura abriu bem os braços e os esticou, procurando algum bibliocanto debaixo de alguma almofada. Quase todo dia, no final do trabalho, encontrava um ou dois esquecidos debaixo de alguma almofada. Em grande desespero, vasculhou com as mãos todo o espaço de que dispunha.

Ao vê-la com as pernas abertas e os braços também totalmente abertos, João Francisco se entusiasmou ainda mais.

No entanto, aquela seria uma tarde muito triste.

Uma das mãos de Leodegária encontrou um bibliocanto, um aperta-livros, um suporte de aço sob uma almofada. Ao sentir João Francisco já usando toda a sua violência, Leodegária pensou em detê-lo batendo-lhe o bibliocanto nos braços, mas ele começou a beijá-la na boca e então Leodegária, que pensara em detê-lo atingindo-o nos braços, atingiu-o na cabeça. Na frente. Por causa do movimento dele ao beijá-la na boca. Ela o atingiu na cabeça. Na frente. Com uma ponta do bibliocanto.

Só bateu uma vez.

João Francisco de Almeida caiu com os olhos abertos.

Vontade de parar por aqui.

Mas muito maior é a vontade, a necessidade de dizer que, ao ser atingido pelo suporte de aço, João Francisco deu um grito horrendo de dor.

Esse grito horrendo fez com que os dois policiais voltassem rapidamente pra dentro da biblioteca. E eles viram Leodegária com o bibliocanto na mão. E o rapaz caído, com um fio de sangue na frente direita. Os olhos abertos. A barba e o cavanhaque com o serviço de primeira da Barbearia do Alírio.

Leodegária chorava e tremia.

Um dos policiais se aproximou de João Francisco de Almeida. Sondou, assuntou, avaliou. E deu a notícia que Leodegária Moura jamais pensou que ouviria:

— Matou o nosso amigo, professora.

Ela só chorava e tremia.

O outro policial:

— A senhora vai envelhecer na Cadeia Municipal de Dolores.

No livro de atas ficariam as atas das reuniões. No livro da lei, todos os preceitos divinos. No livro de ouro o registro genealógico das famílias aristocráticas de uma região ou os nomes das pessoas que contribuem para um fim altruístico. No livro de ponto, as assinaturas dos funcionários. No livro do tombo as ocorrências que dizem respeito à situação patrimonial e à vida religiosa da paróquia.

No livro em branco, ou livro do destino?

O sexto significado.

O livro no qual não há nada impresso, ou a ordem segundo a qual os acontecimentos devem suceder fatalmente.

Estava ali o livro do destino de Leodegária Moura. O seu livro em branco. O sexto significado.

Terminada a prova, Jurandir e Cândida saíram juntos da sala.

— Vou pra biblioteca. Você vem comigo?

Ela convidou.

Ele respondeu tomando-a pela mão, acompanhando-lhe a pressa, com um sorriso radiante.

Polidora foi embora pra casa, acompanhada de Mariinha e Das Mercês.

— A minha vó terminou uma colcha de vagonite. Vai viajar ainda hoje pra Belo Horizonte. O seu Carlos vai

com ela.

Disse Polidora.

— A minha mãe está fazendo três centos de empadinha de frango. Careço de dar um adjutório.

Disse Mariinha.

— Mas a Cândida falou que a gente devia de ir pra biblioteca... Pra gente fazer companhia pra Gária...

Disse Das Mercês.

E Das Mercês:

— A Gária está correndo perigo, foi o que a Cândida falou...

Mariinha:

— Ô Das Mercês, não botou reparo que a Cândida saiu junto com o Jurandir?

Polidora:

— O Jurandir está apaixonado pela Cândida... Não botou reparo? Eta Das Mercês...

Mariinha:

— Vamos deixar os dois sozinhos, Das Mercês. A gente sabe que a Cândida também está enleiadinha no Jurandir.

Polidora:

— Sozinhos na biblioteca...

Mariinha:

— Os dois vão começar a namorar...

Polidora:

— Então a gente vai embora, pronto, cada uma pra sua casa. Vamos deixar a Cândida mais o Jurandir sossegadinhos pra namorar!

Das Mercês:

— Mas... A Cândida falou que...

Polidora fechou o assunto:

— Ô Das Mercês, vê se para de ver assombração, viu? Não tem problema nenhum lá na biblioteca. A polícia está lá, tomando conta de tudo. Se tinha algum problema, parou de ter, porque a polícia está lá, uai. E o

Jurandir mais a Cândida estão doidos pra dar uns beijos, bem longe das nossas vistas, viu? Ara mas tá. Vamos, vamos embora. Cada uma pra sua casa, ligeiro! Vamos deixar o caminho livre pra Cândida e pro Jurandir.

O caminho livre pra Cândida e pro Jurandir.

Bem assim a Polidora falou, apertando o passo, instigando as amigas a irem embora depressa.

O livro do destino. O livro em branco.

O caminho livre.

E no caminho livre de Jurandir e Cândida houve aquele momento em que os dois entraram juntos na biblioteca. Abraçadinhos. E os olhos se procurando.

Mas pararam de andar, subitamente.

Uma cena os atraía. Um livro em branco. Um terrível destino.

No tapete do cantinho de leitura estava o corpo de João Francisco de Almeida. Com os olhos ainda abertos. Mas morto.

E, perto da mesa onde costumava preencher as fichas catalográficas, Leodegária Moura olhava pro vazio, descalça, a roupa descomposta, os punhos algemados.

Um dos policiais disse:

— Estamos aguardando o delegado. É melhor vocês dois ficarem lá fora.

Mas Cândida correu pra perto de Leodegária:

— Gária... Ô Gária...

Os olhos verde-crê:

— Fui envenenada pelo pavor. Morta de pavor, matei um homem. Eu sou o sexto significado.

Jurandir também se aproximou de Leodegária. E disse:

— Nada de desespero, Gária. Você deve ter feito isso em defesa da sua dignidade, não foi?

A voz trêmula:

— Eu não quis matar. Mas eu estava sozinha com o João. Quem vai acreditar no que eu disser?

Jurandir e Cândida foram obrigados a sair da biblioteca. Os dois policiais os retiraram à força. Um deles gritava:

— Vai cada um pra sua casa, anda! Não passam de dois pirralhos metidos a besta. A investigação do crime é problema da polícia, não de vocês!

Mais tarde, lá pelas sete da noite, quando a vó Judite saiu com o seu Carlos, rumo a Belo Horizonte, estavam indo pegar o ônibus das sete e meia, Polidora deu fé que Mariinha e Das Mercês se aproximavam, esbaforidas.

Então Polidora ficou na calçada.

Das Mercês:

— Polidora de Deus, você ainda não sabe o que aconteceu...!

Mariinha:

— A Gária... Coitadinha da Gária...

Polidora:

— Minha Nossa Senhora de Fátima, o que foi que aconteceu?

Em poucas horas, Dores do Indaiá inteira já sabia do acontecido.

Era de ver que os policiais espalharam a seguinte notícia:

— A professora da biblioteca, a Leodegária Moura, matou o namorado João Francisco de Almeida. Matou por ciúme, quando soube que o namorado tinha outra. Ele tinha ido à biblioteca pra explicar que gostava de outra e precisava terminar o namoro. A professora não se conformou. Não suportou o ciúme. Vejam só como é uma criatura humana. Gosta de ler, ensina coisa bonita, mas se sente dona de um homem. E por causa desse amor

doentio, mata, friamente. Com um suporte de aço de uma estante de biblioteca. É hora de todo mundo pensar se viver no meio dos livros paga a pena. Vai ver, viver no meio dos livros deixa a pessoa doida, livre demais, corajosa demais, capaz de tudo.

Foram essas as palavras que se espalharam por Dores.

É claro que Cândida dizia outras coisas. Jurandir também. Mariinha, Polidora e Das Mercês também diziam outras coisas.

Outras pessoas que também sabiam que a história tinha sido, no mínimo, um tanto diferente: o Marcone da Tinturaria, o Alírio da Barbearia, os dois policiais e os leitores que estavam na biblioteca, os que foram obrigados a sair mais cedo. Esses leitores, quatro ou cinco, viram o olhar estranho de João Francisco de Almeida.

Vai daí então, duas notícias se confundiam, mas a maioria do povo de Dores achava que Leodegária Moura tinha assassinado por ciúme.

Mudar o rumo dos fatos, provar que o ciumento era o João, que o descontrolado era o João, que o amor doentio era o de João; pra isso era preciso abrir e folhear, com toda a paciência, um livro em branco, o livro do destino.

Dona Terenciana se distraiu tanto em mandar alguém investigar a loja de armarinhos que só foi tomar conhecimento da tragédia quando voltou pra casa, às dez da noite. Estava tão animada com a ideia de mandar alguém investigar um lugar que se sentiu muito alegrinha e foi dar um passeio de carro em São Gotardo. Ficou lá em São Gotardo, comendo broinha e tomando café, na casa da prima Vandeliz. Gostava demais da conta de mandar alguém investigar alguma coisa. E isso dava vontade de passear de carro, comer broinha e

tomar café. Na casa da prima Vandeliz, então, eta bondade, porque a prima Vandeliz era muito faturenta.

Dona Terenciana ficava pensando: eta bondade, eu mandei investigar aquela loja de armarinhos que está fechada faz tanto tempo. Quem será o dono? Vou ter que dar uma chegadinha no cartório de registro de imóveis pra ver o nome do tal. Alguém aproveita pra se esconder lá dentro? Ou pra esconder alguma coisa ilícita?

Mais do que querer saber essas coisas, ela gostava de mandar. Mandar alguém fazer qualquer coisa. Mandar investigar, então, eta bondade, dava vontade de comer broinha e beber café sem parar. Principalmente se fosse na casa da prima Vandeliz.

Quando voltou pra casa, às dez da noite, dona Terenciana soube do acontecido. Não o verdadeiro. Mas o inventado pelos policiais.

Voou pra delegacia. E argumentou:

— Seu delegado, eu sempre soube que a Leodegária é capaz de tudo.

O delegado escutou essa afirmação da diretora da escola, a dona Terenciana. A pessoa com quem a assassina convivia a maior parte do tempo.

Dona Terenciana dizer: seu delegado, eu sempre soube que a Leodegária é capaz de tudo; foi sério, muito sério, decidiu naquela noite o rumo dos fatos.

Mas quem falou que aquela noite havia terminado.

Que não aconteceria mais nada terrível.

Olha só: por causa da morte de João Francisco de Almeida, os policiais fecharam a biblioteca e foram pra delegacia. A diretora também foi pra delegacia, lá pelas dez e dez da noite. Como já contei, a escola não tinha guarda-noturno, porque o prefeito sempre achou que isso era uma despesa inútil.

Mas havia os livros da sexta prateleira da sexta estante diante da janela de vidro bisotê.

Alguém entrava na biblioteca, durante a noite, e escrevia uns acrescentamentos nesses livros da sexta estante. Uns versos, uns comentários, umas perguntas. E, fazia um tempo, a tal criatura que gostava de escrever desembestou a escrever diferentes significados de livro. Começou com o livro de atas e havia chegado ao livro em branco, o livro do destino.

Pois bem.

Naquela noite, a biblioteca ficou sozinha de novo.

Alguém entrou de novo, às vinte e três horas e doze minutos.

Pela porta da frente, porque tinha a chave.

No outro dia, às sete e quarenta e quatro, quando a dona Terenciana abriu a biblioteca, foi direto pra sexta estante diante da janela de vidro bisotê. Olhou o único livro que restava ali na sexta prateleira.

Dona Terenciana pegou o livro. Abriu-o, devagar.

E leu o que ela mesma havia escrito às vinte e três horas e vinte minutos. Naquele momento em que já sentia saudade de comer broinha e tomar café na casa da prima Vandeliz, logo após ter pegado o carro e ter ido pra escola, sendo que antes tinha estado na delegacia e tinha dito eu sempre soube que a Leodegária é capaz de tudo.

No único livro que restava na sexta prateleira da sexta estante, com canetinha iriscor, ela escrevera exatamente às vinte e três horas e vinte minutos:

No livro em branco, eu mando escrever o que eu quero.

Dona Terenciana releu o que havia escrito.

Depois, ficou olhando pra sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê.

A sexta prateleira agora quase completamente vazia; porque dona Terenciana havia levado pra casa os livros, havia deixado apenas um, o último único restante. Quisera escrever a frase que a deixou satisfeita saciada remoçada: no livro em branco, eu mando escrever o que eu quero.

Alguém vinha de madrugada e escrevia nos livros?

Pois a diretora da escola, a dona Terenciana, podia mandar essa história mudar de rumo. Ela que adorava mandar.

A partir daquela noite, a maior autoridade da escola estava mandando a criatura estúrdia bater em outra freguesia, ver se ela estava na esquina, pentear macaco, chupar prego, lambar sabão.

Eta bondade tinha sido levar pra casa os livros da sexta prateleira da sexta estante, os malditos livros onde a criatura estúrdia fizera os acrescentamentos.

No quartinho dos fundos da casa de dona Terenciana os livros ficariam muito bem guardados. Ninguém nunca mais os veria, e tchau e bença. Numa estante velha, entre latas de arroz, galões de desinfetante e barras de sabão, os malditos livros da sexta estante dormiriam pra sempre, sem nunca mais contar nenhuma história, sem nunca mais recitar qualquer poesia.

Aquela criatura que pensa que é a dona dos livros, ara mas tá.

Dona Terenciana pensou: a dona dos livros sou eu.

E leu de novo o que escrevera. Deixaria o último único restante livro ali, na sexta prateleira da sexta estante. Pra criatura escrevente saber: a dona dos livros sou eu.



Um ritmo de liberdade

De Belo Horizonte vieram a vó Judite e o seu Carlos, três dias depois. Tinham vendido a colcha de vagonite, por um ótimo preço, e tinham dado um senhor passeio no Parque Municipal, com direito a fotos e lembrancinhas, eram as coisas que tinham pra contar.

Mas cadê que tiveram prazo de falar de lembrancinhas e venda de colcha de vagonite. O destino é esse livro em branco, essa ordem segundo a qual os acontecimentos sucedem fatalmente. O que a gente precisa nessas horas é de respirar fundo. E tentar se aprumar. Não convém fazer de conta que o céu continua limpinho, quando todo mundo já sabe que escureceu plumbeou nublou.

Quando seu Carlos e vó Judite chegaram em casa, viram Polidora triste, quietinha entre os vasos de begônia no jardim estreito ao lado do muro da casa.

Seu Carlos:

— O que aconteceu, minha neta postiça?

Sempre que seu Carlos dizia neta postiça, Polidora ria. Ela achava engraçado neta postiça. Mas naquele dia Polidora se manteve triste, quietinha entre os vasos de begônia.

Vó Judite então se aproximou da neta, abraçou-a.

— Estou aqui pra te consolar, viu? É a saudade da Célia e do Antônio?

Polidora chorou um pouco. Depois, disse:

— A Gária, a nossa professora querida...

— Fala, Polidora. Desabafa.

Pedi o avô postiço.

E Polidora:

— Ela está presa. Por assassinato. Mas ela não teve culpa... Ela apenas se defendeu da violência do João Francisco... Mas os dois guardas disseram que ela matou por ciúme!

Vó Judite:

— Conta tudo direitinho pra nós. O Carlos é advogado, você sabe. E dos bons. Ele vai cuidar do caso da Leodegária.

Seu Carlos:

— O caso já é meu. Ara mas tá.

Polidora sorriu. Um pouquinho pelas palavras neta postiça. Muito mais pelas palavras o caso já é meu, ara mas tá.

Dona Geralda foi comprar queijo e pão de sal.

Enquanto embrulhava as compras de dona Geralda, a Vivita da Padaria argumentou:

— Quando eu dizia que aquela professora não me enganava... Cremdeuspai!

Dona Geralda pegou o embrulho. Ia saindo, mas voltou, apoiou os cotovelos no balcão.

— O que a senhora quer dizer com isso, hem, dona Vivita?

Dona Vivita guardava o dinheiro na gavetinha do caixa.

— Quero dizer que a professora nunca me enganou!

— Explica melhor...

— Ela ia de bicicleta pra escola. E com o cabelo todo solto. O vento fazia o cabelo voar. E o pior, dona Geralda, ela ia de calça comprida.

Dona Geralda se lembrou de Lilica, do veneno de planta-verde-da-várzea nos biscoitos de queijo. Lilica era capaz de matar. Só não matou porque, decerto, na hora do fatídico, alguma coisa atrapalhou os planos dela.

E quem tinha virado assassina era a Leodegária?

Eta mundo velho sem porteira.

Levou quem trouxe.

Dona Geralda manteve os cotovelos no balcão.

— Olha, dona Vivita, a gente não sabe nada sobre uma criatura de Deus.

Dona Vivita fechou com fúria a gavetinha do caixa.

— A Leodegária é uma criatura do capeta!

— Do capeta ou de Deus, não importa. Toda criatura é um mistério, viu, dona Vivita? Inclusive a senhora.

— Ara mas tá. Prosa mais estúrdia essa. Está com febre terçã, dona Geralda?

Dona Geralda não respondeu. Ajeitou o embrulho dentro do samburá pendurado no braço. Saiu. Ia comer pão com queijo. Com preguiça de fazer almoço. Era um desacorçoo lembrar que não tinha mais empregada. Não tivera alternativa senão despedir a Lilica, inventando a desculpa de que estava sem cobres pra fazer o pagamento pra Lilica todo mês, que ela nunca mais poderia ter empregada, e tal e tal. De fato, nunca mais poderia ter empregada, pra Lilica não desconfiar de que ela estava era com medo. Quem envenena uma pode envenenar outra, viu, dona Geraldinha?

Da novela acabou o capítulo daquela noite.

Tio Pedro e Jurandir não arredaram do quarto, sentados na beira da cama de Jurandir. Veludo ressonava no tapetinho de retalhos, ao pé da cama, com o focinho enfiado na barra da calça de Jurandir.

— Já sabe o que pode ter feito a tia Jovita parar de conversar com o senhor?

— Ainda não tenho certeza. Mas estou bastante desconfiado.

— Eu também já estou desconfiado.

— Na novela, o marido era muito seco, muito fechadão.

— Não convidava a mulher pra ir pro cinema...
— Eu nunca fui pro cinema, Jurandir. Vou ter que ir só pra agradar a Jovita?
— O senhor é quem sabe.
— Nunca fui pro cinema até hoje na minha vida. E não morri por causa disso.
— Mas pode ser que a tia Jovita esteja se sentindo meio morta, sabe, tio?
— Diacho.
— E se ela for doida com cinema?
— Diacho...
— Ou com piquenique na cachoeira.
— Hem?!
— Pode ser que ela seja doida com piquenique na cachoeira, uai.
— Diacho!
— O senhor vai ter que descobrir do que que ela está sentindo falta.
— Por que ela não chega perto de mim e diz: ô Pedro, eu estou sentindo falta de fazer um piquenique na cachoeira. Ou então: Pedro, olha, eu quero te dizer que eu estou sentindo falta de ir pro cinema de vez em quando. Ou assim: meu marido, preciso te informar que estou sentindo falta de passear de mãos dadas na pracinha da Igreja Nossa Senhora das Dores toda noite após a janta.

Jurandir sorriu. Levantou-se. Esfregou as mãos uma na outra.

Veludo também se empolgou, ficou rodopiando no meio do quarto, latiu.

— Tio!... É isso... Passear de mãos dadas...

Tio Pedro franziu a testa.

— Você está falando sério?

— Claro! Na novela, a mulher adorava passear de mãos dadas, lembra? Ela só falou isso uma vez, mas esse

detalhe deve ser importante. O marido só fazia isso no tempo em que eles namoravam...

— Andar de mãos dadas... Isso a gente só faz quando está no tempo do namoro...

Jurandir se agachou diante do tio. Fitou-o.

Veludo também se aproximou e ficou olhando pro tio Pedro, abanando a cauda.

— Tio, eu nunca vou me casar.

Tio Pedro fitou o sobrinho, olhou pros olhinhos iridescentes de Veludo e tornou a fitar o sobrinho.

Um grande silêncio entre eles.

E Jurandir:

— Se casar é parar de namorar, eu nunca vou me casar.

— Escuta, Jurandir...

— Vou dizer hoje mesmo pra Cândida: Cândida, a gente só vai namorar, viu? Casar, nunca.

— Bobagem... Você não vai dizer isso pra Cândida.

— Não vou?

— Não vai. Você está certo, Jurandir. Eu sou muito seco, fechadão, igualzinho o marido da novela.

— Sempre achou que, depois de casado, não carecia mais de andar de mãos dadas com a tia Jovita...

— Eu parei de namorar.

Os dois se levantaram ao mesmo tempo.

Veludo tornou a se deitar no tapetinho de retalhos, mas ficou com a cabeça levantada, ora olhando pro tio Pedro, ora olhando pro Jurandir.

Que ficaram em silêncio, parados.

Os dois parados no meio do quarto.

Mas movimentados por uma boa explicação.

Nas casas todas de Dores.

O caso da morte de João Francisco de Almeida ia tomando as devidas desproporções.

Por exemplo, na casa do vereador Juliano Ambrosino Telmo, durante um almoço de domingo:

— Otília, cadê a Arminda mais a Anaílde?

— Foram pra Cataguases.

— Essas minhas irmãs não quietam o facho!

— Deixa as duas passear, Juliano.

— Mulher não pode ter essa liberdade toda não, viu, Otília?

— Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.

— Vê o caso da professora da biblioteca... Tudo porque morava sozinha e pagava as próprias contas.

— É errado uma mulher morar sozinha e pagar as próprias contas?

— Pode não ser errado. Mas não é aconselhável. Ainda mais no caso da tal Leodegária.

— Como assim?!

— A professora gosta de ler e quer que Dores inteira também goste de ler.

— Ave Maria, cheia de Graça.



— Ela está mexendo em casa de marimbondo, sabe? Essa Leodegária é muito desenvolta. Não convém aqui em Dores uma mulher ser tão desenvolta assim.

— O Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.

— Para com esse vezo de rezar enquanto eu falo!

— Enquanto você blasfema, eu rezo, Juliano.

— Pois que reze o quanto quiser. Mulher minha tem que rezar muito mesmo.

— Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores.

— Me passa o macarrão.

Outro exemplo:

— Eu não disse pra você deixar esta janela fechada?
— Dalvino, o seu quarto já está com cheiro de mofo.
— E você com isso?
— Eu sou sua irmã, eu preocupo com a sua saúde.
— Me deixa em paz, Tetê. Olha, é melhor você me deixar em paz, viu? Senão, eu posso fazer com você a mesma coisa que a professora fez com o namorado.
— Você não seria capaz. Eu sou a sua única irmã.
— Quem pensava que a Leodegária Moura era capaz de matar alguém?
— Lá isso é verdade, mas...
— Mas o quê, hem, Tetê?
— O nosso assunto é outro, Dalvino: você nunca mais saiu de casa.
— Eu nunca mais saí de casa.
— Isso não é saudável.
— Pra mim, é, uai. Eu adoro o meu quarto.
— Você adora é um cheiro de mofo.
— E você com isso?
— Eu sou sua irmã...
— Some da minha frente, Tetê.

Dona Julita descansou no colo os braços e o crochê.

Seu Baldico comia rapadura.

Os dois sentados em cadeiras de vime na calçada, debaixo da janela da casa de seu Baldico, que ficava agarradinha à casa de dona Julita.

Os dois tinham se enleado na juventude, tinham namorado, noivado, distribuído convite do enlace, reservado hotel em Ouro Preto, desistido do casório no altar, bem na hora em que o padre perguntou, é de livre e espontânea vontade que, tinham interrompido o padre e respondido a uma só voz: é de livre e espontânea vontade que vamos continuar solteiros. Tinham arrumado esse escândalo no altar da igreja, e

continuavam amigos, viviam proseando, com as casas grudadinhas uma na outra, bem ali na esquina da Rua Lava-Pés com a Rua do Horto.

— Foi uma tragédia, dona Julita.

— Uma tragédia, seu Baldico.

— Coisa, não é mesmo?

— A gente fica por acreditar.

— Pelo amor da Hóstia Consagrada...

— Divino Pai Eterno...

— Estou vivo agora e posso ser enterrado amanhã.

— Por isso é que eu falo: a gente carece é de fazer o que gosta, sem o intento de maltratar ninguém.

— Devera. Isso é o mais saudável. Sem maltratar gente ou outra, fazer o que se gosta.

— Por exemplo, quem gosta da vida de casado se casa.

— Quem prefere a vida de solteiro se solta.

— No fundo, viver é muito simples, não é mesmo, seu Baldico?

— No fundo, viver é muito simples, dona Julita.

Dona Nenzinha chamou Das Mercês.

— Vem me ajudar a colocar a cristaleira neste canto aqui...

— Tem que ser depressa, mãe.

— Pressa é essa?

— Tenho que estudar muito. Não me saí bem na última prova.

— Faz mais um favor pra mim?

— Pode pedir, mãe. Eta lasca... Essa cristaleira é bem pesadinha, hem?

— Vamos levantar ela devagar... Não é bom arrastar, pra não estragar os pés dela... Pesadinha devera...

— Ai... Mais pra este lado, mãe... Assim...

— Isso, isso...

— Um pouquinho mais perto da parede, vamos...

- Vamos... Isso...
- Ficou bom agora. Qual é o outro favor, hem, mãe?
- Vai passar na biblioteca?
- Vou. Tenho que pegar um livro de Geografia e um de História.
- A biblioteca continua daquele jeito?
- Continua. A gente tem pegar a chave com a dona Terenciana.
- Eta cerimônia.
- A dona Terenciana tem umas coisas que eu vou te contar, viu?
- Olha no dicionário pra mim...
- Olhar o quê?
- O que significa aristocráticas.
- Já falei, mãe, isso a senhora vai ter que ir lá pra descobrir.
- Já te falei que não tenho tempo pra esse embondo de olhar em dicionário.
- Então vai ficar sem saber o que é aristocráticas...
- Grande coisa saber o que é aristocráticas!
- Já vou indo, mãe...
- Vai com Deus.

Dona Nenzinha examinou a cristaleira. Observou as chávenas de porcelana francesa herdadas da avó Laudislina. Lembrou-se de um caderno de recordação antigo, de folhas com bordas de ouro, estava guardado na casa da prima Odete lá em Mogi das Cruzes. E ponderou que aquelas bordas de ouro do caderno de recordação e aquelas chávenas de porcelana francesa tinham história com aristocráticas. De alguma forma, aristocráticas ficara em sua memória, embora jamais tivesse se ocupado de vê-la escrita em dicionário. Mas que vontade de confirmar a minha suspeita, ela pensou.

O tempo passava.

E dona Nenzinha doidinha de vontade de confirmar a suspeita.

Passaram-se muitos dias.

Leodegária tinha ficado presa na Cadeia Municipal de Dolores e já havia voltado pra casa, assim que o seu Carlos apresentara um pedido de *habeas corpus*.

Em Dolores do Indaiá todo mundo ficou repetindo *habeas corpus*.

Muitos moradores foram à biblioteca pra ver a significância.

Tião:

— O doutor Carlos conseguiu proteger a liberdade de locomoção da ré. Impediu que a lesão ao direito de ir e vir se constitua, sabe, Tomás?

— Eta lasca...

— A professora vai esperar o julgamento em liberdade.

— Entendi...

— Ela tem todo o direito de ficar em casa, sair pra trabalhar, fazer compra no armazém, fazer a unha no salão, etecétera etecétera.

— Para de falar etecétera etecétera, assim com essa cara de exibido!

— Eu acho bonito falar etecétera etecétera.

— Grande coisa.

— Você acha que a professora matou por ciúme?

— Sei lá, viu, Tião?

— Eu tenho pra mim que a Cândida é que tem razão. A Cândida do Cassiano. Ela conta que o João Francisco conversou com ela, poucas horas antes de ir pra biblioteca. E que ele é que estava morrendo de ciúme dela...

— E o Alírio da Barbearia anda contando que o João Francisco fez a barba e o cavanhaque, um pouco antes de ir pra biblioteca, e que o João Francisco estava com um olhar de assassino. Antes disso, o João Francisco

tinha estado com o Marcone da Tinturaria, e o Marcone falou que ele falou umas coisas muito comprometedoras.

— A Cândida garante que foi legítima defesa da felicidade. Eu acredito na Cândida, Tomás.

— Eu também acredito na Cândida, Tião.

— Você só acredita na Cândida porque eu acredito?

— Hem?

— Tudo o que eu faço, você quer fazer também. Por exemplo, se eu venho olhar no dicionário, você vem também. E se eu acredito na Cândida, você acredita também?

Tomás coçou a nuca. Fez uma careta. E disse, muito sério:

— Larga a mão de ser entojado. Anota aí na sua cadernetinha: um homem tem que ter dignidade. Eu tenho dignidade. Eu não saio por aí copiando as pessoas. Se eu faço algumas coisas que você faz é porque eu compartilho das suas ideias, viu, Tião?

Tião também coçou a nuca.

— Compartilho. Quando foi que você viu compartilho?

— Ontem. E vim sozinho.

— Veio sem mim? Tomás, você veio pra olhar no dicionário, sem mim?

— Me deu vontade de ver o que era compartilho, uai. O padre Quinzinho falou assim na saída da missa, falou pro Cassiano, e a Tuca escutou: eu compartilho das ideias da sua filha, Cassiano.

Tomás e Tião ficaram até tarde na biblioteca.

Compartilharam, brigaram, discutiram, etecétera etecétera.

Leodegária coou um café ralinho, com pouco açúcar. Misturou com leite desnatado e bebeu, devagarinho, de pé, olhando a rua pela janela da cozinha.

O rosto abatido. Os olhos verde-crê muito fundos. O cabelo preso num coque baixo, desajeitado num prendedor em forma de borboleta.

Estava pensando no que sempre pensara a respeito das mulheres de Dores: morte foi sempre o assunto preferido delas, eu até encabulava com isso, me dava um arrepio, Jesus valei-me. Daí, por causa dos escritos na sexta prateleira da sexta estante, elas pararam de conversar sobre morte e danaram a conversar sobre livros e significâncias. Agora, voltaram a conversar sobre morte de novo.

Que desastre eu mesma ter feito o assunto morte voltar, Leodegária ficou pensando, bebendo o café com leite, sem pressa, olhando a rua.

— Eu mesma fiz o assunto morte voltar.

Leodegária falou alto, tremendo e chorando, mais uma vez. Desde o momento em que vira o João cair, tremia e chorava, a quase todo momento.

Ouviu alguém bater na porta da sala. Foi até lá, sem pressa.

Quando abriu a porta, viu Cândida e Jurandir no alpendre, os dois sentados no murinho de cimento vermelhão.

— Senta aqui com a gente, Gária!

Pediu Cândida, tentando sorrir. Jurandir também tentou sorrir e disse:

— Fica aqui fora um mucadinho. Você está precisando desanuviar a cabeça, viu?

Leodegária nem tentou sorrir pra eles. Impossível sorrir. Porque parecia que a sua vida tinha acabado. De repente, o livro do destino, o livro em branco, a ordem segundo a qual os acontecimentos devem suceder fatalmente.

Jurandir e Cândida se levantaram e abraçaram Leodegária, abraçaram-na de modo longo enorme demorado.

Ela chorava e tremia.

Dona Terenciana serviu bolo de cenoura pra Heloísa e Afrânio.

— Tratem de comer tudo. Estão magros demais da conta.

— Não estou com fome.

Disse Afrânio.

— Nem eu.

Disse Heloísa.

— Agora deram pra dizer que não estão com fome!

— Não estamos com fome.

Os dois disseram ao mesmo tempo, como se tivessem ensaiado um jogral e agora o apresentassem com todo o esmero requinte louvor.

— Vocês estão pedindo uma coça, isso sim.

Heloísa só tomou um pouco de leite e foi pro quarto. Afrânio só quis um pouco de café puro e também foi pro quarto.

Dona Terenciana foi atrás deles, com os braços cruzados, o rosto erguido, o olhar fulminante:

— Pensam que vão me fazer mudar de ideia? Aquela uma não pisa mais na biblioteca da escola, e assunto encerrado.

Afrânio se sentou diante da escrivaninha e pegou um caderno. Ficou rabiscando todas as folhas. Heloísa pegou um vestido no armário e ficou amarrotando-o, amassando-o entre os dedos.

Dona Terenciana balançou a cabeça:

— Podem fazer o que quiserem. Estraguem a roupa, desperdicem os cadernos, azar o seus.

E deu as costas pra eles, voltou pra cozinha, passou manteiga em três fatias de bolo de cenoura e os comeu com duas copadas de café com leite.

Leodegária se sentou no murinho de cimento vermelhão, entre Cândida e Jurandir. Olhou pra rua. Deu um suspiro fundo.

— Ô Gária... Tudo isso vai passar, viu?

Disse Jurandir.

— Você vai voltar a trabalhar na biblioteca.

Disse Cândida.

E Leodegária baixou a cabeça, ficou olhando pras mãos.

— Estas minhas mãos... Deram fim à vida de um homem.

— Um homem que estava querendo te obrigar a fazer uma coisa que você não queria fazer.

Argumentou Cândida.

— Um homem que estava te ameaçando o tempo todo, que não se conformava em ficar sem você. Um homem que poderia ter te matado.

Inteirou Jurandir.

Leodegária continuou olhando pras mãos, em total desalento.

— As mulheres voltaram a conversar sobre morte, vocês botaram reparo nisso? O assunto preferido delas voltou a ser morte.

Jurandir fez um carinho nas mãos de Leodegária. E disse:

— Mas elas continuam indo à biblioteca... Foram enfeitiçadas, agora não tem mais jeito.

— Aquela biblioteca, ela é impressionante, não é mesmo? Depois que a pessoa entra lá uma vez, não dá conta mais de ficar sem ir lá de novo.

Disse Cândida. E Jurandir:

— Está acontecendo uma coisa muito boa. As pessoas procuram a dona Terenciana, falam que querem ficar na biblioteca, pegam a chave, abrem, ficam lá dentro, leem, passam um pano úmido no chão, um pano seco nos livros, leem mais, cuidam de tudo direitinho, no

final do dia alguém tranca a porta e devolve a chave pra dona Terenciana.

Leodegária Moura:

— Que bom saber que os verdadeiros donos continuam lá.

Vai daí Leodegária pegou a mão esquerda de Jurandir e a mão direita de Cândida. Fez os dois ficarem de mãos dadas.

E conseguiu sorrir:

— A novidade mais gostosa é que vocês dois estão namorando... Como foi que começou?

Jurandir:

— Eu gosto da Cândida faz tempo. Mas naquele dia, antes de começar a prova, eu me declarei.

Cândida:

— Ele olhou pra mim de um jeito, sabe, Gária? Assim que a gente entrou na sala, ele me olhou, enquanto a gente ia cada um pra sua cadeira. Foi o olhar mais comprido e mais intenso que eu recebi até hoje. Ele não disse as palavras com a boca. Os olhos dele, esses grandes olhos negros, é que fizeram a declaração.

Os dois sorriram. Apertaram-se as mãos. Olharam-se, demoradamente.

Depois, Cândida perguntou:

— Gária, faz quanto tempo você não se apaixona?

Ela respondeu, olhando a rua outra vez:

— Um bom tempo. Conheci o João faz mais de ano, vocês sabem. Gostei muito dele, no início. Logo que comecei a ver que ele era ciumento e agressivo, fui deixando de gostar.

Jurandir virou e disse:

— Você vai se apaixonar de novo... Vai encontrar um homem interessante.

Ela ficou séria e triste outra vez.

— Que homem interessante vai me querer? Agora eu sou acusada de ter matado um homem! E dizem que

matei por ciúme!

Jurandir e Cândida ficaram em silêncio, por alguns segundos. Mas depois:

— Vai ficar provado que você não tinha intenção de matar.

Disse Cândida.

— O doutor Carlos é um advogado muito competente. Vamos confiar no trabalho dele.

Disse Jurandir.

E assim as coisas foram indo. Morte voltara mesmo a ser o assunto principal de Dores, principalmente o das mulheres. Era de ver que, pelo menos, elas quase não iam mais à farmácia, só em casos de muita necessidade, porque tinham que ir pra biblioteca. Afinal, sempre aparecia uma palavra ou outra pra elas olharem no dicionário. E também, veja só, de tanto espicharem os olhos pros livros de poesia, de conto, de crônica, de romance, elas já estavam lendo os tais.

Como disse o Jurandir, tinham sido enfeitiçadas.

E tal e tal.

E a sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê?

Vou explicar direitinho: permaneceu quase completamente vazia, em desde aquela noite terrível em que a dona Terenciana teve coragem de fazer aquela coisa terrível: levou os livros pra casa dela, precisamente pro quartinho dos fundos, pra velha estante entulhada de latas de arroz, galões de desinfetante e barras de sabão.

Portanto, a sexta prateleira da sexta estante estava quase completamente vazia. Digo quase completamente, porque lá ficou o último único restante livro onde dona Terenciana havia escrito: no livro em branco, eu mando escrever o que eu quero.

Preciso esmiuçar também que a letra de dona Terenciana era bem diferente da letra da criatura

estranha que havia feito os outros escritos. Todo mundo via isso. Daí, se espalhou a seguinte informação: na noite da morte de João Francisco de Almeida, por causa da confusão, alguém se aproveitou da balbúrdia e roubou os livros, mas deixou um, com um escrito desaforado. Essa pessoa é tão criminoso quanto a outra, porque também escreveu com canetinha iriscor.

Canetinha iriscor.

De cor mais clara, azulzinha.

Mas canetinha iriscor.

Numa página de antologia do compadre do Emílio Moura, Carlos Drummond, abaixo do poema intitulado “Mãos dadas”, que um dia a tia Jovita e o tio Pedro leriam juntos, e sorriam um pro outro, de mãos dadas.

Com canetinha iriscor, o crime, o desaforo. A frase autoritária arrogante ditatorial.

— Uma falta de respeito!

Vociferava dona Terenciana, ao se referir ao assunto. E sorria por dentro, porque ela conhecia muito bem a criatura autora da frase: no livro em branco, eu mando escrever o que eu quero.

Ara mas tá. Quem ia desconfiar dela? Quem ia mandar investigar a autoria da frase no livro em branco, eu mando escrever o que eu quero?

Eu mando nessa biblioteca. Dona Terenciana pensava, estivesse na sala da diretoria, no pátio, na rua, dentro de casa.

Onde estivesse, ela pensava: eu mando nessa biblioteca.

E assim as coisas foram indo.

E tal e tal.

Chega uma hora em que é preciso definir certas coisas, arrumar os pedaços, costurar coisa ou outra, depois de tanto corte e recorte.

O doutor Carlos Fiúza, advogado famoso em Belo Horizonte, que largou mulher e filhos pra ficar com a vó Judite, advogou muito bem. Vários anos depois, é claro, porque a justiça em Dores Cataguases Divinópolis é de igual o raciocínio lerdoso de Leodegária Moura. Então, vários anos depois, no dia em que defendeu Leodegária Moura, o doutor Carlos Fiúza emocionou a plateia e os jurados. E não só emocionou, esclareceu tudo direitinho. Deu conta de usar a razão, entremeada de emoção. Provou, com o testemunho do Marcone da Tinturaria, do Alírio da Barbearia, dos moradores que tinham sido obrigados a sair da biblioteca antes da hora, da Cândida, e, olha só, quem diria, principalmente com o testemunho dos dois policiais, o doutor Carlos provou que a professora matou sem intenção de matar, foi homicídio culposo, não doloso, que Leodegária apenas se defendeu da violência de João Francisco de Almeida. Num discurso comovente, falou sobre sentimento de posse por parte do homem, consoante percebemos então, o grave problema da violência contra a mulher pode e deve ser considerado como uma questão de saúde pública, além de uma violação explícita dos direitos humanos, que, segundo Jean-Paul Sartre, a violência é um fracasso, que políticas públicas devem visar o mesmo desiderato, qual seja, a equidade entre homens e mulheres, constituindo, destarte, um caminho digno e sério para alterar a violência em geral e de gênero em particular, falou sobre abuso do poder, falou sobre a liberdade que toda mulher deve ter, de seguir a sua vida, sem obedecer às ordens de um homem. Diga-se, ao final, que os tempos mudaram e que o homem precisa acompanhar esses novos tempos, não pode simplesmente empacar no meio da estrada, feito um cavalo.

Aquela tarde em Dores foi memorável.

Até hoje todo mundo fala no tal discurso.

Muita coisa mudou, em desde aquela tarde.

Explicação urgente necessáriíssima: os dois policiais que deixaram Leodegária sozinha com João Francisco, a mando dele, acabaram se arrependendo e confessaram tudo: receberam dinheiro de João Francisco pra ficarem fora da biblioteca, enquanto ele conversava com ela; que tinham falado que ele tinha ido à biblioteca pra explicar que gostava de outra e precisava terminar o namoro. A professora não se conformou. Não suportou o ciúme. Vejam só como é uma criatura humana. Gosta de ler, ensina coisa bonita, mas se sente dona de um homem. E por causa desse amor doentio, mata, friamente. Confessaram que inventaram essa história de que ela havia matado por ciúme, por medo de que descobrissem o suborno, o preço da visita enviesada, a chantagem, a violência, o único dicionário que João conhecia.

Maravilha esse fato de os policiais confessarem tudo. E só o fizeram, durante o julgamento, por causa das palavras de doutor Carlos Fiúza, enquanto ele defendia Leodegária Moura, após os testemunhos de Cândida, do barbeiro Alírio, do tintureiro Marcone e dos moradores de Dores que tinham sido obrigados a sair da biblioteca a mando de João Francisco de Almeida.

Maravilha os policiais — as testemunhas mais importantes — durante o julgamento serem tomados pela emoção entremeada de razão. Maravilha o que algumas palavras, ditas de uma certa forma, podem fazer na cabeça e no coração das pessoas.

E a confissão dos dois policiais tirou as restantes dúvidas. Fez com que os jurados, também tomados de razão entremeada de emoção, votassem por uma pena branda. Não havia sido homicídio doloso, afinal. E ré primária, com bons antecedentes, etecétera etecétera. O juiz, que antes só lia os livros jurídicos que tinha em casa — uma dúzia de livros encadernados com capa vermelha,

pra combinar com o vermelho de um quadro na parede —, já estava gostando de ler romances policiais na biblioteca; decidiu, com um sorriso, pela seguinte pena: Leodegária Moura prestaria serviço à comunidade de Dores, e o serviço seria criar um tipo de bibliocanto leve e inofensivo, algo que apoiasse livros mas que não oferecesse nenhum perigo de acidente, e para isso ela deveria continuar trabalhando na Biblioteca Umbelina Gomes. Lembrou que Umbelina Gomes era o nome de uma singela senhora dos anos 1940, excepcional criatura que não sabia ler, mas contava histórias de um modo encantador. O juiz disse ainda que aquela biblioteca guardava um grande mistério e por isso merecia uma pessoa envolvida com histórias.

Os dois policiais: Maurinho da Lourdes e Zeca Valfredo. Afinal, duas personagens muito significativas. Seria uma desconsideração literária humanitária documentária não dizer os nomes Zeca Valfredo e Maurinho da Lourdes. Que cumpriram pena por cumplicidade e calúnia, mas não por muito tempo, por motivo de bom comportamento na Cadeia Municipal de Dores do Indaiá.

A dona Terenciana? Continuava se sentindo a dona dos livros. A dona da biblioteca. Fez tudo o que pôde pra atrasar a volta de Leodegária à biblioteca. Contratou advogado, contestou a decisão do juiz, que pena branda mais esquisita é essa, o juiz endoidou, ele deu foi um presente pra ré, tem que haver uma intervenção nesta cidade do oeste de Minas, usou influências políticas. Mas um dia, ao chegar em casa, viu que Afrânio e Heloísa estavam doentes. Gravemente doentes. Tinham até febre alta.

Eles haviam dito que só voltariam a comer direito quando Leodegária voltasse a trabalhar na biblioteca.

Embora adorasse uma formalidade, fazendo questão de que os filhos a chamassem de dona Terenciana, em

vez de mãe; embora adorasse mandar alguém fazer alguma coisa; embora se sentisse a dona da biblioteca, dona Terenciana era até uma pessoa razoável. Tinha lá um coração. De pedra, certamente. Mas não pedra diamante. E sim sabão de pedra, que com água amolece.

Amava os filhos, apesar do mandonismo, apesar da formalidade.

Ao vê-los tão doentes, largou de mão a pendenga do julgamento e chamou Leodegária de volta ao trabalho.

E recebeu-a bem, com disposição e blêizer novo, em meio aos alunos, que se esmeraram em apresentar um jogral, um número de dança da Festa do Rosário e uma adorável canção de boas-vindas.

Teve um aluno, o Almiro, ele pegou o microfone e falou: um tempo atrás, a Gária não pôde organizar o festival de música, mas ela sempre soube ver o quanto a infância e a juventude gostam de música. Daí, a gente fez essa música pra ela.

A Glorita também pegou o microfone: o verdadeiro festival de música tem que ter um ritmo de liberdade.

Dona Terenciana bateu palmas, cumprimentou Leodegária, respirou fundo, sorriu, ajeitou a gola da blusinha branca sob o blêizer novo, que era azul-turquesa.





Algumas revelações

Bem antes do julgamento, da sexta estante a sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê havia ficado quase completamente vazia por um bom tempo. Um dia, dona Terenciana foi ao quartinho dos fundos pegar uma lata de arroz e resolveu dar uma olhada nos livros que havia escondido lá. Abriu um ou outro. E descobriu que não havia mais nenhum escrito acrescentado.

— Uai... A cor violeta da canetinha iriscor desapareceu...

Ela constatou, espantada.

Na verdade, a pessoa autora dos escritos utilizava a canetinha iriscor número seis, a que tinha uma tinta que, ao ser utilizada, durava seis meses. Depois, a tal tinta sumia, desaparecia totalmente. Era só uma maneira de chamar a atenção. Não estragava nem sujava livro nenhum.

Tudo isso dona Terenciana ficou sabendo mais tarde, quando conversou sobre canetas com o Ananias da Papelaria Papel de Estudante.

Ela chegou a perguntar pro Ananias: quem costuma comprar essa canetinha aqui? Achou que finalmente ela mesma desmascararia a criatura estúrdia escrevente. Mas o Ananias: faz tempo eu não vendo mais dessa canetinha, só encomendei uma vez. Custa muito caro, achei que não convinha encomendar de novo. Não lembro quem comprou as únicas seis canetinhas que eu tinha, faz muito tempo, a senhora entende, tem hora eu atendo vinte pessoas de uma vez.

Dona Terenciana pensou: eta homem imprestável esse Ananias.

E pensou no detalhe seis canetinhas.

No detalhe iriscor número seis.

No detalhe a tinta dura seis meses.

E pensou no detalhe seis dicionários.

No detalhe seis sentidos de livro.

No detalhe sexta estante.

No detalhe sexta prateleira.

E ajeitou a gola da blusinha branca sob o blêizer azul-turquesa.

Eu acrescento o detalhe seis folhinhas de planta-verde-da-várzea. Mais o detalhe seis milhões de falta de sentido.

Naquele dia, assim que verificou o desaparecimento da cor violeta da canetinha iriscor, dona Terenciana levou os livros de volta pra sexta estante da biblioteca.

A sexta estante diante da janela de vidro bisotê.

Dona Terenciana inventou a história de que alguém devolvera os livros, porque a tal pessoa decerto se arrependera do mal que fizera à cultura da cidade. Dona Terenciana não se identificou, não se apontou como a fazedeira do mal. Como eu já disse, ela era até uma pessoa razoável, mas daí a dizer que assumiria todos os erros e pediria desculpas, já seria demais.

Não vou mostrar fios de ouro num pano bordado com lantejoulas.

E coisa e tal.

E coisa e mais coisa.

Todo mundo ficou sabendo que os escritos tinham desaparecido. Menos o escrito no último único restante livro, o que era de exato assim: no livro em branco, eu mando escrever o que eu quero. Afinal, esse escrito tinha sido feito por dona Terenciana, que usou uma canetinha iriscor comum. Usou pra estragar mesmo. E também

usou, principalmente, pra expressar o que mais gostava de fazer na vida: mandar. Ao escrever: no livro em branco, eu mando escrever o que eu quero, ela fez uma espécie de terapia, não se deixou ficar melancólica, desabafou, revelou suas entranhas.

Pois bem. O tempo foi passando e quase todo mundo já estava esquecido daquela história de alguém entrar na biblioteca durante a noite e acrescentar uns escritos nos livros.

Quase todo mundo já nem falava mais na criatura escrevedora de Dores.

Houvera a espera do julgamento e a criatura nunca mais aparecera.

Houvera o julgamento.

E Leodegária já voltara a trabalhar normalmente.

A gente fala normalmente, mas qualquer um pode imaginar que ela sentia um arrepio, sempre que entrava de novo na biblioteca. Vinha-lhe logo à mente aquela tarde terrível. Quando se sentava no tapete com almofadas, pra ler ou contar histórias, vinha a imagem de suas mãos à cata de um suporte de aço, acompanhada da imagem de João Francisco caindo no chão com os olhos abertos. Mas ela fez questão de providenciar, com a ajuda de um marceneiro, um bibliocanto de madeira leve e torneadinha, que não oferecia perigo de machucar. Era preciso evitar outros assassinatos, ela pensava, aterrorizada, embora soubesse que isso já estava virando neurose paranoia delírio.

Outra coisa, olha só, fazia tempo a tia Jovita já tinha feito as pazes com o tio Pedro. Vai ver os últimos capítulos da novela de rádio eles ouviram juntos, na cozinha, de mãos dadas.

Preciso esmiuçar alguma coisa sobre tia Jovita. Não convém continuar dizendo apenas tia Jovita, de como se ela fosse uma sombra, um olhar de soslaio. Ela era a

namorada a mulher a melhor amiga do tio Pedro. Careço de dizer que era alta, magra, de cabelo curto batidinho na nuca. Vira e mexe, cantava uma música da Dolores Duran. Usava umas sandálias trançadinhas na perna. Na orelha, inquietos brincos de argola.

Preciso contar também que a dona Nenzinha acabou confirmando a sua suspeita. As chávenas de porcelana francesa e as bordas de ouro do caderno de recordação eram coisas de aristocráticas. Ela teve a prova disso numa manhã, quando não resistiu mais e foi à biblioteca. Chegou a sentir falta de ar, quando abriu o livro grosso, de folhas fininhas, e pensou: não arredo o pé daqui sem saber o que é aristocráticas. Embora já suspeitasse que lá em Mogi das Cruzes, na casa da prima Odete, as bordas de ouro do caderno de recordação já ornamentavam uma resposta. Do mesmo modo em sua casa, na cristaleira, as chávenas de porcelana francesa.

O letreiro armarinhos permaneceu daquele jeito, sabe-se lá se lá ainda havia alfinete, elástico, retrós de linha, colchete, gorgorão. Ou se escondia alguma coisa ou alguém. A dona Terenciana acabou indo ao cartório de registro de imóveis, descobriu que o dono se chamava Lucas Toledo, Lucas Toledo que ninguém nunca viu mais gordo, pra onde foi, será que fugiu, será que mexia com coisa ilícita, a palavra ilícita foi muito procurada nos dicionários, mas ninguém encontrou nenhum rastro desse tal de Lucas Toledo, como pode ser uma coisa dessa, um homem compra uma loja, diz que enche a loja de estoque, prega na entrada da loja uma placa com o escrito armarinhos, e depois abandona o negócio, dinheiro ninguém joga fora desse jeito, aí tem coisa, sopra o vento do mistério sobre os telhados do mundo.

Leodegária Moura continuou conversando com o letreiro armarinhos, sempre que passava na Rua da Santa Cruz. Continuou dizendo pra loja o que tinha vontade de dizer. Intenção de obter resposta ou

comentário? Claro que não. Claro que sim. O silêncio do letreiro armarinhos repetia o silêncio do cotidiano de todas as criaturas: a falta de sentido em tanta coisa e coisa. E essa falta de sentido era muito açuladora.

Dalvino, o irmão de Tetê, morreu antes de completar trinta anos, como a maior parte da família. No caso dele, problema nos pulmões. Bem que Tetê falava pra ele abrir a janela do quarto, que o cheiro de mofo podia fazer mal. Tetê continuou serelepe, não sofreu de solidão. Depois da morte do irmão teimoso, passou a ter liberdade dentro de casa e fazia questão de abrir, a cada manhã, uma por uma, todas as janelas da casa.

Coisa ou outra:

Das Mercês continuou com o vazo de estalar os nós dos dedos, sempre que lembrava de assombração.

A dona Vivita da Padaria sempre repetia a latomia de que a Leodegária ia de bicicleta pra escola, calça comprida, cabelo solto, essa aí não me engana, cremdeuspai. No entanto, a Leodegária só foi de bicicleta uma única vez, de quando esteve acamada por causa de gripe e acabou acordando tarde e então pediu emprestada a bicicleta do Juca do Ingué, que trabalhava num mercadinho na beira da estrada no rumo de Estrela do Indaiá e por sorte naquela manhã estava de folga. Veja só que coisa: abastou a dona Vivita ver a Leodegária ir de bicicleta pra escola, uma única vez, pra sair proclamando que ela vivia indo de bicicleta pra escola, como se bicicleta fosse o meio de transporte diário de todo dia pra sempre. Fazer o quê. Contar. Eu só posso contar.

André e Angelina, de quem pouco falei, mudaram pra Governador Valadares. Diz que Angelina casou com um norte-americano muito rico, mas que ela estuda até hoje, parece que já fez um doutorado. Diz que André é mais simples, usa óculos por causa da miopia, trabalha o dia inteiro numa loja de brinquedos, mas ele é o dono,

inventa brinquedos de material que as pessoas jogam fora, ainda não casou.

Uma vez, Cândida disse que Leodegária gostava de olhar pra Serra da Saudade, lembra? Seu Cassiano Alvalade perguntara se a professora tinha o vazo de espichar os olhos pra montanha e ficar com cara de madalena arrependida. Resposta da Cândida: de fato, a Gária gosta de olhar pra montanha, pra Serra da Saudade, mas não tem cara de madalena arrependida de jeito nenhum. A Gária tem cara de alegria pura concebida sem pedaço original, ela adicionou. E assim foi. Diz que esse vazo de olhar pra Serra da Saudade é de fato uma coisa que compõe a Leodegária Moura, importantemente.

Carminha, Helena e Inês, as do assunto linhagens nobres: a primeira, a mãe, a dona Maria do Carmo, de apelido Carminha, começou a sofrer do mal de Alzheimer, esquece as coisas do presente e lembra com vigor das coisas do passado; a segunda, a filha mais velha, abriu o Helena Café, na subida do Morro da Capelinha; a terceira — Maria Inês Lorena —, a filha mais nova, virou a principal locutora da Rádio Dorense.

Veludo, o cão de Jurandir, viveu muito feliz até o dia em que o dono foi morar e estudar em Lisboa. Tia Jovita ficou com Veludo, deu carinho, deu ração especial, mas Veludo não suportou a saudade de Jurandir. Morreu um mês depois, sem nunca mais comer, nunca mais latir. Apareceu morto numa manhã, ao pé da cama do dono que ele amava.

Marlene, a empregada, pegou a mania de ouvir novela de rádio.

Não se soube o motivo de tia Márcia ter voltado toda felizinha lá de Bom Despacho. Ela tinha visto a borboleta azul das brenhas? Terezinha bem que perguntou quinhentas vezes. Dorinha também especulou. Mas tia Márcia jamais revelou o tal motivo. Só garantiu que não

se tratava de namorado: vocês jovens pensam que alegria é arranjar namorado, só arranjar namorado, eu hem, tem mais alegria no mundo, Deus me perdoe. E também não se descobriu pra onde o vô Olinto viajara de clandestino. Vô Olinto e tia Márcia, duas viagens, esse mistério que vai e vem de mala e cuia.

E lembra da escritora Marismênia de Oliveira? Ela havia sido avisada de que em breve conversaria com os leitores de Dores, na biblioteca. Por causa daquele tanto de coisa terrível que aconteceu, o encontro com a escritora teria que ser adiado pra não sei quando, sabe-se lá quando, só Deus sabe quando. Afinal, coisas de advogado e de julgamento demoram. Arrastam-se. Haja paciência. Naqueles dias do grande tumulto, Leodegária uma hora finalmente pediu que Cândida telefonasse pra escritora e explicasse o que tinha ocorrido. Explicasse também que a viagem da escritora de Divinópolis a Dores do Indaiá teria que ficar pra só Deus sabe quando. Isso na melhor das hipóteses, porque poderia acontecer de Leodegária Moura nunca mais voltar a trabalhar na biblioteca.

Em Dores ainda tinha esse tipo de coisa.

Uns mandos e desmandos.

Abasta porfiar os nomes dona Terenciana, vereador Juliano Ambrosino Telmo, prefeito fulano beltrano ou sicrano de tal.

E ainda ia demorar pra um dia Leodegária tomar expediente de defender o seu trabalho, custasse o que custasse. Ela, que adorava dizer o que tinha vontade de dizer, um dia adoraria também fazer o que precisava ser feito, ara mas tá.

Pois bem. Naquele tempo de antes. Cândida foi ao posto telefônico e ligou pra escritora. Contou sobre as coisas terríveis que haviam acontecido, falou sobre a tristeza de todos os alunos, disse que era impossível recebê-la em Dores naquele momento, que ela merecia

ser muito bem recepcionada, que todos sentiam muito, pediu desculpas pelo transtorno; falou que, certamente, um dia o encontro seria remarcado. Disse também que a Leodegária tinha o costume de convidar escritores pra dar um curso de corte e costura na biblioteca. Perguntou se ela aceitaria um convite assim. Marismênia de Oliveira comentou: um curso de corte e costura? Maravilha. Podem contar comigo. Assim que as coisas estiverem mais calmas, por favor, me chamem.

Assim que as coisas estiverem mais calmas.

Até parece.

Marismênia de Oliveira já era uma escritora, tinha publicado o livro *As coisas aconteceram assim*, vai daí não esperou que as coisas estivessem mais calmas, não resistiu à ideia de viajar pra Dores imediatamente. Não carecia de ser chamada por gente ou outra; ara mas tá, ela mesma se chamava se convidava se acenava: vem vem vem. Pôs algumas roupas na mala e pegou o primeiro ônibus pra Dores naquele dia.

Ela não ia perder aquele conflito todo.

Ver Dores inteira em polvorosa.

Observar o rosto de cada um.

Assim que chegou em Dores, tratou de se hospedar num hotelzinho simples, mas perto do Largo da Igreja de Nossa Senhora das Dores.

E tratou de andar por Dores.

Ela era uma escritora e precisava sentir Dores.

Viver Dores.

Precisava saber se as coisas aconteceram assim.

Se as coisas não aconteceram exatamente assim.

O hotelzinho servia um café da manhã muito gostoso farto animoso. E da janela do seu quartinho de hotel, Marismênia via a beleza o mistério a angústia da Serra da Saudade.

Resolveu ficar em Dores pelo menos uns dez dias.

Queria ver e ouvir coisa e coisa.

Deu prazo pra ouvir e ver murmuradas verdades, retumbantes mentiras.

Chegou a lembrar da música: “quanta verdade tristonha ou mentira risonha uma carta nos traz”.

E no dia em que voltou pra Divinópolis, quase morreu de vontade de correr e contar tudo pra Adélia Prado.

Adélia, precisa de ver, lá em Dolores tem uma história que só vendo. Mas ela não tinha nenhuma intimidade com a famosa escritora.

No entanto, já não há travo de agora, neste ágil, secreto ir-se por caminhos que se chamam, a vontade de contar aquele tanto de coisa e coisa e mais coisa só fez aumentar.

Muitos anos depois, por caminhos que se entrecruzam, se movem por entre verdes e verdes numa tarde fria, quando entrou no Café Serra da Saudade em Belo Horizonte, na Rua Dolores do Indaiá, Marismênia viu num cantinho sob uma réstia de sol uma outra escritora que ela já conhecia de nome. A tal estava tomando chocolate quente. Sob uma réstia de sol, com um colarzinho de prata sobre a blusinha preta. Ao lado da xícara, um livro de José Saramago.

Todas as outras mesas estavam ocupadas, vai daí Marismênia pensou em pedir pra sentar com a escritora, que, de vez em quando, abria o livro de Saramago e lia uma frase ou outra. Marismênia hesitou um pouco. Só sabia que era ela por causa de uma entrevista na televisão. Ficou um tanto sem graça, ali de pé no meio da cafeteria. Mas criou coragem. Posso me sentar com você? A fã de Saramago: por favor, fique à vontade. Marismênia sorriu e pediu a mesma coisa: chocolate quente. A tarde fria pedia mesmo chocolate quente.

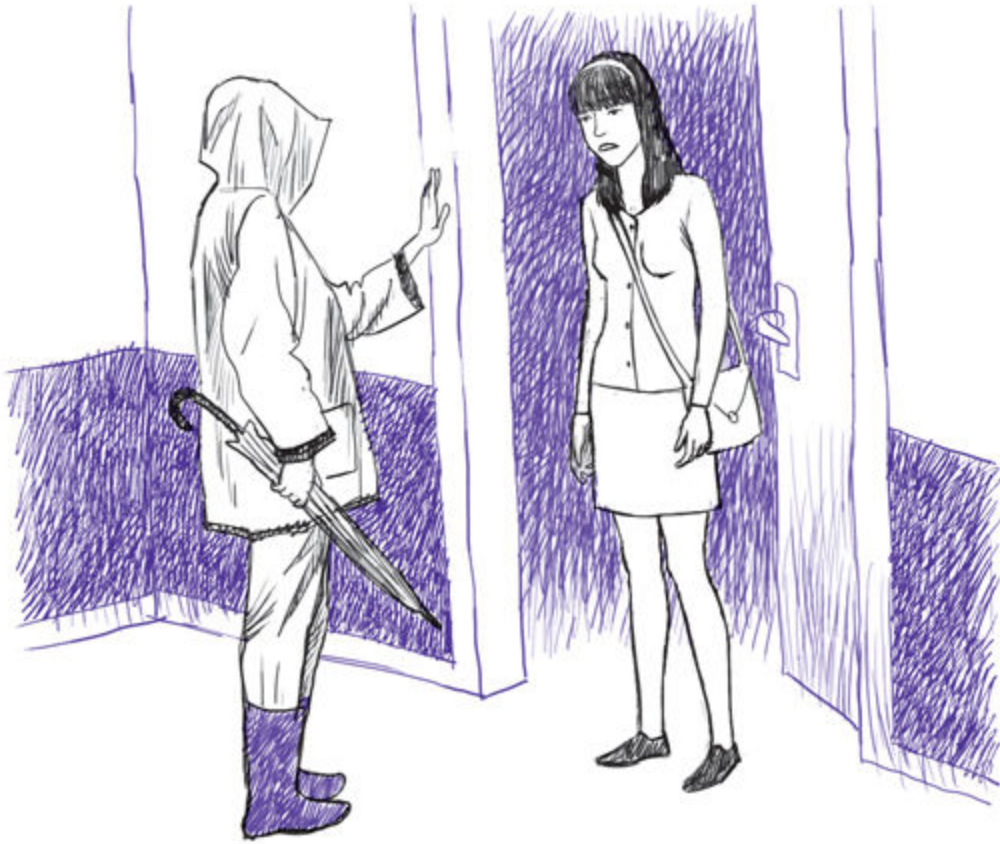
E começaram a conversar. Num instante, parecia que já se conheciam em desde o ano da morte de Ricardo Reis. Era a certeza que se oferece e se esquiva; o espinho, a dúvida e o medo também já não doem.

Era um tudo ser sem saber que é.

Então, dali mais um pouco, olha lá a Marismênia de Oliveira porfiando os nomes Café Serra da Saudade, Rua Dores do Indaiá.

De que perdidos e indecifráveis roteiros?

Contou que havia estado em Dores por duas vezes. Na primeira, tinha passado uns dez dias. Na segunda, ficara só um dia, mas um dia inteiro, dando um curso de corte e costura. A outra escritora riu. Concordou que o nome do curso era bonitinho demais da conta e combinava com escrever em Dores ou sobre Dores. Que os nomes Dores, corte e costura e Serra da Saudade eram nomes inspiradores e, por falar em nomes inspiradores, outra coincidência: o livro que estava lendo era *Todos os nomes*.



E depois, olha lá a Marismênia contando aquelas coisas todas de Dore. As suaves e as terríveis. E virou e falou: pode escrever essa história, se quiser. Eu estou envolvida com outros projetos. E também eu acho que essa história faz mais o seu estilo. A fã de Saramago: posso mesmo? Estou muito tentada. Gostei de vera desse mistério da estante de livros. E sabe o que me dá mais vontade de escrever essa história? É bisotê. Quando você falou janela de vidro bisotê, senti uma coisa, Nossa, bisotê é uma delícia.

E o tempo nove fora tempo.
Passa esponja na cortina que o tempo, célere, tece.
Uma janela invisível espreita a vida, lá fora.

E tudo parecia estar mais sossegado.

Mais rotineiro.
No entanto, teve aquela noite.
Aquela noite de chuva e vento.

Depois de algumas noites quentes e secas, veio aquela noite de chuva e vento.

Uma chuva forte. Um vento quase gelado.

Leodegária se aprontava pra fechar a biblioteca e ir embora descansar. Foi então que apareceu a Lilica, com sombrinha e capa de chuva.

— Boa noite, professora. A senhora me espere, por favor.

Lilica pediu, deixando a sombrinha num canto, perto da porta.

Depois, tirou a capa de chuva e a colocou pendurada na maçaneta da porta.

Leodegária sentiu um arrepio. Mas olhou pra Lilica.

— Como vai o Gabriel?

— Está melhor.

— Os pesadelos diminuíram?

— Diminuíram, porque a criatura que escreve nos livros parou de escrever.

Então Leodegária se armou de coragem, respirou fundo, e perguntou:

— E se a criatura voltar a escrever nos livros? O que acha que pode acontecer?

Lilica fincou os olhos no chão.

— O Gabriel vai ter pesadelo um atrás do outro, de novo.

— A criatura pode voltar a escrever, viu, Lilica? Quem gosta de escrever, um dia ou outro volta a escrever, sabe? É uma febre. Uma obsessão. Quase uma loucura.

Lilica manteve os olhos no chão. Não obstante, parecia mais tranquila.

— Marquei uma consulta pro Gabriel, lá em Belo Horizonte.

— Com um psiquiatra?

— Um tal de doutor Melgaço. Dizem que é muito bom. A consulta é cara, quem vai pagar é a dona Geralda.

— Você voltou a trabalhar pra ela?

— Não senhora. Ela falou que não precisa mais de empregada. Mas ofereceu pagar a consulta, em consideração aos anos que eu trabalhei pra ela, sabe?

— Que bom.

— Eu vim aqui pra falar outra coisa pra senhora.

Lilica levantou os olhos. E fixou os olhos atarantados nos olhos verde-crê. E foi e disse:

— Eu continuo contra essa biblioteca. Esse vezo que a senhora tem de falar de livro. De trazer escritor. De atrair escritor de tudo quanto é tipo, até escritor que entra aqui de noite e escreve escondido.

Leodegária, de repente, não teve nenhum medo de Lilica. Sorriu. Ajeitou a bolsa no ombro. E virou e falou:

— Mais do que atrair escritor, eu gosto de atrair leitor, viu, Lilica?

— A senhora é muito metida com esse embondo de livro e leitura e liberdade.

— Acabou de dizer três sinônimos!

— A senhora gosta de sinônimos. Eu prefiro antônimos.

— Sei que também consulta o dicionário, Lilica. Isso é muito bom.

— Muito bom mesmo eu saber o antônimo de liberdade!

— Lilica...

— O meu filho vai consultar com um psiquiatra, por sua causa.

— Ô Lilica... Já botou reparo que todos os outros jovens de Dores também vivem nessa biblioteca e só o seu filho tem pesadelos horríveis?

— O meu filho é mais fraquinho da cabeça.

— Ele precisa de tratamento.

Lilica de súbito nem um pouco tranquila.

— A senhora acha que se livrou da cadeia pra sempre? A família do João Francisco tem muito, muito dinheiro. Tenho pra mim que eles vão contratar um outro advogado. Um advogado muito mais famoso do que o metido a sebo que defendeu a senhora, aquele desavergonhado que se amigou com aquela desavergonhada, uma avó que só sabe dar mau exemplo pra neta, a coitadinha da Polidora.

— A Polidora não é coitadinha.

— Claro que é. Pretinha daquele jeito!

— E a dona Judite tem dado um bom exemplo pra neta, um exemplo de que a gente tem o direito de ser feliz.

— Direito de ser feliz...

— Acaba com esses preconceitos, Lilica.

— Professora, se prepare, a família do João Francisco decerto vai pedir um segundo julgamento. A família do João Francisco também tem o direito de ser feliz.

— Você tem mais alguma coisa pra dizer?!

— Diacho. A senhora está com cara de nem-te-ligo-farinha-de-trigo.

— Preciso ir pra casa.

— Odeio esse ar de felicidade que a senhora tem. Mesmo na época em que ficou presa, não perdeu esse ar de felicidade. Tenho vontade de acabar pra sempre com esse ar de felicidade.

— Lilica, eu adoro dizer o que tenho vontade de dizer e estou com vontade de dizer que você também devia se consultar com o tal doutor Melgaço, viu? Você também está precisando de tratar da cabeça.

— Desaforada!

— Além de preconceituosa, você é nervosa demais da conta.

— Atrevida!

- Agora preciso ir.
- Assassina!

Leodegária se lembrou das crianças da Casa de Misericórdia, dos biscoitos de queijo, do veneno de planta-verde-da-várzea. Da verdadeira assassina ali. E soltou uma voz desolada:

- Boa noite, Lilica.

O vigia da escola, que trabalhava até as dez horas, veio se aproximando, solícito:

- Algum problema, dona Gária?

Leodegária abriu uma gaveta da mesa que ficava à entrada e pegou uma sombrinha. Foi saindo e abrindo a sombrinha.

— Não, Afonsino. Nenhum problema. A Lilica já estava se despedindo. Eu também já estou me despedindo. Boa noite! Até amanhã, Afonsino.

- Até amanhã, dona Gária.

Respondeu Afonsino.

E Lilica foi saindo também, devagar, depois de vestir de novo a capa de chuva e abrir a sombrinha.

Lá fora um vento quase gelado.

Uma chuva forte.

Por estas ruas, que asas levariam o menino?

No olhar de Lilica a certeza de que muitas outras coisas terríveis ainda estavam por acontecer.

E essa noite era de vera diferente das outras. Além da chuva forte e do vento quase gelado, depois de alguns dias de calor e secura, havia em toda Dores uma atmosfera de inquietude, sobressalto, apreensão.

Era um ar talvez de abril e de orvalho.

Afonsino, o guarda que guardava durante o dia, até as dez da noite, esperava pelo colega, o guarda que guardaria durante a noite até as sete da manhã.

Pois bem. Afonsino tomou conta da escola e da biblioteca, até chegar o Jerônimo. Às dez em ponto, com capa de chuva e galochas, chegou o Jerônimo.

— Boa noite, Afonsino.

— Boa noite, Jerônimo.

Ei-ai. Sempre chega esta hora.

Lá envou eu revelar quem era a criatura que fazia os acrescentamentos nos livros durante a noite.

Após muitos anos sem aparecer pra acrescentar coisa ou outra nos livros da sexta prateleira da sexta estante que ficava de frente pra janela de vidro bisotê, a tal criatura reapareceu exatamente naquela noite de vento quase gelado e chuva forte. Sabia que agora a biblioteca dispunha de um guarda que tomava conta, porque a dona Terenciana mandara providenciar um guarda pra de noite e outro pra de dia.

A criatura escrevente escrevinhadora escrevedora sabia que encontraria alguém tomando conta dos livros. Mas não abriu mão de fazer, pelo menos mais uma vez, a sua intervenção parceria paráfrase.

Chegou às onze e cinquenta e dois.

Veio com um guarda-chuva enorme.

Parou diante do portão da escola. E gritou:

— Jerônimo! Ô Jerônimo!

O guarda-noturno estava encostado na porta da biblioteca, viu aquele vulto no portão da escola.

— Quem é?

— Por favor, Jerônimo, vem abrir este portão pra mim!

O vulto pediu.

Jerônimo se lembrou do caso dos escritos acrescentados nos livros. Pensou: vai ver é a tal criatura, eta ferro. Depois de tanto tempo, resolveu aparecer de

novo. E eu vou ser o primeiro a saber o nome dessa criatura, Jesus valei-me.

Com capa de chuva e galochas, o guarda-noturno se aproximou do portão da escola. E ouviu a explicação:

— Quando era antes, eu tinha só que pular o portão e abrir a veneziana da janela. Sou magrinho, caibo direitinho na veneziana daquela janela. Mas agora que tem guarda, eu prefiro tomar outro tipo de providência. Prefiro pedir licença. Você me dá licença, Jerônimo? Careço de ler uns livros da sexta prateleira da sexta estante. E escrever umas coisas lá. Eu uso uma canetinha iriscor que tem uma tinta que dura só seis meses. Não quero desrespeitar ninguém. Eu escrevo umas coisas, apenas no intuito de encontrar a pista, a orientação, o caminho, o sinal, o indício, a seta, pra um acontecimento muito importante. Me dá licença, Jerônimo?

Convinha pedir pro Jerônimo perguntar o motivo de ele ter escolhido os livros da sexta prateleira da sexta estante. Por que a sexta estante? Não era só por ser a estante mais próxima da janela de vidro bisotê, claro que não. Ele não precisava dessas facilidades.

Mas nada de pedir pro Jerônimo perguntar o motivo de ele ter escolhido os livros da sexta estante. Prefiro esperar um pouco mais, porque no plano em que se fitam, aquém e além das palavras, havia a memória e a face invisível das coisas.

E o vento do mistério.

Dali a poucos minutos, ele entrou na biblioteca.

Já era meia-noite.

Vai daí ele deixou o guarda-chuva enorme escorrendo água dentro de um vaso de avencas.

Ele foi direto pra sexta estante.

Ficou mexendo em vários livros da sexta prateleira, até escolher um.

Jerônimo se aproximou.

— Vai escrever em qual livro hoje, hem, seu Alvalade?

O pai de Cândida, que tinha uns olhos muito tristes, se virou pro Jerônimo e respondeu:

— Vai ser o último, Jerônimo. A minha aventura termina hoje. Porque, é claro, amanhã você vai contar pra todo mundo que você já sabe o nome da criatura que aparece aqui de noite e faz os acrescentamentos nos livros. Você vai acabar com a minha alegria de viver uma personagem misteriosa. Se vou deixar de ser mistério, a minha aventura não vai ter mais sentido.

Seu Cassiano Alvalade dissera tudo isso com os olhos ainda muito tristes. Mas se surpreendeu com o Jerônimo. Jerônimo que riu e falou:

— Por mim, a sua aventura vai continuar o tempo que quiser. O mistério vai continuar. Eu não vou contar pra ninguém o nome da criatura que apareceu de novo aqui na biblioteca durante esta noite.

Seu Cassiano se animou. Riu também.

— Mas... Você é o guarda-noturno. Você é o responsável pela segurança da biblioteca!

Jerônimo mantendo o riso:

— Vou dizer que não tenho responsabilidade nenhuma com assombração. Assombração é coisa do outro mundo, ara mas tá.

— Isso não vai dar certo... Você vai ser demitido.

— Antes da biblioteca ter vigia, todo mundo achava que era gente viva que escrevia. Agora, todo mundo vai achar que é gente morta. O caso vai tomar outro rumo. Ninguém vai ter coragem de me demitir, porque eu não vou ter culpa nenhuma de aparecer assombração aqui na biblioteca. Eu vou inventar que eu apenas escuto uns

passos andando aqui dentro... Uns passos estranhos no meio da noite... Vou dizer que não vejo nada, só escuto uns passos estranhos perto da sexta estante...

— Da sexta estante e sua sexta prateleira diante da janela de vidro bisotê.

Disse seu Cassiano Alvalade. E piscou o olho direito. E completou, com um sorriso radiante:

— A Das Mercês, uma das amigas da minha Cândida, ela vai ter a prova de que existe assombração de vera. E assombração que escreve! Já a minha filha vive sonhando com um mistério em Dores. Ela não sabe que o pai dela é o maior mistério de Dores. Tem sono profundo a minha filha, nunca dá fé quando eu saio de madrugada.

Jerônimo insistiu com a pergunta que fizera antes:

— Vai escrever em qual livro hoje?

Seu Cassiano Alvalade mostrou a capa do livro. Jerônimo leu o título e observou o desenho da capa. Agitou a cabeça e arregalou os olhos, como se dissesse: parece que é bom, só o título mais o desenho já dão vontade de ler.

Em seguida, Jerônimo falou:

— Seu Alvalade, o senhor é mesmo um mistério.

— Que criatura não é um mistério?

— O senhor trabalha numa sapataria, passa o dia consertando sapato.

— Tem pouco serviço, dá até pra tirar um cochilo de vez em quando.

— Por isso, de vez em quando o senhor dá conta de passar a madrugada escrevendo coisa ou outra nos livros.

— Eu tenho que achar uma pista. Até encontrar essa pista, e agora graças ao seu silêncio, Jerônimo, eu assombração vou aparecer aqui pra escrever uns acrescentamentos nos livros da sexta prateleira da sexta estante, a que fica de frente pra janela de vidro bisotê.

Assim que encontrar, eu assombração vou parar de aparecer.

— Pista de quê?

— Prefiro não dizer do que se trata, antes de encontrar.

— Sei... Outro mistério... O senhor falou que a sua filha, a Cândida, vive sonhando com um mistério em Dores. E que o senhor é o maior mistério de Dores.

— Exagero meu, é claro... Aqui em Dores deve ter mistérios maiores e mais misteriosos.

— Não duvido. Mas, escuta, seu Alvalade, por que o senhor não larga esse serviço besta na sapataria e resolve ser escritor de fato?

— Serviço besta? Esse serviço sempre deu sustento pra minha família, embora a gente não viva com luxo.

— Mas ser escritor deve ser mais emocionante.

— Deve ser mais angustiante, isso sim. Deus me livre de viver numa agonia dessa, sempre à cata de palavras, e esse serviço de embondo mais desajuizado.

— A sua filha ia gostar de ler um bom mistério num livro do próprio pai...

— Ia de vera. Mas eu prefiro dar a ela de presente um livro inédito do maior poeta de Dores, sabe? É mais garantido.

— O maior poeta de Dores é o Emílio Moura... Que eu saiba, publicou toda a obra dele em vida. Se já morreu faz tempo, que livro inédito é esse?

— Outro mistério, por enquanto.

Jerônimo ergueu as mãos no ar, como quem diz: não precisa explicar. E acrescentou:

— Quem também adora um bom mistério é a dona Gária.

Seu Cassiano Alvalade permaneceu de pé, folheando o livro que escolhera naquela noite. E falou, bem devagar:

— Leodegária Moura, a sobrinha do poeta. A odiada sobrinha do poeta.

Jerônimo fez centímetros de silêncio. Depois, sorriu:

— Está aí uma moça que parece que foi feita pro senhor.

Vai daí então seu Cassiano mordeu os lábios e se virou pro guarda-noturno:

— Ela nunca olhou pra mim, Jerônimo.

— Pra ela, o senhor não passa de um sapateiro.

— De fato, não passo de um sapateiro. Ainda mais agora que a Cândida está fazendo faculdade em Belo Horizonte e as duas nunca mais se viram.

— Mas se o senhor resolvesse abrir o verbo...

— **Não dou conta disso**, Jerônimo. É uma carreira cruel, sabe? É muito sofrimento, demais da conta. Prefiro ser leitor. É milhões de vezes mais agradável. Pra amainar o escritor, de vez em quando eu venho aqui e escrevo esses acrescentamentos, pronto. Isso já me dá uma boa alegria, uma grande satisfação, porque nesse caso eu sou uma personagem de mistério. Agora, se eu tiver que surpreender a Leodegária, vai ser com os originais que eu vou encontrar.

— Não vou perguntar sobre esses originais de novo, fique sossegado. Eu também gosto de um bom mistério. Vai, vai, assombração da meia-noite, vai escrever o embondo de hoje!

Disse Jerônimo, rindo e dançando no meio da biblioteca.

Seu Alvalade escolheu uma página daquele livro que tinha nas mãos.

Vai daí Jerônimo se aquietou e resolveu deixar aquela pessoa morta escrever. Foi tratar de deixar aquela pessoa morta escrever à vontade naquele livro da sexta

prateleira da sexta estante que ficava de frente pra janela de vidro bisotê.

Nos olhos daquela pessoa, olhos frequentemente muito tristes, parecia que começava a aparecer uma alegria. Uma alegria antiga. Uma alegria da bisavó Bernardina, que sofria com o marido; que escrevia escondido dele, escrevia nos saquinhos de papel onde trazia o pão pro café da manhã e pro café da tarde. Era essa a única alegria de Bernardina, escrever nos saquinhos de papel de pão.

Escrevia cartas ao marido.

Cartas que ela nunca enviou.

Cartas que ele nunca leu.

Mas que também eram coisa de dar sustança sangue disposição.

Uma alegria antiga.

Que aparecia também nos livros da sexta estante, especialmente naqueles da sexta prateleira de baixo pra cima diante da janela de vidro bisotê.

Por que nessa ordem?

Por que esse mistério?

O número seis renitente: sexta estante, seis canetinhas de cor violeta, seis significados de livro. Mais seis milhões de sabe-se lá o quê.

Ele sabia que o seis o sexto o meia dúzia o levaria à pista que o levaria aos originais do Emílio Moura, aos versos do longo poema **A casa**.

Sabia que a pista havia sido escondida entre os livros da sexta prateleira.

Sabia o nome de quem a escondera e o porquê de ter sido escondida.

Sabia tudo isso e sabia que a pessoa queria que ele escrevesse.

A pessoa queria que ele escrevesse.

A pessoa já havia morrido, mas deixara uma carta pra ele, que a recebeu numa manhã de maio e pôde ler com susto:

Meu irmão Cassiano,

*Estou perto de morrer e não vou morrer antes de te contar um segredo: eu conheci Emílio Moura, o maior poeta de Dores do Indaiá, que foi o melhor amigo de Carlos Drummond. Li os originais de **A casa**, numa noite em que Carlos Drummond e Pedro Nava o convidaram para um recital no Café Serra da Saudade, na Rua Dores do Indaiá, aqui em Belo Horizonte. Eu era uma das colegas do rapaz que organizava os recitais no Café Serra da Saudade. Me ofereci para ler os versos do livro inédito. E os li em voz alta, como você sabe que eu gosto de ler. Li de um jeito que todo mundo ficou encantado, principalmente o Emílio Moura. Sempre tímido, ele custou a ter coragem de se aproximar de mim, mas se aproximou, e disse: cara leitora, que essa tenha sido a primeira e última vez que alguém tenha lido **A casa**.*

*Eu olhei para ele, sem entender. Então ele disse: tenho certeza de que ninguém nunca mais vai ler esse poema desse jeito maravilhoso que você leu. Você lê em voz alta do jeito mais bonito que eu já vi, Nossa Senhora das Dores, que beleza. Portanto, prefiro que queime os versos, assim que for embora daqui. Promete? Promete que queimará **A casa**?*

Não posso prometer uma coisa dessa, eu disse para ele.

***A casa** é um livro de poesia muito bom! Eu afirmei.*

Um dos melhores livros que eu já li na vida. Eu ainda disse.

Mas ele insistiu: cara leitora, prometa que vai queimar e esquecer esses versos. Já publiquei outros livros, já chega. Sou tímido demais para me deixar expor

tanto assim. Não quero publicar mais. Eu quis escrever, pronto, escrevi. Mas publicar, não, não quero mais.

A sua leitura me basta, ele ainda confirmou. E foi tomar mais um cafezinho com o Pedro Nava e o Carlos Drummond. Não olhou mais para mim.

Fui embora do Café Serra da Saudade com os originais na mão. E imediatamente me lembrei de você, Cassiano. Você tem medo do escritor que você é.

Então vai aí uma maneira de te convidar a ler e quem sabe você se atreve a escrever alguma coisa.

*Encontre os versos de **A casa**; em vez de queimá-los, eu os guardei num lugar seguro, e deixei uma pista em páginas esparsas dos livros da sexta prateleira da sexta estante que fica diante da janela de vidro bisotê da Biblioteca Umbelina Gomes. Foi naquela última vez que eu te visitei. Eu imaginava mesmo que era a última vez, já sabia que estava doente, e então eu fui à biblioteca, fingi que estava só lendo, mas fiz o que acabo de dizer, deixei a pista em algumas páginas de alguns livros da sexta estante diante da janela de vidro bisotê. Na sexta prateleira de baixo pra cima, viu? Com essa orientação, você terá acesso aos originais, muito bem guardados num lugar seguro.*

Resolvi desobedecer à ordem do poeta alto e magro, o que tinha um ar de cegonha tímida, como dizia Carlos Drummond. O engenhoso fidalgo que lembrava Dom Quixote, nas palavras de Pedro Nava.

Desobedeci à ordem dele, ara mas tá.

Sou leitora. Portanto, sou livre.

E tenho absoluta certeza de que outros leitores farão outras leituras apaixonadas desse livro magnífico, em voz alta ou em voz baixa, com ritmos de lembrança ou ritmos de esquecimento.

Que pode a alma do tempo?

Quem lembra um dia esquece.

Quem esquece um dia lembra.

*Eu sempre me lembro do olhar tímido do Emílio Moura, no momento em que pediu para eu queimar **A casa**. No fundo, tive a impressão de que ele me dizia outra coisa. Que outra coisa? Talvez simplesmente isto: cara leitora, você é livre.*

Meu irmão querido, leia o que quiser, mas leia, principalmente, os livros da sexta prateleira da sexta estante. São os meus preferidos e estão na estante que certamente seria a preferida do Emílio Moura, se quando era rapaz já existisse essa biblioteca em Dores. Nessas páginas da sexta prateleira da sexta estante é que deixei a pista. Fiz isso para te incentivar a fugir da rotina boba em que você se meteu, depois que a Paula foi embora.

Sua vida tem que ser outra, meu irmão.

Ah, por que o número seis?

*Eu soube, por intermédio de um leitor que também vivia tomando cafezinho no Serra da Saudade, que o Emílio Moura gostava muito do número seis; o poeta estudou um pouco de numerologia e descobriu que o seis representa a casa, o lar, o lugar onde se deseja morar com alegria e riqueza de alma. Daí ele ter escrito **A casa**, simples assim.*

Um abraço da sua única irmã.

Um abraço de uma pessoa que te ama muito.

Um abraço de uma mulher que está muito doente e vai morrer em breve.

Um abraço de uma pessoa que leu muitos livros.

Um abraço de alguém que encontrou a felicidade na angústia e na inquietude dos livros.

*Um abraço da leitora de **A casa**.*

Vai daí, seis abraços de sua irmã Carmosina.

Somente a ele fora confiado o segredo, porque a leitora era sua irmã, sua única irmã, mais velha que ele, que queria pra ele uma vida de livro leitura liberdade.

Uma vida com asas de vento e nuvem.

Então ele procurava.

Nos livros da sexta prateleira da sexta estante.

Em páginas esparsas daqueles livros a leitora de **A casa** deixara uma pista. Uma pista complicada, porque não era uma significância.

A pista era um mistério.

Ele só saberia que aquela era a indicação orientação resposta quando a lesse com o olhar de alguém que lê as palavras pelo simples prazer de lê-las, por causa do som das palavras, por causa da música das palavras, pela simples existência das palavras, sem se importar com os seis inúmeros infinitos não se sabe quantos significados.

O mistério estava naqueles livros.

E ele sabia que a liberdade a sua principal liberdade era escrever.

E se para o seu escrever era necessário assombrar, era uma vez uma história de assombrar.

De como se tudo ali registrado fosse por meio do revestrés de uma ordeira desordem.

Afinal, posso lembrar que humildemente alguém viaja sob a pele do que foi. Marismênia de Oliveira, a jovem escritora de Divinópolis, no início do curso de corte e costura que realizou com os leitores de Dores, falou em assombrar.

Ela disse bem assim: escrever é assombrar. Eu digo: tão fragmento de sombra, tão sombra, já não sou nada.

Entre Dores, sempre um vento frio que não acaba nunca.

Sobre Dores, essa chuva que pode durar o resto da vida.

E coisa e mais coisa.

Seu mundo incorporado à distância.

Fragmentado, perdido, ele se apaga.

Mas ele volta, numa voz, numa forma, num sentido.

Quando apenas a noite e a alma da noite sobem da casa.

Por exemplo: no olhar de Lilica ficou a certeza de que muitas outras coisas terríveis ainda iriam acontecer.

E aconteceram devera outras coisas terríveis, envolvidas em outros mistérios.

Ódio, vingança, inveja, traição.

Um dia ainda conto sobre esses outros mistérios.

Isso não significa que eu não consigo viver sem narrar mistérios.

Mas isso significa que eu não consigo viver sem narrar mistérios.

E então. Tempos depois, Cândida Alvalade voltou a Dores do Indaiá. Durante os quatro anos em que estivera estudando em Belo Horizonte, manteve-se longe da Serra da Saudade, pra economizar o dinheiro que mal dava pras despesas indispensáveis. Mas um dia ela se formou. E já estava com um emprego acertado no bairro Calafate.

Podia visitar o pai, contar que não mais precisaria dividir quitinete com três colegas, que a partir de agora ela teria como viver num quarto e sala, só ela e Deus, e feliz da silva xavier.

Podia rever o pai, com quem manteve contato por meio de cartas. Numa delas, acompanhada de um envelope maior e bojudo, um dia seu Cassiano escrevera:

Filha amada,

*Encontrei o que eu procurava. Demorou mais do que eu queria, mas agora está tudo aí: a última carta da sua tia Carmosina e o longo poema **A casa**, do Emílio Moura. Não me pergunte qual era a pista nem onde estiveram escondidos os originais. Use a imaginação. E tem mais, querida filha: procure uma editora e termine o que a sua tia começou.*

*Um abraço do seu pai,
Cassiano*

Cândida poderia entregar ao pai o livro já publicado, acabado de sair do prelo. Ela daria outro exemplar à Leodegária, que continuava trabalhando na Biblioteca Umbelina Gomes. Aquela biblioteca que não era apenas uma biblioteca de escola, pois tinha o destino de ser a biblioteca de algumas revelações, de um ritmo de liberdade de todas as pessoas e todas as circunstâncias. Batizada com o nome de uma velhinha que não sabia ler, mas que sabia contar histórias de um modo encantador; quem a batizou foram os alunos mais velhos da escola, daí o nome da biblioteca virou também o nome da escola. Aquela biblioteca que tinha uma assombração. Aquela biblioteca sempre cheia de gente. Não havia livro que chegasse pra todo mundo, de tanto que o povo de Dolores já gostava de ler.

A Gária ficaria feliz em saber que de agora em diante a obra inteira do Emílio Moura estaria à disposição de quem quisesse. A professora tomara conhecimento de que faltava o último livro do tio-avô, um longo poema intitulado **A casa**, que ele se negara a publicar, por achar que já havia se exposto o bastante? Não, não era simples assim, ela sabia. O tio-avô era fascinado pelo vento do mistério. Decerto, ele queria que **A casa** escondesse e revelasse outros mistérios. Mistérios davam vida calor entusiasmo ao poeta alto e magro, tímido, arredio, que também desenhava, fazia caricaturas perfeitas, esculpia e pintava, mas vivia escondendo essas catilogências; quem falou que eu esculpo e desenho, eta mentira, muita imaginação desse povo, fica mais um pouco, ainda é cedo, aceita mais uma xicrinha de café?

Um dia, Cândida poderia rever o Jurandir, que voltaria de Lisboa, onde fora estudar e trabalhar por seis anos.

Saberia que a família do João Francisco de Almeida nunca pediu um segundo julgamento, na certa assinando a sentença: infelizmente, o nosso João não merecia tanto.

E saberia o que foi feito da Mariinha, da Polidora e da Das Mercês.

E abriria, no lugar da loja de armarinhos, até então sempre fechada, a primeira livraria de Dores. O tal Lucas Toledo — comprara a loja de armarinhos e depois desaparecera, simplesmente porque ganhou na loteria e foi cuidar de negócios mais rentáveis em São Paulo — um dia apareceu e vendeu a loja pra ela. Que pagou à prestação, entre lâmina e orvalho, um primeiro susto, um eterno fervor.

Então a Cândida tratou de retirar a placa armarinhos e colocar outra, novinha e tranchã:

Sonha Dores

Dentro da loja, livros, muitos livros.

Pois que já tinha muita gente que já queria e podia comprar livros em Dores.

Gente que queria ouvir este canto, mesmo sem saber seu sentido.

Cândida trabalhara três anos no Calafate, economizara o que pôde e comprara a loja.

Abriu a livraria e perguntou ao pai:

— Fantasma da biblioteca, quer trabalhar comigo? A gente pode oferecer também um serviço de conserto de calçados... Quem entrar vai descalçar ou calçar os pés, vai vestir ou despir a alma e o coração. O que me diz?

A resposta foi dada com o olhar mais radiante que ela já viu naquele homem, o irmão de Carmosina, o

abandonado por Paula, o morto, o triste, a assombração que escrevia nos livros da sexta prateleira da sexta estante diante da janela de vidro bisotê.

Leodegária continuou olhando pra Serra da Saudade, vez ou outra.

E agora com novos assuntos, continuou conversando com o novo letreiro da loja da Rua da Santa Cruz.

Toda tarde, depois de sair da biblioteca, ela entrava na livraria.

E assim foi.

Pouco tempo depois, entre livros e cafezinhos, Leodegária e Cassiano começaram a namorar.

O que era apenas névoa de algo impreciso

O que era apenas tímida forma

O que era apenas simples aceno

O que era rastro somente de alada imagem

Súbito vibra, nítido, dentro da casa.

Ao descer do avião que veio de Lisboa, Jurandir sorriu, com o coração sino almofariz batendo ansioso aflito atabalhoadado. Sabia que Cândida o esperava diante da sala de desembarque. Dentro da casa, do mundo, seu doce pulsar antigo.

Era o que sempre houve.

Cândida e Jurandir.

Pensar que tudo começou quando escutei bisotê.

Janela de vidro bisotê.

A partir daí, mistério em todas as folhas.

Sabe-se que as folhas de cada livro elas mesmas se arrepiam de medo das próprias coisas de livro escritas no susto delas.



Emílio Moura

A casa



Não existe mais a casa.
Mas, o menino ainda existe.

Manuel Bandeira

I
Passo esponja na cortina
que o tempo, célere, tece.
Ó sol, ó manhãs, ó fugas!
Sopra o vento do mistério
com seu séquito de mitos
sobre os telhados do mundo.
Que história já foi vivida;
que itinerário, sonhado!
Este eco, esta luz, este halo,
de onde vêm? De que perdidos
e indecifráveis roteiros?
Vêm da lua? Vêm da aurora?
Ou do cometa de Halley?
Ora, em águas de Indaiá,
voga, de novo, um menino.
Que brisas, que asas o levam!
Palavra jamais ouvida
e que tanto se esperava
já não importa. A certeza
que se oferece e se esquiva,
o espinho, a dúvida, o medo
também já não doem. É tudo
um ser sem saber que é.
Já não há travo de agora
neste ágil, secreto ir-se
por caminhos que se chamam,

se entreprocuram, se movem
por entre verdes e verdes
e vão à raiz da aurora
de continentes perdidos.
É dia, menino. É dia!
Escuta: é o coro dos galos
na manhã — lâmina e orvalho.

II

Abro os olhos à memória:
a Casa salta do tempo.
Ah, cheiro de outrora, cheiro
de relva, de terra úmida,
de mofo de sótão, cheiro
de velhas arcas e armários!
Quadros, móveis, corredores,
abstratas salas, janelas,
imaginárias presenças,
perdidos gestos e faces
mudamente se refazem,
ardentemente se animam,
aéreos se escutam, falam
distante, meiga linguagem
tecida de vento e nada.
Quantas formas emergindo,
de novo, de novo salvas,
de furnas e urnas noturnas.
A vida, ao redor, tão clara,
tão segura de cada hora,
de cada gesto, de cada
sorriso, de cada ritmo.
Em cada ritmo, um modo
de ser e sonhar; em cada
súbita imagem, o início

de longa, secreta via
para o outro lado de tudo.
Um janela invisível
espreita a vida, lá fora.
Velhos caminhos se avivam.
Tão leves, para onde vamos?
Transbordamos para o pátio,
vencemos, céleres, áreas
sem limites. Que áureo mundo!

Há valos, córregos, moitas,
inexplorados caminhos
e, ah, segredos!...

Foi àquela
sombra de árvores altas teu primeiro
susto e fervor. Sentiste em certas formas,
ainda imaturas, sim, mas já tão vivas,
tão Vênus,
tudo fundir-se em luz, pétala, nuvem.

III

O que era apenas
eco ou lembrança
de algo impreciso,
de algo despido
de seu sentido;
o que era apenas
tímida forma
dentro da névoa;

o que era apenas
simples aceno,
mudo, no tempo,

aceno, ou sombra
vaga de aceno;
o que era apenas
neutro fragmento
de esquiva fábula;

o que era rastro,
rastro somente
de alada imagem,

súbito vibra,
nítido, nítido
dentro da Casa:
gestos se animam,
se escutam passos
e, avidamente,
a alma se impregna
do ar perdido.

Grito ao silêncio
nomes e nomes.
Que eco responde
da eternidade?

IV

Marca, ó mudo relógio, ah, marca, de novo, o teu
velho ritmo. Rua já desmemoriada, janelas inexistentes,
transeuntes que não conheço:

Que mudas, mudas
estas calçadas!

Onde foi ontem,
que árida sombra
de nós e nada!

V

Por estas salas, que asas
levariam o menino,
que imagens
o embalariam?

Conta, conta, menino!
Que vias nas coisas
uma graça aérea
que só os teus olhos,
puros, percebiam;
que havia uma auréola,
só de ti sabida,
tão nítida, às vezes,
na escada, no teto,
na gentil presença
do álbum de retratos,
em tudo; que havia
um jeito de ser,
tão só teu e delas,
as coisas, um jeito
que anulava a triste
solidão dos homens.
Era um ar talvez
de abril e de orvalho,
talvez do primeiro
despertar do mundo:
uma luz tão outra,
tão fúlgida aquela.
De que astros seria?
De onde, de que páramos?
E certas presenças,
certas descobertas:
algo que nos vinha
súbita revoada,
da região dos mitos.

Conta, conta, menino!

Mas, no plano em que se fitam,
aquém e além das palavras,
como agora se entenderem,
menino e Casa?

Menino,
cala!

Menino, cala. Não viste
o tempo fluir. Fluía.
O rosto contra a vidraça
sofria o jogo das horas,
desse voo, daquela nuvem,
da própria face invisível
das coisas. O tempo fluía.
A rua invadindo a Casa,
vozes de longe chegando,
o mundo crescendo tanto,
o mundo, louco, crescendo,
a Casa diminuindo,
a Casa... a Casa... acabando!

VI

Calas. Teu mundo
rompe-se todo,
já se dissolve,
são mil fragmentos,
fios, condutos,
tantos caminhos,
encruzilhadas,
formas, paisagens

que se misturam,
paradas bruscas,
saltos no tempo,
voltas, mais voltas,
reviravoltas,
trilha perdida,
rastro de nada,
quedas no vácuo,
quedas,
quedas,
que nem te sentes,
nem te decifras.
Apenas vives.
Espelho torto,
vives.
Ou finges, tímido,
ser isso vida.

VII

Talvez mensagens perdidas
de tua alma ainda nos venham
a certa luz de alboradas.
Contudo, agora te apagas.
Já não falas. Teu mundo,
incorporado à distância,
fragmentado, perdido,
também se apaga. E viajas,
com asas de vento e nuvem,
ignotos caminhos de ontem.
Humildemente viajas
sob a pele do que fui.
Como achar-te no tecido
de tantas formas, seguir-te
em nossos mil desencontros,

sob a luz de tantos fogos?
Que cega, louca procura.
Cega, cega. Imaginar-te
tão perto, e sentir-te longe,
longe, cada vez mais longe.

VIII

Recompondo às cegas
teu itinerário.
Que tecido obscuro,
que amálgama forja,
fértil, as imagens
que o fluir do tempo
revela. Que dúbio
sentido me engana!
Das dobras do tempo
saltam tantas horas.
Qual delas me fala?
A que um dia abrira,
rútila, as asas
sobre o que nem houve?
A que fora apenas
eco, ah, tão límpido,
já que inexistente?
Em qual te descubro,
em qual me revelas?
Na que foi urdida
com ritmos de nada,
ou na outra, a de timbre
duro, seco, ríspido,
já esta lavrada
na carne, no espírito?
São tantas! Agora,
desfilam e formam

sombras, eu sei, sombras
de inúmeras outras
jamais percebidas
no irreal quadrante.
E todas, mas todas,
sopro no ar, tornaram
tudo imaginário.

IX

Ó ser imaginário que tantas e tantas vezes ainda
flutuas sobre esta alma de agora (também imaginária?)
forjada apenas de impossíveis, de cinza e não;

Ó ser, já agora abstrato, mil vezes recriado,
Outras mil vezes destruído:
eis que apenas a noite e a alma da noite
sobem da Casa.

X

A alma em transe da Casa já não fala.
Tudo anoitece: a vida e seu sentido.
Que pode a alma do tempo, já perdido,
compor, à tarde, à luz que lhe roubamos?

Pairas em vão no ar, Casa vivida.
Que abstrata arquitetura ainda levantas
nesse jamais que acende no horizonte
a ânsia de eterno de que vive a vida?

Em que curva do tempo te procuro,
em que móvel desenho, em que momento,
em que voz, em que forma, em que sentido?

Ouço-te o a sós desmoronar obscuro.

Já nem sou mais nas fábulas que invento,
ó morta luz, ó diálogo esquecido!

XI

E sob as franjas da noite
que, muda, já se confunde
com o sono irreal do tempo,
cerro os olhos à memória,
fecho os ouvidos à Casa.

A vida calou seu ritmo,
seu doce pulsar antigo,
onde, às vezes, de tão plena
não cabia, transbordava
e ia criar mil vidas
em outros planos. Eternos!
Mundo cego, a sombra cresce,
abstrata, muda, no tempo.
Cresce, cresce. Tão pequeno,
tão fragmento de sombra,
tão sombra, já não sou nada.
Apenas parte, ah, tão leve,
desta sombra que me apaga,
dentro da Casa, do mundo,
deste vácuo que me apaga
em mim.

O poema **A casa** foi tirado do livro *Poesias de Emílio Moura*, introdução e seleção de Fábio Lucas. São Paulo: Art Editora, 1971.

EMÍLIO MOURA é mineiro de Dolores do Indaiá; nasceu em 14 de agosto de 1902 e morreu em 28 de setembro de 1971. Formou-se em direito. Participou ativamente do Modernismo brasileiro. Fez parte da famosa geração que renovou a literatura em Belo Horizonte, ao lado de Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, nas décadas de 1920 e 1930. Foi um dos fundadores de *A Revista* em 1925. Entre 1928 e 1931, exerceu o magistério na Escola Normal Oficial de Dolores do Indaiá. Em Belo Horizonte, trabalhou nos jornais *Diário de Minas*, *Estado de Minas* e *Tribuna*. Publicou, entre outros, *Ingenuidade*, 1931; *Canto da hora amarga*, 1936; *O espelho e a musa*, 1949; e *O instante e o eterno*, 1953.

Créditos

No capítulo “As pessoas e as circunstâncias”, trecho do poema “Um cão chamado Veludo”, de Luiz Guimarães: “Magro, asqueroso, revoltante, imundo, para dizer numa palavra tudo, o mais feio cão que houve no mundo.”

No capítulo “Algumas Revelações”, trecho da letra “Mensagem”, de Cícero Nunes e Aldo Cabral: “quanta verdade tristonha ou mentira risonha uma carta nos traz”. Copyright © 1946 by Todamérica Edições Ltda. (sucessora da Ed. Musical Brasileira).



STELLA MARIS REZENDE é mineira de Dolores do Indaiá. Mestre em literatura brasileira pela Universidade de Brasília, escritora e atriz. Já publicou dezenas de livros, para adultos, crianças e jovens. Recebeu prêmios importantes, entre eles: João-de-Barro (1986, 2001 e 2008), Altamente Recomendável para Jovens/FNLIJ, Prêmio Fundação Biblioteca Nacional/Bolsa para Autores com Obra em Fase de Conclusão (2007), Literatura Para Todos/MEC (2008), Barco a Vapor 2010/Fundação SM e três indicações ao Jabuti. No final dos anos 1970 e no início dos 1980, interpretou a Fada Estrelazul do programa *Carrossel*, da TV Manchete/Brasília, e a Tia Stella do programa *Recreio*, da TV Record/Brasília. Viveu parte da infância em Belo Horizonte, mudou-se para Brasília em 1962 e desde 2007 vive no Rio de Janeiro. *A sobrinha do poeta* é seu segundo livro pela Editora Globo. O primeiro, *A mocinha do Mercado Central*, traz ilustrações de Laurent Cardon e foi publicado em 2011.

